

UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO MESTRADO EM  
HISTÓRIA

**Renato Peterli Camargos**

**ASSOCIAÇÕES E MEMÓRIA DA IMIGRAÇÃO  
ITALIANA EM VENDA NOVA DO IMIGRANTE–ES  
(1959 – 2020)**

Niterói/RJ

2020

**RENATO PETERLI CAMARGOS**

**LINHA DE PESQUISA:  
POLÍTICA, MOVIMENTOS SOCIAIS E MEMÓRIA**

**ASSOCIAÇÕES E MEMÓRIA DA IMIGRAÇÃO ITALIANA EM VENDA  
NOVA DO IMIGRANTE–ES (1959 – 2020)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira, campus Niterói, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em História.

Orientador(a): Prof. Dra. Érica Sarmiento da Silva.  
Coorientador(a): Prof. Dra. Chiara Pagnotta  
(Universidade de Barcelona)

Niterói/RJ

2020

## FICHA CATALOGRÁFICA DA BIBLIOTECA DA UNIVERSO

### CIP - Catalogação na Publicação

C172 Camargos, Renato Peterli.  
Associações e memória da imigração italiana em Venda Nova do Imigrante-ES (1959 – 2020). / Renato Peterli Camargos. -- Niterói, RJ, 2020.  
159p.; il., color., maps., tabs.  
Referências: p. 147-154.  
Anexo(s): p. 155-159

Orientadora: PhD. Érica Sarmiento da Silva.  
Co-orientadra: PhD. Chiara Pagnotta.  
Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Salgado de Oliveira, 2020.

1. Italianos - Venda Nova do Imigrante (ES) - História. 2. Imigração italiana. 3. Memória. I. Título.

CDD 981.52

Elaborado pela Biblioteca Rachel de Queiroz, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a), sob a responsabilidade de Sirléia Rodrigues de Mattos - CRB-7/5230.

## FOLHA DE APROVAÇÃO PÓS-DEFESA

RENATO PETERLI CAMARGOS

“ASSOCIAÇÕES E MEMÓRIA DA IMIGRAÇÃO ITALIANA EM VENDA  
NOVA DO IMIGRANTE-ES (1959-2020)”

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Salgado de Oliveira, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História, aprovada no dia 23 de junho de 2020 pela banca examinadora, composta pelos professores:

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Érica Sarmiento da Silva

Professora Colaboradora do PPGH em História da Universidade Salgado de Oliveira  
(UNIVERSO)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Chiara Pagnotta

Professora da Universidade de Barcelona (UB)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rosane Aparecida Barthollazi

Professora da Fundação de Apoio à Escola Técnica (FAETEC)

Prof. Dr. Marcelo da Silva Timotheo da Costa

Professor do PPG em História da Universidade Salgado de Oliveira (UNIVERSO)

Digitalizado com CamScanner

## **DEDICATÓRIA**

*Dedico este trabalho a todos os injustiçados do planeta. Todos os escravos, todos os servos, todo o proletariado. A todos que foram subjugados pelas forças opressoras ao longo da história. Todos os ateus, bruxas, favelados, imigrantes, analfabetos, pretos, homossexuais, famintos e órfãos. Nesse momento atual de ataque à educação brasileira, que esse pequeno trabalho possa ser mais um instrumento de reflexão que sirva para a libertação dos homens.*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, à minha mãe, Deolinda Peterle, pelo incondicional apoio em casa e nas diversas necessidades que o estudo solitário em frente ao computador exigiu para realização deste trabalho. Muito obrigado por tudo.

Agradeço ao programa de mestrado da UNIVERSO, que me proporcionou este excelente curso de pós-graduação em História com total gratuidade, com corpo de professores extremamente qualificados, com os quais tive oportunidade de muito aprender no campo do conhecimento histórico. Cito aqueles com quem tive aulas, em específico: Érica Sarmiento da Silva, Marieta Pinheiro de Carvalho, Marcelo da Silva Timótheo da Costa, Francisco José Calazans Falcon, Fernando Rodrigues e Fernando Velozo. Agradeço também à coordenadora do curso, professora Márcia Sueli Amantino, pela atenção e carinho em todos os momentos do curso. Aos funcionários da secretaria Romulo, Tayná, Wesley e Amanda pelos atendimentos sempre gentis e cordiais e a todos os funcionários da UNIVERSO.

Agradeço, especialmente, à minha orientadora, professora Érica Sarmiento da Silva, pela forma carinhosa, atenciosa e profissional com a qual conduziu minha orientação. Agradeço pela paciência nos momentos iniciais em que meu projeto ainda apresentava dificuldades a serem superadas e pela atenção nos momentos fora do horário de trabalho. Não nos conhecíamos antes, mas sua dedicação, inteligência e empatia me fizeram admirá-la e, com certeza, a levarei para sempre em minha vida como um exemplo de profissional a ser seguido. Muito obrigado.

Aos professores da banca de qualificação e defesa, Rosane Aparecida Bartholazzi de Carvalho e Marcelo da Silva Timótheo da Costa pelas horas dedicadas em ler meu trabalho, pelas correções e sugestões, contribuindo para realização desta pesquisa e meu crescimento profissional. Agradeço a professora Chiara Pagnotta, da Universidade de Barcelona, pela coorientação nessa pesquisa e participação na banca de defesa, auxiliando e reforçando este trabalho. Muito obrigado.

Agradeço também à professora Érica Cristhyane Moraes da Silva, do Laboratório de Estudos sobre o Império Romano da UFES (LEIR), pela disposição em me atender, por diversas vezes em seu gabinete, de forma atenciosa, me iniciando em leituras essenciais para elaboração do projeto de pesquisa, sem as quais não conseguiria a

aprovação no processo seletivo da UNIVERSO. Sua ajuda foi de suma importância para que eu iniciasse o caminho do mestrado. Jamais esquecerei. Muito obrigado. Também agradeço, de forma extensiva, aos professores Gilvan Ventura da Silva e Belchior Monteiro Lima Neto, integrantes do LEIR.

Agradeço à minha amiga Liliana Grecco Pereira, por estar comigo nos momentos mais difíceis que permeiam o caminho acadêmico, desde a faculdade até a conclusão do mestrado. Por estar junto comigo em todas as dificuldades, nas correções de texto e pelas palavras de apoio e de força. Muito obrigado.

Agradeço também ao meu amigo, professor, biólogo e vereador Tiago Altoé, pelo incondicional apoio, pelas conversas, pelo tempo disposto em me ouvir e pelos livros emprestados. Agradeço à minha amiga, Jéssica Galavotti, por retirar para mim os livros que solicitei na biblioteca da UFES e pelas conversas sobre o trabalho. Muito obrigado.

Agradeço a todas as associações participantes desta pesquisa e a todas as pessoas que foram entrevistadas, dispondo de seu tempo e sua atenção para que eu pudesse realizar este trabalho. Sem elas, esse trabalho não seria possível. Agradeço também a Casa da Cultura de Venda Nova (AMENA) que se mostrou sempre pronta para me ajudar no que foi necessário, nas pessoas de Bernadete Zorral (Detinha) e Vanusa da Conceição.

Agradeço à Verônica Lima, do Programa de Pós Graduação em Comunicação da Universidade Federal Fluminense, pelas correções, conversas e ajudas diversas que muito contribuíram para realização deste trabalho.

Agradeço a banda capixaba de hardcore, Dead Fish, por ter despertado em mim o gosto pelas ciências humanas. Foi em 2006, dentro da linha de ônibus “100 – Mauá - Niterói - Praça XV”, ouvindo a música “Paz Verde” no fone de ouvido, em frente a rodoviária do Rio de Janeiro, que tomei a decisão de cursar história. Até hoje as músicas têm sido um combustível para o estudo e para o trabalho. “*O lado certo da história não tem sangue nas mãos*”.

Agradeço à minha amiga Gabrielle Medeiros, por dispor de seu tempo e ter feito minha inscrição no processo seletivo da UNIVERSO via procuração. Muito obrigado.

*“Não há nada de divino, nem sobrenatural.  
É dar um passo à frente, confiar.  
Fazer diferente, enfrentar a escuridão.  
Não vai ser fácil. Não vai ser fácil.  
Mas nunca foi.”*

Um Homem Só – Dead Fish

## **LISTA DE TABELAS**

### **CAPÍTULO 1**

TABELA 1 - Emigrações por países europeus.....	25
TABELA 2 - Países que receberam imigrantes.....	37
TABELA 3 - Entrada de imigrantes italianos no Brasil por ano.....	45

### **CAPÍTULO 2**

TABELA 4 - Entrada de imigrantes no Espírito Santo por década.....	61
--	----

### **CAPÍTULO 3**

TABELA 5 - Nomes e características dos entrevistados.....	86
TABELA 6 - Quadro administrativo atual do Circolo Trentino .....	108
TABELA 7 - Hino ao Trentino.....	115

## **LISTA DE MAPAS**

### **CAPÍTULO 1**

MAPA 1 - Itália no período pré-unificação.....	31
--	----

### **CAPÍTULO 2**

MAPA 2 - Região de origem dos imigrantes que chegaram ao Espírito Santo no período 1850 – 1900 (com alterações).....	63
MAPA 3 - Parte sul política do atual estado do Espírito Santo (com marcações)	68

### **CAPÍTULO 3**

MAPA 4 - Distribuição dos Circoli Trentini no Mundo.....	107
--	-----

## **LISTA DE IMAGENS**

### **CAPÍTULO 1**

Imagen 1 - Cartaz de propaganda de companhia de navegação italiana.....	49
Imagen 2 - Mulher italiana emigrante no porto com seus filhos.....	50

### **CAPÍTULO 2**

Imagen 3 - Amadeo Venturim e família. Primeiro imigrante a chegar em Venda Nova.....	71
Imagens 4 e 5 - Exemplo de chegada dos imigrantes nos portos e ida para as colônias.....	72
Imagens 6, 7 e 8 – Projeto de lei Nº 037/2013.....	75, 76, e 77
Imagen 9 - Membros da família Caliman no início do século XX.....	80

### **CAPÍTULO 3**

Imagen 10 - Tombo da Polenta em 2018.....	95
Imagen 11 - Representantes <i>nonnas</i> bordando na Casa da Nonna durante o evento.....	97
Imagen 12 - Trator da família Caliman carregando fotografia de Padre Cleto Caliman.....	105
Imagen 13 – Prato com canéderli.....	111
Imagen 14 - Prato principal do 2º Jantar Trentino.....	114
Imagen 15 e 16 - Representantes do Circolo Trentino durante o Desfile.....	118
Imagen 17 - Cartaz de divulgação de evento realizado pelo Trevisani Nel Mondo.....	122
Imagen 18 - Missa em língua italiana.....	124
Imagen 19 - Desfiles das famílias no sábado de manhã da Festa da Polenta de 2019.....	126
Imagen 20 - Emiliano Lorenção com acordeão e o Coral Santa Cecília em 1951.....	131
Imagen 21 - Apresentação do Coral Santa Cecília no ano de 2011.....	140
Imagen 22 - Coral Santa Cecília se apresentando durante a “Missa em Italiano”.....	142

## **SIGLAS E ABREVIATURAS**

AFEPOL – Associação Festa da Polenta

## **RESUMO**

O trabalho visa evidenciar a imigração italiana ocorrida na cidade de Venda Nova do Imigrante, interior do estado do Espírito Santo, por meio de análise das atividades desenvolvidas pelas associações comunitárias surgidas no município, que têm por objetivo preservar as tradições dos imigrantes italianos, “AFEPOL”, “Circolo Trentino” “Trevisani Nel Mondo” e “Escola Dramática e Musical Santa Cecília”. Para tal, entrecruza reflexões conceituais de memória com as entrevistas de caráter qualitativo realizadas com descendentes de imigrantes italianos que fazem parte das associações, através da metodologia da história oral, buscando ter, como síntese, um olhar sobre o fluxo migratório que marcou a região de Venda Nova do Imigrante.

**Palavras-Chave:** Imigração Italiana, Memória, Venda Nova do Imigrante.

## ABSTRACT

This work aims to highlight the Italian immigration that took place in the city of Venda Nova do Imigrante, in countryside of Espírito Santo state, by analyzing the activities developed by the municipality community associations which aim to preserve the traditions of Italian immigrants, “AFEPOL”, “Circolo Trentino” “Trevisani Nel Mondo” and “Escola Dramática e Musical Santa Cecília”. To achieve this aim, intersects conceptual reflections of memory with qualitative interviews conducted with descendants of Italian immigrants who are part of these associations, through the methodology of oral history, seeking to have, as a synthesis, a look at the migratory flow that marked the region of Venda Nova do Imigrante.

**Keywords:** Italian Immigration, Memory, Venda Nova do Imigrante.

## **Sumário**

<b>Introdução.....</b>	<b>15</b>
<b>Capítulo I – A Grande Imigração e o Contexto Histórico</b>	
1.1 - Introdução ao Contexto da Imigração Italiana da segunda metade do século XIX.....	22
1.2 – Fatores de expulsão da emigração italiana: os aspectos econômicos.....	24
1.3 - Os Fatores Atrativos.....	36
1.4 – As viagens nos navios.....	47
<b>Capítulo II – Imigração italiana para o Espírito Santo e Venda Nova do Imigrante</b>	
2.1 – A chegada ao Espírito Santo.....	53
2.2 – A Colônia de Rio Novo e o caminho para Venda Nova.....	65
<b>Capítulo III – Associações e Memória da Imigração em Venda Nova</b>	
3.1 - As visitas as associações e a metodologia da história oral: entre a teoria e a prática.....	84
3.2 - Imigração e Associações em Venda Nova do Imigrante-ES.....	89
3.3 – AFEPOL – Associação Festa da Polenta.....	93
3.4 – CIRCOLO TRENTINO.....	107
3.5 – TREVISANI NEL MONDO.....	119
3.6 – ESCOLA DRAMÁTICA E MUSICAL SANTA CECÍLIA.....	129
<b>Considerações Finais.....</b>	<b>144</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>147</b>
<b>Anexos</b>	
<b>Anexo 1 – Roteiro Base Geral de Entrevista.....</b>	<b>155</b>
<b>Anexo 2 – Histórico da Trevisani Nel Mondo.....</b>	<b>156</b>
<b>Fontes.....</b>	<b>158</b>

## Introdução

O presente trabalho teve por objetivo explorar a imigração italiana em Venda Nova do Imigrante, município localizado no interior do estado do Espírito Santo, através das associações que têm como propósito manter e recriar a cultura do imigrante italiano. Grupos esses que surgiram na cidade durante a segunda metade do século XX: Afepol, Circolo Trentino, Trevisani Nel Mondo e Escola Dramática e Musical Santa Cecília.

De acordo com Izabel Mazini, os fenômenos migratórios possuem uma “incontestável relevância para se compreender a formação das sociedades contemporâneas, uma vez que, desde as épocas mais remotas até os dias atuais, registram-se os deslocamentos humanos”<sup>1</sup>. No Brasil, o grande foco de estudos sobre imigração italiana está no estado de São Paulo, centralizado na figura do camponês que contribuiu para o cultivo do café, e também, no sul do país, que absorveu grandes números de imigrantes. Já os estudos da imigração sobre outros estados ainda apresentam consideráveis lacunas e confrontar tal problema revela-se um grande desafio<sup>2</sup>. Dessa forma, é essencial que a historiografia da imigração capixaba seja provida de novas reflexões e se mantenha atualizada com novos trabalhos e pesquisas. Assim sendo, o tema pesquisado é relevante porque contribui com a construção da história local e regional na medida em que aborda a inserção do imigrante no espaço interiorano do Espírito Santo.

O Espírito Santo esteve inserido no fluxo migratório do século XIX recebendo imigrantes de várias nacionalidades, porém, “das imigrações europeias no Espírito Santo a italiana foi a mais numerosa e intensa, apesar de se ter iniciado somente em 1874”<sup>3</sup>. A região que hoje comprehende o atual município de Venda Nova do Imigrante se insere no fluxo migratório italiano a partir de 1891 quando chegam as primeiras famílias que colonizam a localidade, tendo o imigrante italiano como o principal agente formador da identidade do município. A limitação geográfica deste trabalho

---

<sup>1</sup> CARMO, Maria Izabel Mazini do. Nelle vie della città. *Os italianos no Rio de Janeiro (1870-1920)*. 2012. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História, 2012, p. 12.

<sup>2</sup> CARMO, Maria Izabel Mazini do. Nelle vie della città. *Os italianos no Rio de Janeiro (1870-1920)*... p. 12-13.

<sup>3</sup> BUSATTO, Luiz. *Estudos sobre imigração italiana no Espírito Santo*. Estação Capixaba: Portal de Cultura Capixaba. 2002. Disponível em: <http://www.estacaocapixaba.com.br/2016/01/foto-guilherme-santos-neves-anos-1950.html>. Acesso em 10 de janeiro de 2019, s/p.

compreendeu a cidade de Venda Nova do Imigrante por ser uma cidade fortemente marcada pela imigração e descendência italiana. Além disso, de acordo com José D'Assunção Barros<sup>4</sup>, o pesquisador precisa levar em conta o critério da viabilidade para realização do trabalho e, por Venda Nova ser a cidade residente do investigador, o trabalho de visita às associações foi facilitado durante o período de realização do mestrado.

A corrente migratória italiana da segunda metade do século XIX se fez em um momento no qual a unificação política do país era recente e os sentimentos nacionais não estavam ainda presentes nos emigrantes, por isso, os camponeses não se sentiam pertencentes à pátria Itália, mas sim à sua vila ou aldeia. Num momento em que a língua oficial não era falada por todos e sobressaíam os dialetos, cumpre salientar que suas identidades não eram unas quando chegaram no solo capixaba. Desse modo, é fundamental relatar a importância e o papel de unidade que as associações comunitárias representam ao preservar e recriar as identidades de italianos no Novo Mundo. Em análise teórica sobre associacionismo e imigração, Juan Andrés Blanco Rodríguez<sup>5</sup> indica que as associações criadas pelos imigrantes são uma das partes mais visíveis da imigração. Nessa perspectiva, esta pesquisa problematizou a imigração italiana em Venda Nova do Imigrante sob a ótica das associações formadas para preservar a cultura dos imigrantes. Para compreender o fenômeno da imigração italiana no município, foram realizadas visitas às associações para, a partir do diálogo dos dados obtidos através das entrevistas e documentos das associações, reconstruir a imigração no município.

Ainda, segundo José D'Assunção Barros<sup>6</sup>, é o problema de pesquisa que define o recorte da mesma, e não qualquer outra definição arbitrária. Portanto, como a problemática da pesquisa trata de compreender a imigração italiana através das associações, o recorte temporal circunscreve o período de 1959 até o presente, ou seja, 2020. Foi em 1959 que o grupo “Escola Dramática e Musical Santa Cecília”, primeira associação a atuar na memória da imigração italiana no município, adquiriu personalidade jurídica com sua primeira assembleia geral extraordinária para aprovação

---

<sup>4</sup> BARROS, José D' Assunção. *O projeto de pesquisa em História*: da escolha do tema ao quadro teórico. 8<sup>a</sup> ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012, p. 47.

<sup>5</sup> BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.): *El asociacionismo en la emigración española a América*. Zamora: UNED Zamora/Junta de Castilla y León, 2008, p. 9.

<sup>6</sup> BARROS, José D' Assunção. *O projeto de pesquisa...* 42.

de seu estatuto. A partir desse período, surgem as outras associações, Trevisani Nel Mondo, 1984, AFEPOL, 1991, e Círculo Trentino, 1991. Até hoje, a organização das associações de imigrantes representa um fator importante para a vida social em Venda Nova do Imigrante.

A bibliografia sobre imigração italiana no Brasil é bem vasta. Para esta pesquisa, deu-se preferência para autores que dedicaram mais atenção à região norte da península itálica, pois foi de lá que saíram as grandes levas de imigrantes que vieram para o Espírito Santo e, consequentemente, para Venda Nova nas últimas décadas do século XIX.

Renzo Grosselli e seu trabalho “*Colônias Imperiais na Terra do Café: camponeses trentinos (vênitos e lombardos) nas florestas brasileiras, Espírito Santo, 1874-1900*” fornece importantes reflexões acerca da situação do norte italiano, durante a segunda metade do século XIX, citando motivos para a imigração, além de ter realizado um excepcional trabalho sobre as colônias de imigração que se formaram no Espírito Santo, com dados e números precisos sobre pessoas, animais e territórios.

O autor Emilio Franzina traz uma compilação e análise de autores que escreveram sobre o fenômeno migratório que envolveu milhões de italianos na segunda metade do século XIX tendo atenção especial para o Vêneto, região que forneceu grande contingente de emigrantes que vieram para Venda Nova, na sua obra “*A Grande Emigração. O êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil*”. Ressalta-se que a grande emigração italiana esteve envolvida em transformações políticas, sociais e econômicas que atingiram toda a Europa e ocasionaram mudanças na história da península itálica, alterações essas que recebem grande atenção por parte de Fábio Bertonha, em seu livro “*Os Italianos*”.

Pesquisas de doutorado como a de Paulo Cesar Gonçalves: *Mercadores de Braços: Riqueza e Acumulação na Organização da Emigração Européia para o Novo Mundo*, por englobar contexto histórico da imigração italiana e apresentar características da travessia do Atlântico realizada pelos imigrantes, e de Rosane Bartholazzi: *Os italianos no noroeste fluminense: estratégias familiares e mobilidade social (1897-1950)*, por fornecer aspectos da imigração italiana em região vizinha ao Espírito Santo, se tornaram estudos essenciais para formar a base da discussão historiográfica sobre a imigração italiana no Brasil nesta pesquisa.

Para abordar o tema associativismo no contexto imigratório, foram utilizadas as reflexões de Norberto Bobbio em seu “*Dicionário de Política*”, mais precisamente no ítem “*associacionismo voluntário*”, onde a prática associativa é percebida como uma via de preenchimento das carências tanto instrumentais como expressivas dos grupos humanos que foram alteradas após a Revolução Industrial, sendo essa atividade de grande benefício para os grupos migrantes europeus que se encontraram no Novo Mundo. Infere-se que o fluxo migratório italiano da segunda metade do século XIX para o Brasil se fez, também, através das cadeias migratórias, no qual o deslocamento de indivíduos foi motivado por arranjos e informações de parentes e conterrâneos já instalados no local de destino, e, para abordar tal conceito, Oswaldo Truzzi e seu texto, “*Redes em processos migratórios*”, juntamente com as análises de Fabio Bertonha e seu livro já citado, “*Os Italianos*”, abarcarão a pesquisa.

Para uma análise mais específica da imigração italiana no Espírito Santo foram consultados, especialmente, dois autores: Luis Busatto e seus escritos “*Estudos sobre imigração italiana no Espírito Santo*”, assim como Gilda Rocha, no trabalho “*Imigração estrangeira no Espírito Santo, 1847-1896*”. Esses escritores dialogam com trabalhos que abordam a imigração italiana em Venda Nova do Imigrante. Citam-se, aqui, as recentes dissertações de mestrado de Nara Falqueto Caliman, “*Uma Itália que não existe na Itália: Tradição e Modernidade em Venda Nova do Imigrante- ES*”, de Filipo Carpi Girão, “*A Italianidade como potencialidade sociopolítica na Festa da Polenta em Venda Nova do Imigrante (1979-2014)*”. O trabalho aqui proposto se diferencia dos demais justamente por ter reconstruído a imigração em Venda Nova do Imigrante através das associações, visando contribuir para a reflexão acerca dos estudos sobre imigração italiana no Espírito Santo e no Brasil, sendo esse, o diferencial deste trabalho, visto que não há pesquisa com tal reflexão sobre a imigração em Venda Nova através de todas essas associações aqui juntamente selecionadas.

A abordagem da pesquisa visou contemplar as memórias que emergem de indivíduos que compõem esses grupos. Assim, o trabalho se propôs a constituir uma narrativa sobre a imigração italiana em Venda Nova do Imigrante que aborde, principalmente, os relatos orais dos integrantes desses agrupamentos.

O principal suporte teórico se fez através da memória, sendo que autores consideráveis desse meio de pesquisa englobaram o presente trabalho. Assim, David Lowenthal e seu texto, “*Como Conhecemos o Passado*”, com importantes contribuições

conceituais sobre as reflexões de memória se torna uma referência para a pesquisa. Para esse autor, o passado pode ser maleável e suscetível às necessidades do presente, onde Lowenthal nos alerta para a necessidade de trazer as reflexões memoriais à tona, pois “a erosão do tempo afeta tristemente o que resta das lembranças”<sup>7</sup>. Michael Pollak, por articular raciocínios entre memória e identidade salientando a história oral em seu trabalho, “Memória e Identidade Social”, foi, junto com Lowenthal, autor de grande aplicação para essa dissertação, compondo assim, o corpo conceitual de memória que dá suporte às análises das entrevistas realizadas com os membros das associações.

Para o presente estudo reafirmamos a história oral como principal abordagem metodológica. Como o trabalho tratou da relação de história e memória, dentro da história oral foi utilizado o gênero de tradição oral por ser mais apropriado ao modelo de investigação proposta, conforme justifica José Meihy quando comenta sobre tradição oral: “por estar atenta às transmissões do arcaico, percebe o indivíduo enquanto um veículo da transmissão de mitos e tradições antigas que na maioria das vezes transcende o depoente”<sup>8</sup>, onde o autor completa que “convém dizer que este é, de todos, o ramo que mais se aproxima dos trabalhos de memória”<sup>9</sup>. Em consonância com Meihy, Marieta de Moraes Ferreira nos aponta uma linha de trabalho de uso da história oral em que a abordagem que interessa é a mais próxima, privilegiando a subjetividade, as vivências e as emoções. Nesse caso, as supostas “deformações” do depoimento oral não são vistas como elementos negativos para o uso da história oral, pois, dessa forma, colaboram para preencherem lacunas deixadas pelas fontes escritas, se revelando, assim, “mais um recurso do que um problema”<sup>10</sup>, acresce a autora.

Alinhado ao método da tradição oral de José Meihy e de Marieta Ferreira, o trabalho se guiou também pelas sugestões metodológicas da abordagem qualitativa enfatizadas por Rosália Duarte em sua publicação “*Entrevistas em pesquisas qualitativas*”, onde a autora fornece importantes recomendações para o bom desempenho de uma pesquisa de caráter qualitativo, análise que privilegia as particularidades e experiências individuais e que se mostra mais vantajosa para

---

<sup>7</sup> LOWENTHAL, David. *Como conhecemos o passado*. Projeto História: Trabalhos da Memória. São Paulo: PUC, n. 17, 1989, p. 74.

<sup>8</sup> BOM MEIHY, José Carlos Sebe. Definindo história oral e memória. *Cadernos CERU*, São Paulo, v. 5, n.2, p. 52-60, 1994. p. 57

<sup>9</sup> BOM MEIHY, José Carlos Sebe. Definindo história oral e memória. *Cadernos CERU*... p. 57.

<sup>10</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. (org.) *Entre-vistas: Abordagens e Usos da História Oral*. Rio de Janeiro, Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994, p. 10.

compreender o processo migratório que se deu em Venda Nova. Para a realização deste trabalho também foram utilizados materiais bibliográficos, atas de reuniões das associações, artigos, entrevistas contidas em periódicos e em páginas eletrônicas. Destaca-se que foram de grande valia os periódicos e sítios eletrônicos da mídia local, principalmente pela velocidade com que são atualizadas as informações e socializados os acessos.

As associações visitadas foram as seguintes: Escola Dramática e Musical Santa Cecília, que começou suas atividades em 1944, mas teve formalização jurídica apenas no ano de 1959. Desde sua fundação até os dias de hoje, a principal ação do grupo é cantar as missas de domingo e as celebrações especiais católicas. Devido à boa reputação, o grupo passou a se apresentar também em eventos cívicos, como o centenário da imigração italiana de Aracruz, em 1979, e a inauguração do calçadão da Beira-rio em Cachoeiro de Itapemirim, em 1984, por exemplo<sup>11</sup>.

Trevisani Nel Mondo, presente em vários países que receberam imigrantes italianos; em Venda Nova foi fundada no ano de 1984. A associação tem 8 funcionários e cerca de 130 sócios que desenvolvem ações ao longo do ano para preservação da cultura dos imigrantes do Vêneto e Treviso, como a “Missa em língua italiana”, “Noite da Mora e do Vinho” e o “Desfile das Famílias” no sábado de manhã da Festa da Polenta<sup>12</sup>.

Circolo Trentino, presente em vários lugares do mundo e também em Venda Nova, a associação já conseguiu captar dinheiro da região do Trento para desenvolver atividades esportivas em Venda Nova. Com o objetivo de reconhecer os antepassados da região do Trento, o grupo pretende enriquecer a cidade de Venda Nova trazendo cada vez mais danças, músicas e culinárias típicas do Trento<sup>13</sup>.

AFEPOL, a mais famosa das associações pesquisadas, cuja história está diretamente ligada à Festa da Polenta que acontece desde 1979 no município. De cunho filantrópico e organizada, atualmente, por 1.500 voluntários distribuídos em dezenas de

---

<sup>11</sup> FERRARI, Joanna. Coral Santa Cecília. *A história cantada dos imigrantes*. Instituto Sindicades, organizador; Grupo Prospectar, coordenador. Vitória: GSA. 2014, p. 39.

<sup>12</sup> Informações obtidas com o depoimento de Higino Falchetto, integrante do grupo, em entrevista concedida ao autor em 04 de agosto de 2019.

<sup>13</sup> Informações obtidas com o depoimento de Gláucia Maria Feitoza Altoé, integrante do grupo, em entrevista concedida ao autor em 31 de julho de 2019.

equipes, parte de seus recursos são repassados para outras entidades como, por exemplo, o hospital da cidade e Apae<sup>14</sup>.

A pesquisa se dividiu em três capítulos. No primeiro, foi descrito o contexto da grande imigração italiana do século XIX, observando as principais causas do movimento migratório, especialmente a chegada dos ideais políticos da Revolução Francesa e a interferência econômica e social que as mudanças provocadas pela Revolução Industrial ocasionaram na península itálica, provocando a migração de milhões de camponeses italianos para diversas partes do mundo. Em seguida, foram observados os fatores que propiciaram a vinda de boa parte dos italianos para o Brasil, analisando a transição das relações de trabalho escravistas para a chegada das relações de trabalho capitalistas, nas quais o imigrante italiano esteve inserido, tendo comentado, por último, como foram as viagens nos navios.

No segundo capítulo, a pesquisa focalizou a análise do fluxo migratório italiano para as colônias de imigração no Espírito Santo, dando atenção especial para a colônia do Rio Novo, pois foi de suas antigas terras que saíram os primeiros imigrantes que colonizaram o solo venda-novense na década de 1890, descrevendo, brevemente, os primeiros momentos dos imigrantes na região de Venda Nova.

No terceiro capítulo, foram descritas as características gerais das associações, como, por exemplo, seus surgimentos e objetivos gerais. Depois articulou-se os relatos dos entrevistados e os documentos, públicos e privados, com as ações desenvolvidas pelas associações pesquisadas, visando elencar os principais aspectos da imigração italiana que se fez no município de Venda Nova do Imigrante. Dando ênfase a pesquisa realizada, a hipótese a ser levantada é de que as associações são reconhecidas como agentes da construção de uma identidade coletiva da imigração italiana e locais de reflexões memoriais da imigração italiana em Venda Nova do Imigrante.

---

<sup>14</sup> Informações obtidas com o depoimento de Tarcísio Caliman, ex-presidente da associação, em entrevista concedida ao autor em 20 de julho de 2019.

## **Capítulo I – A Grande Imigração e o Contexto Histórico**

### **1.1 - Introdução ao Contexto da Imigração Italiana da segunda metade do século XIX**

Ao longo da história, os grupos humanos sempre se deslocaram em busca de melhores condições de vida e, segundo Paulo Gonçalves<sup>15</sup>, em princípios do século XIX, é que se inicia a maior movimentação de povos da história. Esse movimento se deu graças às transformações causadas pela chegada das novas relações capitalistas de produção, após o término das guerras napoleônicas, que favoreceram a ascensão da burguesia e destruíram as antigas estruturas políticas e econômicas do Velho Mundo baseadas no Antigo Regime, canalizando o liberalismo para figurar no lugar das políticas absolutistas e mercantilistas até então vigorantes no cenário europeu<sup>16</sup>. Conforme afirma Rosane Bartholazzi:

O fluxo (e)migratório no território europeu se intensificou no último quartel do século XIX, quando na esteira da ampliação do mercado capitalista de produção as populações camponesas foram atingidas de maneira catastrófica<sup>17</sup>.

Vale ressaltar que durante o século XIX toda a Europa passava pela transformação das antigas relações de trabalho baseadas no artesanato para o estabelecimento das fábricas e a chegada das máquinas, o que resultou na diminuição significativa da demanda de mão de obra, deixando muitos artesãos e produtores sem trabalho. Nessa conjuntura, a emigração se tornou uma alternativa para pessoas de diversas classes, em vários países e reinos europeus como Inglaterra, Irlanda, Alemanha, Império Austro-Húngaro, Império Russo, Espanha e Portugal. E é nesse contexto que a península itálica esteve inserida na segunda metade do século XIX, uma época da passagem do Antigo Regime para uma nova organização da sociedade e das relações capitalistas de produção de bens materiais.

<sup>15</sup> GONÇALVES, Paulo Cesar. *Mercadores de Braços*. Riqueza e Acumulação na Organização da Emigração Europeia para o Novo Mundo. Tese de doutorado em História Econômica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo – SP, 2008, p. 17.

<sup>16</sup> CENNI, Franco. *Italianos no Brasil*. 3. ed. 1 reimp. São Paulo, SP. Editora da Universidade de São Paulo, 2011, p. 213.

<sup>17</sup> BARTHOLAZZI, Rosane. A. *Os italianos no noroeste fluminense*: estratégias familiares e mobilidade social (1897-1950). Niterói: Tese de doutorado em História Social, Universidade Federal Fluminense, 2009, p. 16.

Devido às características de seu território, especialmente pela proximidade com o mar e a presença de montanhas que dificultavam a obtenção de sustento, os italianos já migravam desde o medievo. Para camponeses italianos, deixar sua terra natal não foi, portanto, algo novo. De 1850 até 1880, os norte-italianos também emigravam para Áustria, Suíça, França e Alemanha para se ocuparem em obras públicas como ferrovias e estradas. Esse tipo de deslocamento caracterizava uma migração temporária, na qual “o objetivo era o retorno à casa, com uma quantia suficiente para expulsar o espectro da miséria”<sup>18</sup>. Paralelamente a essas emigrações temporárias, é também a partir de 1850 que se inicia a chamada grande emigração, momento em que a dispersão de europeus pelo mundo todo passa a ser intensa. Emilio Franzina<sup>19</sup> diz que “a segunda metade do século XIX é visivelmente caracterizada por um deslocamento contínuo e crescente das massas trabalhadoras da Europa, sobretudo em direção ao continente americano”.

Entre 1876 e 1901, emigraram da Itália para diversas partes do mundo cerca de 6 milhões de pessoas<sup>20</sup>, um número considerável, visto que a população italiana, em 1870, era de 26 milhões de pessoas<sup>21</sup>. Entre 1815 e 1914, “a Itália constituiu-se na principal exportadora de mão de obra para o Novo Mundo”<sup>22</sup>, sendo que a marcha da emigração italiana desse período está diretamente relacionada ao processo de expansão do capitalismo na Europa, que ocorria durante o século XIX, e ao processo de unificação da Itália (ou *Risorgimento*) com as guerras pela anexação de vários territórios e que teve seu auge no início da década de 1860.

Conforme a sugestão de Izabel Mazzini do Carmo, para que se busque melhor compreender a imigração italiana no Brasil, é necessário que se estude criticamente a situação política e econômica em que vivia a Itália na referida época e, além disso, o fluxo migratório italiano deve ser visto através da longa duração, pois esta é a abordagem que “permite recuperar toda a complexidade socioeconômica e não apenas

---

<sup>18</sup> GROSSELLI, Renzo M. *Colônias imperiais na terra do café*: camponeses trentinos (vênitos e lombardos) nas florestas brasileiras, Espírito Santo, 1874-1900 /Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008 – (Coleção Canaã, v.6), p. 32.

<sup>19</sup> FRANZINA, Emilio. *A grande emigração*: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006, p. 61.

<sup>20</sup> FRANZINA. E. *A grande emigração...* p. 84.

<sup>21</sup> BERTONHA, João Fábio. *Os Italianos*. São Paulo, SP: Contexto, 2005. p. 76.

<sup>22</sup> GONÇALVES, P. *Mercadores de Braços...* p. 17-18.

cultural que o fenômeno envolve. Neste contexto, inserem-se as questões de classe, opressão e expropriação, próprias ao sistema capitalista”<sup>23</sup>.

Havia fatores de expulsão dentro da península itálica, bem como fatores “atrativos” externos que configuraram o contexto da emigração italiana. No próximo item, desenvolveremos os fatores de expulsão que levaram milhões de italianos a migrarem.

## 1.2 – Fatores de expulsão da emigração italiana: os aspectos econômicos.

Eu me recordo que o meu avô dizia assim que eles saíram da Itália porque eles tinha uma família muito numerosa e lá não tava dando pra vivê. Aí o governo abriu as portas à imigração, e eles tava cansado de tantas guerra e resolveram vir. [Depoimento de Domingos Carnielli]<sup>24</sup>.

Durante a segunda metade do século XIX, a península itálica encontrava-se em um momento de transição do velho para o novo, sendo que o velho ainda era o mundo feudal, que estava sendo suplantado pelo novo, representado pela Revolução Industrial no campo socioeconômico e pelos ideais políticos e ideológicos da Revolução Francesa como o Iluminismo e o Liberalismo, por exemplo<sup>25</sup>.

A Revolução Industrial, que começou na Inglaterra em finais do século XVIII, modificou radicalmente o comportamento humano, principalmente no que diz respeito à produção de bens. Com o uso das máquinas, o trabalho de um operário passa a equivaler ao de vários outros trabalhadores. Da mesma forma, locomotivas a vapor transportam muito mais mercadorias do que burros e cavalos. Eric Hobsbawm trata do movimento propriamente dito e, quanto à origem da Revolução Industrial, afirma:

A certa altura da década de 1780, e pela primeira vez na história da humanidade, foram retirados os grilhões do poder produtivo das sociedades humanas, que daí em diante se tornaram capazes de

<sup>23</sup> CARMO, Maria Izabel Mazini do. *Nelle vie della città. Os italianos no Rio de Janeiro (1870-1920)*... p. 180.

<sup>24</sup> LAZZARO, Agostino; FRANCESCHETTO, Cilmara.; COUTINHO, Gleci Avancini; *Lembranças camponesas*. A tradição oral dos descendentes de italianos em Venda Nova do Imigrante. Vitória: [s.n.], 1992, p. 111.

<sup>25</sup> GROSSELLI, R. M. *Colônias imperiais na terra do café...* p. 43.

multiplicação rápida, constante, e até o presente ilimitada, de homens, mercadorias e serviços<sup>26</sup>.

A Europa entrou na Revolução Industrial durante o século XIX, o que ocasionou imensas transformações na sociedade. Dialogando com Hobsbawm, Fabio Bertonha opina que a Revolução Industrial também permitiu “controle de doenças e da mortalidade e também grande aumento na capacidade de produção de mercadorias, tanto no campo quanto na cidade”<sup>27</sup>, ao mesmo tempo em que a população europeia aumentava, ficando cada vez mais difícil de se conseguir trabalho. Destarte, milhões de pessoas da Grã-Bretanha, Alemanha e países escandinavos emigraram, principalmente para a América, onde a demanda por mão de obra era maior.

Tabela 1: Emigrações por países europeus.

Principais países de Emigração 1846 - 1932	
Países de Emigração	Milhões de Emigrantes
Escandinávia	2,1
Polônia e Império Russo	2,9
Alemanha	4,9
Império Austro-Húngaro	6,2
Espanha e Portugal	6,5
Itália	11,1
Grã-Bretanha e Irlanda	16,0

Fonte: BERTONHA (2005, p. 78)

<sup>26</sup> HOBSBAWM, Eric. **A Era das Revoluções (1798-1848)**. 35º ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015, p. 37.

<sup>27</sup> BERTONHA, João Fábio. **Os Italianos...** p. 77.

A Revolução Industrial alterou todas as relações sociais e de trabalho e fez surgir duas classes sociais bem distintas: os burgueses, donos das fábricas e das terras, e o grupo dos operários e trabalhadores, aqueles que oferecem a força de sua mão de obra para o trabalho. E as consequências dessas mudanças nas relações de produção de bens chegaram à Itália, mesmo que mais tarde do que em outros países europeus, provocando, porém, os mesmos efeitos. Segundo Fabio Bertonha,

Milhões de camponeses italianos viram-se incapazes de enfrentar a concorrência dos grandes produtores (e também do trigo americano e russo, que começou a chegar ao mercado europeu por volta de 1880) e pagar os impostos e outras despesas e faliram, tendo de vender suas terras e escolher entre a miséria, o trabalho incessante e mal pago nas fábricas ou a velha e conhecida, a emigração<sup>28</sup>.

Assim como no caso inglês dos cercamentos nos campos, que dispensaram grande quantidade de trabalhadores, a terra, que antes era local de produção e sustento do camponês italiano, passa a estar concentrada nas mãos de poucos proprietários. Eram forasteiros que, através de leilões, se tornavam donos das terras das cidades. Estes introduzem máquinas nos campos que deixam grande número de trabalhadores sem ocupação. A mecanização resulta também no aumento da produção e, consequentemente, menor preço dos produtos, eliminando a concorrência dos pequenos donos de terras. Nessa dinâmica, a indústria italiana que surgia na época não era capaz de absorver tantas pessoas que estavam sem serviço. Em muitos lugares do território italiano havia excedente de mão de obra. Em sua maioria, os camponeses tinham força de trabalho, mas não tinham mais a terra para dela tirar sua subsistência.

A situação dos campos italianos era difícil, os indivíduos passaram a se alimentar mal e havia fome. Emilio Franzina traz relatos de como eram as casas campesinas da região do Vêneto na época

Umas míseras casinhas baixas, com rachaduras, caindo aos pedaços, que deixam transparecer pelos buracos usados como janelas e pelas fissuras da parede a mais triste miséria, no interior poucos cômodos sujos [...] cada quarto serve para três ou quatro pessoas [...] As garotas (falamos das jovens) dormem com os pais e frequentemente com

---

<sup>28</sup> BERTONHA, J. F. *Os Italianos...* p. 78.

alguma velha da casa ou com um irmão menor, e então não são raros os incestos!<sup>29</sup>

Segundo Herbert Klein, existem, também, três motivos que são dominantes para condicionar os fluxos migratórios: “o difícil acesso à terra; a baixa da produtividade da terra; e o grande número de membros da família que precisava ser mantido, aí implícito o crescimento demográfico”<sup>30</sup>. Com a concentração de mais terras em mãos de menos pessoas, a massa camponesa italiana ficou sem acesso ao que mais necessitava para sua sobrevivência: a terra. Fabio Berthonha expõe que “no final do século XIX, mais de 60% da população economicamente ativa da Itália trabalhava no campo, sendo que 80% não possuía terras”<sup>31</sup>.

Na tentativa de se criar novos terrenos para a agricultura, a derrubada de matas será agressiva e a região do Trento (norte da atual Itália) será afetada pelas enchentes, conforme relata Renzo Grosselli.

Muitas plantações foram irremediavelmente destruídas, assim como muitas obras públicas. Os mais férteis terrenos do vale foram destruídos pela violência das águas deixando para trás um terreno pedregoso e saibroso<sup>32</sup>.

Com a Revolução Industrial, muitos artesãos também faliram, incapazes de concorrer com as indústrias. Na região do Trento, a cultura do bicho-da-seda oferecia serviço e ocupava muitas pessoas, mas a chegada da “pebrina”, flagelo que atacava o bicho-da-seda, foi desastrosa para a economia local, pois provocou a queda de quase 50% na produção da seda trentina no final da década de 1850<sup>33</sup>. A indústria da seda do Trento demorou muito tempo para se recuperar, mas já via chegar a concorrência vinda da Europa industrializada do norte e da seda japonesa e oriental. A crise da sericultura,

---

<sup>29</sup> FRANZINA, E. *A grande emigração...* p. 300.

<sup>30</sup> KLEIN, H. S. Migração Internacional na História das Américas. In: FAUSTO, B. (Org.). Fazer a América. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000. p. 13-31 Apud PEREIRA, Syrleá Marques. *Entre histórias, fotografias e objetos: imigração italiana e memórias de mulheres*. 2008. Tese (doutorado) – Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, UFF, Niterói, RJ, 2008, p. 33.

<sup>31</sup> BERTONHA, J. F. *Os Italianos...* p. 116.

<sup>32</sup> GROSSELLI, R. M. *Colônias imperiais na terra do café...* p. 40.

<sup>33</sup> GROSSELLI, R. M. *Colônias imperiais na terra do café...* p. 39.

juntamente com a crise da vinicultura, ocasionada com a “crittogama”, praga que atacou as vinhas, foram causas imediatas da emigração<sup>34</sup>.

Ainda em 1887, a Itália ainda era um país campestre, com cerca de 30 milhões de habitantes, sendo que 21 milhões viviam nos campos<sup>35</sup>. Em uma Itália onde a alimentação dependia principalmente da força de trabalho dos campos (principalmente no sul), as mãos trabalhadoras eram vitais para a sustentação das famílias italianas. Nessa perspectiva, outro fator muito importante para contribuir com a crise econômica que atingiu o país, foram as doenças que assolaram o campo. Agostino Lazzaro coloca em evidência que em 1887 a malária matava 40 mil italianos por ano, a pelagra (doença causada pela carência de proteínas e vitaminas) atingiu mais 100 mil pessoas e de 1884 até 1887 a cólera matou 55 mil italianos<sup>36</sup>. No caso da região do Vêneto, abordada por Emilio Franzina, houve também avalanches, tempestades, inundações e desmoronamentos causados por desmatamentos sem critérios nas décadas de 1880 e 1890 que provocaram um aumento na emigração<sup>37</sup>.

A crise agrícola tornava-se aguda e acometia toda a península itálica. Assim, de forma crescente, na segunda metade do século XIX, mais indivíduos ficam sem trabalho, e mais pessoas ficam sem terra para plantar. A escassez de trabalho e de terras provocou fome e miséria no campo italiano. A partir da metade da década de 1880, a miséria é a principal causa para a emigração dos campos vênetos<sup>38</sup>.

Outro fator a ser observado no contexto emigratório era a questão militar que se configurava na Europa. O sociólogo Renzo Grosselli, ao abordar o contexto histórico em que se encontrava a península itálica no último quartel do século XIX, chama a atenção para o medo que havia entre a população do Trento (região que estava sob domínio austríaco durante o século XIX, mas que era de língua e cultura italiana), devido as ações do exército do império Austro-Húngaro, que possuía “uma verdadeira fome de homens”<sup>39</sup>, onde “as autoridades civis e militares austríacas estavam fanaticamente atentas ao processo de recrutamento”<sup>40</sup>. Desse modo, muitos homens

---

<sup>34</sup> GROSSELLI, R. M. *Colônias imperiais na terra do café...* p. 39-40.

<sup>35</sup> LAZZARO, Agostino; FRANCESCHETTO, C.; COUTINHO, G. A.; *Lembranças camponesas...* p. 2.

<sup>36</sup> LAZZARO, Agostino; FRANCESCHETTO, C.; COUTINHO, G. A.; *Lembranças camponesas...* p.1.

<sup>37</sup> FRANZINA. E. *A grande emigração...* p. 77.

<sup>38</sup> FRANZINA. E. *A grande emigração...* p. 77.

<sup>39</sup> GROSSELLI, R. M. *Colônias imperiais na terra do café...* p. 60.

<sup>40</sup> GROSSELLI, R. M. *Colônias imperiais na terra do café...* p. 60.

também migravam fugindo das possíveis convocações para o serviço militar obrigatório, evitando as guerras nas quais a coroa austro-húngara se envolvia.

Havia também, entre os camponeses italianos, um despertar de consciência de que uma era chegava ao fim. As antigas relações do mundo feudal tinham sido abatidas pela Revolução Industrial inglesa e pelos ideais liberais da Revolução Francesa. A chegada do capitalismo na região do Trento no século XIX é observada por Renzo Grosselli na seguinte passagem:

O dinheiro comprava e vendia tudo, das mercadorias à dignidade dos homens e das mulheres. A força de trabalho, sobretudo, podia ser comprada e vendida, assim como a terra. Esta última tornou-se uma mercadoria, enquanto que para a sociedade camponesa era o fator produtivo que, juntamente com o trabalho, permitia a reprodução da espécie<sup>41</sup>.

Desse modo, a emigração, que sempre fez parte da cultura dos habitantes da península itálica, começava a tomar parte cada vez maior dos pensamentos e dos sentimentos das pessoas e se torna uma forte alternativa frente à situação pela qual passavam milhões de camponeses italianos na segunda metade do século XIX.

Os italianos emigraram para todos os continentes, pois, de acordo com João Fábio Bertonha, “em boa medida, a dispersão dos italianos pelo mundo se explica pela inexistência de um império colonial italiano de porte e em que as oportunidades econômicas fossem grandes”, isso porque, enquanto ingleses e franceses podiam emigrar para suas próprias colônias, e portugueses e espanhóis podiam migrar para suas antigas possessões (como Argentina e Brasil), que possuíam a mesma língua, os italianos não possuíam esse comodismo, sujeitando-se às necessidades do mercado mundial de mão-de-obra<sup>42</sup>. Coube então, aos italianos, confiar nas informações passadas por amigos e parentes que já estavam ou tinham estado nos locais de destino em várias partes do mundo. Ao relacionar a história dos italianos e sua imigração, Bertonha expõe o conceito de cadeia migratória como:

O processo pelo qual muitas pessoas emigram para outro país ou cidade por causa de contatos já estabelecidos lá. Em geral, funciona da seguinte forma: um indivíduo consegue autorização para se instalar

---

<sup>41</sup> GROSSELLI, R. M. *Colônias imperiais na terra do café...* p. 44.

<sup>42</sup> BERTONHA, J. F. *Os Italianos...* p. 81.

em um outro país por algum motivo e informa a um parente, amigo, conterrâneo ou companheiro de fé política que tem um emprego ou contatos para ele. Se esse outro indivíduo também deseja partir, ele logicamente preferirá ir para algum lugar em que já conheça alguém ou tenha contatos, auxílio para os primeiros tempos etc. Este último, por sua vez, trará outros e a cadeia se repete<sup>43</sup>.

Outro autor que reforça o conceito de cadeia migratória é Oswaldo Truzzi. Ao analisar os processos migratórios, ele afirma que o emigrante preferia confiar muito mais nas informações passadas por parentes e amigos que já residiam no destino do que confiar nas afirmações de agentes de emigração, cuja ação visava obter lucros, “assim, os contatos pessoais tornavam-se mais importantes, porque mais confiáveis do que as informações não pessoais”<sup>44</sup>, nas palavras do autor. De acordo com Tilly<sup>45</sup>, a migração em cadeia “envolve o deslocamento de indivíduos motivados por uma série de arranjos e informações fornecidas por parentes e conterrâneos já instalados no local de destino”.

Ao longo de sua trajetória, a península itálica foi terra de vários povos com diferentes culturas. Reinos, ducados e repúblicas com diferentes dialetos ocuparam a região italiana no percurso da história e não fomentavam uma união política em pleno início do século XIX.

Quando do início da Era Contemporânea, em 1789, portanto, a Itália continuava existindo apenas como expressão geográfica e de uma cultura comum ainda admirada no Ocidente, mas sem um Estado unificado ou uma identidade nacional consolidada. O termo "italiano" era mais um adjetivo para descrever os oriundos de uma península no meio do Mediterrâneo ou uma série de produtos culturais admirados em todo o Ocidente do que o definidor de uma nacionalidade ou de cidadão de um Estado, o que seria alterado apenas no século XIX<sup>46</sup>.

---

<sup>43</sup> BERTONHA, J. F. *Os Italianos...* p. 89.

<sup>44</sup> TRUZZI, Oswaldo. *Redes em processos migratórios*. In: Tempo Social: revista de sociologia da USP. São Paulo: 2008. V: 20, n:1, p. 199 – 218. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12567/14344>. p. 206. Acesso em: 24 de junho de 2019.

<sup>45</sup> TILLY, Charles. “Migration in Modern European History”. In: MCNEILL, William H. & ADAMS, Ruth S. (orgs.). Human migration, patterns and policies. Indiana University Press, 1978, p. 48-72. Apud TRUZZI, Oswaldo. *Redes em processos migratórios ...* p. 200. Acesso em: 24 de junho de 2019.

<sup>46</sup> BERTONHA, J. F. *Os Italianos...* p. 36.

Mapa 1: Itália no período pré-unificação.



Fonte: BERTONHA (2005, p. 46)

Enquanto outros países europeus já tinham sua unidade política bem definida há séculos, como Portugal e Espanha, a península italiana estava fragmentada politicamente e passa por um processo de unificação nacional somente a partir de 1815:

foi o *Risorgimento* (Ressurgimento), o processo de criação do Estado italiano independente, cuja duração foi longa.

Nas palavras de Fabio Bertonha, “o Estado italiano estava, ao menos formalmente, constituído em 1860 (tendo sido proclamado oficialmente em 1861)”,<sup>47</sup> Izabel Mazzini do Carmo reflete sobre os movimentos para unificação, ressaltando que foi um período “marcado pelas lutas ‘de cima para baixo’, não raro massacrandos populares”<sup>48</sup>. A unificação política do território italiano também foi um fator muito influente para a emigração, pois “o processo de unificação não havia resolvido problemas nascidos da decadência do feudalismo e da instalação do capitalismo”<sup>49</sup>. Assim, junto com a chegada das relações capitalistas, a unificação trouxe um novo padrão de configurações políticas, econômicas e sociais na vida do povo italiano. Nessa conjuntura, a exclusão social foi muito sentida pelos camponeses, que não tiveram suas demandas contempladas pela nova política italiana.

A influência da unificação sobre a economia italiana não resolveu questões, que a população necessitava que fossem resolvidas, como: diminuição do custo de vida, aumento dos salários e redução das taxas alfandegárias. A Itália convivia com regiões desenvolvidas e regiões atrasadas, e as contradições desses dois modelos eram gritantes para aqueles que não tinham o mínimo para viver<sup>50</sup>.

Mesmo na pós-unificação, as configurações políticas, econômicas e sociais continuavam a oprimir os mais pobres: a antiga nobreza ainda detinha muita riqueza e propriedades fundiárias (causa central para entender o fenômeno migratório), a monarquia continuava instituída e com grande força política, enquanto no sul a pobreza favorecia o clientelismo<sup>51</sup>. De acordo com Agostino Lazzaro, “não obstante o *Risorgimento*, os humildes permaneceram como antes: sem voz e sem poder”<sup>52</sup>.

A Itália ainda não tinha caráter nacional. Apesar da unidade geopolítica que acabara de conquistar no final do século XIX, sua unidade étnica e cultural ainda estaria

---

<sup>47</sup> BERTONHA, J. F. *Os Italianos...* p. 49.

<sup>48</sup> CARMO, Maria Izabel Mazzini do. *Nelle vie della città. Os italianos no Rio de Janeiro (1870-1920)* ... p. 22.

<sup>49</sup> HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. *O mito do imigrante no imaginário da cultura*. MÉTIS: história & cultura – v. 4, n. 8, p. 233-244, jul./dez. 2005. p. 235.

<sup>50</sup> HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. *O mito do imigrante no imaginário da cultura* ... p. 235.

<sup>51</sup> CARMO, Maria Izabel Mazzini do. *Nelle vie della città. Os italianos no Rio de Janeiro (1870-1920)*... p. 30-31.

<sup>52</sup> LAZZARO, Agostino; FRANCESCHETTO, C.; COUTINHO, G. A.; *Lembranças camponesas* ... p. 6.

por vir. A frase do político e escritor Massimo d’Azeglio, citada por Eric Hobsbawm, “fizemos a Itália: agora devemos fazer os italianos”<sup>53</sup>, reflete o obstáculo que enfrentaria o reino italiano do que era preciso naquele momento: criar uma noção de coletividade entre as populações que viviam na Itália. Hobsbawm descreve que “a única base para a unificação italiana era a língua italiana (...) quando da unificação (1860), apenas 2,5% da população usava a língua para fins cotidianos”<sup>54</sup>. Segundo Izabel Mazzini, o idioma florentino, que dispunha de grande prestígio na época, devido a obras literárias como “A Divina Comédia”, por exemplo, foi considerado “o italiano” após a unificação, enquanto os outros foram submetidos à condição de dialeto<sup>55</sup>.

A Itália dos Oitocentos era um país recém unificado e pobre, que não possuía uma identidade nacional legitimada por um Estado Nacional, portanto calabreses, ligurianos, toscanos, vênetos, sicilianos não falavam a mesma língua, tinham histórias, costumes e mentalidades próprias<sup>56</sup>.

Desse modo, mesmo com a unificação política, os camponeses italianos não se sentiam pertencentes à pátria Itália, mas sim à sua vila, à sua aldeia, à sua região. As identidades<sup>57</sup> locais, de classe e culturais predominavam sobre as nacionais. Antes de se sentirem italianos, os camponeses se sentiam vênetos, sicilianos ou toscanos. Sobre a língua no período da unificação, somente pouquíssimos membros da elite falavam o idioma italiano no reino, enquanto

todos os outros falavam dialeto - napolitano, vêneto, piemontês e outros - e tão incompreensíveis entre si que alguns professores piemonteses, enviados a escolas da Sicília em fins do século XIX, foram tomados por ingleses pela população local<sup>58</sup>.

Comentando sobre as novas configurações políticas italianas, Hobsbawm aborda que “talvez não surpreenda que o novo reino da Itália, embora animado para ‘fazer

<sup>53</sup> d’Azeglio apud HOBSBAWM, E. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 275.

<sup>54</sup> HOBSBAWM, Eric. *Nações e Nacionalismos desde 1870*. Paz e Terra, 2008, p. 76-77.

<sup>55</sup> CARMO, Maria Izabel Mazini do. *Nelle vie della città. Os italianos no Rio de Janeiro (1870-1920)*... p. 31.

<sup>56</sup> DADALTO, Maria Cristina. *O discurso da italianidade no ES: realidade ou mito construído?* Pensamento Plural. Pelotas [03]: 147 – 166, julho/dezembro, 2008. p. 152.

<sup>57</sup> Segundo Manuel Castells, “entende-se por identidade a fonte de significado e experiência de um povo”. CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 22.

<sup>58</sup> BERTONHA, J. F. *Os Italianos...* p. 52.

italianos', não estava nada entusiasmado com a ideia de fazer mais de um ou dois por cento deles eleitores, até que isto se tornasse completamente inevitável"<sup>59</sup>. Ainda em 1882, a exclusão política era corrente: para votar, as pessoas deviam ser alfabetizadas e os que eram alfabetizados somavam apenas "cerca de 6,9 % do total dos italianos de então"<sup>60</sup>. A imposição de alfabetização em um país onde a grande maioria da população não sabia ler ou escrever excluía a massa da população da política oficial.

Com o processo de unificação italiana também se estabeleceram os altos impostos do Estado. O camponês pequeno proprietário de terras deveria produzir, então, não só para sua família, mas também para pagar os tributos que seriam destinados a sustentar a máquina estatal. Por não terem condições de arcar com os impostos e sobretaxas, muitos camponeses perdiaram suas terras para o Estado. Entre 1875 e 1881, foram confiscadas 61.831 propriedades e entre 1884 e 1901, 215.759<sup>61</sup>. Em semelhante exemplo encontravam-se os camponeses da região do Trento que, por não conseguirem mais sustentar sua família, nem tampouco pagarem os impostos que deviam ao Estado, eram forçados a

avaliar se era mais conveniente trabalhar suas poucas terras ou colocar-se no mercado de trabalho a procura de um emprego. Mas a maior parte dos pequenos proprietários trentinos não tinha possibilidade de escolha. Era forçada a vender suas terras e passava automaticamente a fazer parte do grupo dos pobres, em um momento em que o mercado de trabalho trentino não oferecia alternativas<sup>62</sup>.

A fome e a miséria pelas quais eram submetidos milhares de camponeses não pareciam preocupar o governo italiano, já que não havia políticas públicas para tentar beneficiar esse grupo social. Até 1870 poucas pessoas emigravam; no entanto, após esse período, as relações capitalistas adentraram com mais força na Itália e o processo excludente da unificação fez com que as emigrações passassem a ser em massa. A emigração é, nos dizeres de Emilio Franzina, "mais o fruto de uma expulsão dos campos que outra coisa"<sup>63</sup>.

<sup>59</sup> HOBSBAWM, Eric. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, p. 275.

<sup>60</sup> BERTONHA, J. F. *Os Italianos...* p. 180.

<sup>61</sup> TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico*: um século de imigração italiana no Brasil.

São Paulo: Nobel: Istituto Italiano di Cultura di San Paolo: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1988, p. 32.

<sup>62</sup> GROSSELLI, R. M. *Colônias imperiais na terra do café...* p. 52.

<sup>63</sup> FRANZINA, E. *A grande emigração...* p. 79.

Havia na Itália grandes proprietários rurais que receavam que o território ficasse sem a excessiva mão de obra camponesa a seu dispor que pudesse lhe garantir o pagamento de baixos salários. Por isso, pressionavam o governo para impor medidas contrárias ao êxodo de camponeses. Eram os donos de grandes propriedades que temiam as consequências da emigração em massa. Esses antiemigrantistas se davam ao trabalho de espalhar e divulgar cartas suspeitas da América, com tristes e desesperados relatos das viagens no mar<sup>64</sup>. Na Alemanha, em correlato exemplo, houve campanha para desestimular a emigração do início do século XIX devido à diminuição da arrecadação de impostos que se dava com o êxodo. Nessa campanha, prefeitos e administradores da Comarca de Trier, com o apoio da Igreja, distribuíam memorandos passando uma imagem sarcástica e pessimista do Brasil<sup>65</sup>, por exemplo. A dissertação de Valéria Contrucci de Oliveira Mailer, ao abordar a relação entre a língua alemã e os cidadãos brasileiros em Blumenau, traz um exemplo de memorando do ano de 1828 que foi distribuído nas igrejas e fixado em cidades da Prússia, no qual se pode perceber a imagem que setores da elite alemã tinham a respeito do Brasil, que era um dos lugares de destino mais visados pelos emigrantes.

O que os emigrantes podem esperar(...). Rio de Janeiro é uma cidade grande, que em 1821 contava com aproximadamente 135.000 habitantes, entre os quais 105.000 negros e 4.000 estrangeiros. Esta cidade, que é residência do imperador do Brasil, apresenta um quadro da maior sujeira. Pântanos infestam o ar. Abutres pegam o lixo das ruas, que pululam de cachorros e ratos. Os habitantes não conseguem se livrar de pulgas, mosquitos e escorpiões. (...) Assim foi, entre outras, no ano de 1570, fundada a cidade de São Paulo por criminosos. (...) Os índios vivem, em parte, ainda como selvagens; os mais selvagens são os botocudos, que são canibais e habitam as matas cerradas entre o Espírito Santo e Minas Gerais. A classe trabalhadora, na verdade, são os negros. Aproximadamente de 16.000 a 20.000 são trazidos anualmente da África para o Brasil<sup>66</sup>.

Apesar das campanhas contrárias à emigração, não houve, por parte do governo italiano, uma vontade precisa e eficaz de pôr fim ao movimento emigratório<sup>67</sup>, sendo

<sup>64</sup> FRANZINA. E. *A grande emigração...* p. 261.

<sup>65</sup> MAILER, Valéria Contrucci de Oliveira. *O alemão em Blumenau: uma questão de identidade e cidadania*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Área de Ensino/Aprendizagem de Segunda Língua e Língua Estrangeira. 2003. p. 13.

<sup>66</sup> MAILER, Valéria Contrucci de Oliveira. *O alemão em Blumenau: uma questão de identidade e cidadania...* p. 13.

<sup>67</sup> FRANZINA. E. *A grande emigração...* p. 261.

que as ações antiemigrantistas na Itália não surtiram o efeito desejado, pois “no que diz respeito à liberdade de emigrar, esta permaneceu invariável”<sup>68</sup>.

Com a expansão das relações capitalistas de produção ao longo do século XIX, áreas exportadoras de matérias-primas como o continente americano, estavam em carência de mão de obra, enquanto a Europa vivia um excesso demográfico de força de trabalho. Assim, as terras do Novo Mundo se tornavam um ímã atraente para o trabalho e davam esperanças a muitos europeus que viam seu antigo mundo desmoronar frente à chegada do capitalismo, o que se deu a partir do início da década de 1850. No próximo subponto, iremos discorrer sobre os fatores que atraíam os milhares de italianos a migrarem para a América, em especial, para o Brasil.

### 1.3 - Os Fatores Atrativos

A América não foi, portanto, apenas uma resposta à crise econômica. Muitos viam como um novo mundo em que se podia reconstruir uma comunidade camponesa, distante da sífilis capitalista que colocava em crise a velha família patriarcal, o velho tipo de religiosidade; em poucas palavras, seria possível reconstruir a ordem que durante séculos reinara nos campos da Itália do norte, ou melhor, em toda a cultura camponesa<sup>69</sup>.

O fluxo migratório para o Brasil do século XIX está diretamente relacionado com a expansão do capitalismo no âmbito internacional. A partir de 1850, com a proibição do tráfico de escravos africanos para o Brasil, intensifica-se a entrada de europeus, grande parte recebendo algum tipo de subvenção do Estado, como incentivos agrícolas, moradia e serviços sanitários<sup>70</sup>.

Diante do esgotamento do escravismo e da inevitabilidade do trabalho livre, o Brasil decidiu, em 1850, pela cessação do tráfico negreiro, desse modo abreviando e condenando a escravidão. Optou pela imigração estrangeira, de trabalhadores livres<sup>71</sup>.

---

<sup>68</sup> TRENTI, A. *Do outro lado do Atlântico*... p. 33.

<sup>69</sup> GROSSELLI, R. M. *Colônias imperiais na terra do café*... p. 69.

<sup>70</sup> CAMPOS, Gustavo Barreto. *Dois séculos de imigração no Brasil*: a construção da imagem e papel social dos estrangeiros pela imprensa entre 1808 e 2015. Tese (Doutorado). Escola de Comunicação – ECO, UFRJ. Rio de Janeiro, 2015, p. 11.

<sup>71</sup> MARTINS, José de Souza. *O Cativeiro da Terra*. São Paulo. Hucitec, 1986. p. 3.

Enquanto a Itália passava por um momento em que sobravam braços para trabalhar, fazendeiros do Brasil e membros de elites de outros países americanos precisavam de novos trabalhadores. Ao discorrer sobre as relações que se passavam no Atlântico do século XIX e a imigração, Angelo Trento observa que “o fato é que a imigração italiana resolveu uma situação de impasse no momento em que os fazendeiros tiveram de abandonar o antigo sistema baseado na mão de obra escrava”<sup>72</sup>. Veja na tabela abaixo o número de imigrantes recebidos por países americanos e da Oceania no período de 1846 a 1932.

Tabela 2: Países que receberam imigrantes.

Principais países de Imigração 1846 – 1932	
Países de Imigração	Milhões de Imigrantes
Estados Unidos	32,4
Argentina e Uruguai	7,1
Canadá	5,2
Brasil	4,4
Austrália e Nova Zelândia	3,5

Fonte: BERTONHA (2005, p. 78).

No Brasil do regime imperial, a terra pertencia à nação e, “desse modo, a colonização só poderia ser promovida, de início, como na realidade o foi, pelo governo-geral”<sup>73</sup>. As políticas de imigração desenvolvidas pelo Império do Brasil e suas províncias, ao longo do século XIX, desejavam fazer dos estrangeiros proprietários rurais para povoar o território nacional ou trabalhadores para as lavouras do café. Como muitos imigrantes não possuíam dinheiro para pagar as viagens, o governo brasileiro

<sup>72</sup> TRENTO, A. *Do outro lado do Atlântico*... p. 25.

<sup>73</sup> CENNI, F. *Italianos no Brasil*... p. 145.

oferecia viagem parcial ou totalmente gratuita em muitos momentos. De acordo com a Lei 3.784 de 1867, citada por Renzo Grosselli, algumas vantagens foram oferecidas aos imigrantes que optavam por se dirigir para as colônias de imigração:

Nas colônias do Estado (a grande maioria dentre as existentes no Brasil, na época) o imigrante receberia um lote de terra de dimensões que variavam entre 15 e 62 hectares. Além disso, receberia um subsídio a fundo perdido e uma outra quantia em dinheiro para cada componente de sua família, que seria restituída ao Estado, juntamente com o valor da terra, no curso de cinco anos a partir do segundo ano após tomar posse do lote. A lei (e, portanto, o contrato que dela derivava) tratava também de sementes e instrumentos agrícolas que seriam entregues ao colono, no momento em que tomasse posse do lote, estes também debitados ao mesmo, devendo ser pagos da mesma forma como seria paga a terra<sup>74</sup>.

É importante ressaltar que o auxílio por parte do governo imperial e, posteriormente, republicano, aos imigrantes, também pode ser visto dentro da ótica das condições do capitalismo durante o século XIX. Para Martin Carnoy, “o desenvolvimento capitalista e o Estado sempre estiveram intimamente ligados”<sup>75</sup>. Ainda segundo esse autor, o Estado, entendido como setor público, parece deter a chave não só para o desenvolvimento econômico, mas para a liberdade individual e até mesmo para a própria vida e a morte<sup>76</sup>. E, no decorrer do século XIX, a revolução nos transportes e nos meios de comunicação, bem como os novos padrões de produção e acumulação demandaram grande volume de mão de obra<sup>77</sup>. Assim, a vinda de muitos imigrantes para o Brasil, além de povoar o vasto território brasileiro, ratificava com o interesse dos fazendeiros em possuir uma vasta mão de obra, que não só atendesse a demanda de preencher certa lacuna decorrente das leis abolicionistas que estimulavam o fim do trabalho escravo, mas que também lhe garantisse o pagamento de baixos salários. Dessa forma, o aparelhamento estatal brasileiro, ao fomentar a imigração, corrobora também com os interesses das classes dominantes, no caso, os grandes fazendeiros cafeicultores paulistas.

Os cafeicultores desejavam mão de obra farta e barata e, para que suas reivindicações fossem atendidas, optaram pela formação de um mercado de trabalho com a oferta artificialmente inflada por um

<sup>74</sup> GROSSELLI, R. M. *Colônias imperiais na terra do café...* p. 77.

<sup>75</sup> CARNOY, M. *Estado e Teoria Política*. Campinas, Papirus, 1986, p. 9.

<sup>76</sup> CARNOY, M. *Estado e Teoria Política...* p. 9.

<sup>77</sup> GONÇALVES, P. *Mercadores de Braços...* p. 234.

programa de imigração de trabalhadores europeus. A Itália foi um dos países que mais exportou mão de obra para o Brasil, em virtude da situação miserável que se encontravam os trabalhadores desse país<sup>78</sup>.

De acordo com Simone Medeiros, no entanto, os fazendeiros só conseguiram a “oferta de mão de obra almejada – farta e barata – com a política de imigração subvencionada, a partir de 1885, segundo a qual o Governo financiaria as passagens de famílias de imigrantes interessadas na vinda ao Brasil”<sup>79</sup>. As ações governamentais em prol das vontades dos cafeicultores ficam evidentes no exemplo da fundação da Sociedade Promotora de Imigração. Criada em 1886, essa sociedade foi responsável pela divulgação, introdução, administração, organização, e colocação dos imigrantes subvencionados para trabalharem na lavoura cafeeira paulista<sup>80</sup>. Essa sociedade foi formada por um grupo de “importantes e eminentes fazendeiros produtores de café que tinham como principal preocupação a garantia de braços para suas lavouras nesta época de iminência do fim da escravatura no Brasil”<sup>81</sup>.

À exemplo de São Paulo, a demanda por trabalhadores também passou a fazer parte dos discursos dos cafeicultores do noroeste fluminense. Segundo Rosane Bartholazzi, com o fim do escravismo, nos anos de 1890, cafeicultores reivindicaram imigrantes italianos para a região, já que os trabalhadores nacionais contratados para a derrubada das matas e preparação das terras para o plantio do café, chamados de caboclos, ou caipiras, foram “relegados e considerados insuficientes para atender aos interesses dos proprietários de terra, e a demanda por trabalhadores passou a fazer parte do discurso dos cafeicultores”<sup>82</sup>, sendo que o discurso recorrente na época tratava o imigrante italiano como lavrador melhor e mais produtivo. Para comparação, ao analisar a imigração alemã no sul do país, Valéria Mailer expõe que após a independência do Brasil, em 1822, “os trabalhadores nacionais eram considerados, pelo governo,

---

<sup>78</sup> MEDEIROS, Simone. *Resistência e Rebeldia nas Fazendas de Café de São Carlos – 1888 a 1914*. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Centro de Educação e Ciências Humanas. 2004, p. 39.

<sup>79</sup> MEDEIROS, S. *Resistência e Rebeldia nas Fazendas...* p. 40.

<sup>80</sup> PETRI, Kátia Cristina. “Mandem vir seus parentes”: a *Sociedade Promotora de Imigração em São Paulo (1886 – 1896)*. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC – SP. 2010, p. 54.

<sup>81</sup> A Sociedade Promotora de Imigração: formação e influência, 1886-1895. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao25/materia02/>. Acesso em: 23 de junho de 2019.

<sup>82</sup> BARTHOLAZZI, Rosane. A. *Os italianos no noroeste fluminense...* p. 123.

ineficientes para o trabalho agrícola, o que resultou na sua exclusão nos projetos de assentamento no sul”<sup>83</sup> do país. A respeito da integração da população pobre e livre no mercado de trabalho em finais do século XIX, Nara Saletto assim escreve:

A integração da população pobre, nascida livre ou liberta, ao mercado de trabalho, parecia difícil aos olhos dos contemporâneos no Sudeste. Essa dificuldade era interpretada tendo como referência o mito da indolência da população pobre, que datava do período colonial, e o racismo, tão influente no pensamento da época. A imagem negativa do trabalhador nacional então elaborada “justificou” a importação de mais de um milhão de imigrantes estrangeiros e a exclusão dos brasileiros do mercado de trabalho mais dinâmico do país, o de São Paulo<sup>84</sup>.

Nas colocações de José de Souza Martins, ao analisar o contexto histórico e social da transição do trabalho escravo para o trabalho livre no Brasil, no momento em “que se configurou a crise do trabalho escravo e o fim provável da escravidão, os grandes fazendeiros de café encontraram a solução para o seu problema de mão de obra na imigração de centenas de milhares de trabalhadores estrangeiros”<sup>85</sup>.

Ou seja, entende-se que o governo brasileiro esteve articulado para atender aos interesses das classes dominantes da época, no caso, os grandes fazendeiros paulistas e fluminenses da segunda metade do século XIX. Assim sendo, a imigração acabou sendo, também, um desenlace para os problemas que os fazendeiros enfrentavam; no caso, a alegada falta de mão de obra.

Com o anúncio de privilégios no tocante à terra, com as propagandas e convites, o governo brasileiro montava uma estratégia para atrair o imigrante, a fim de direcioná-lo para as zonas mais rurais do país. Com isso, também objetivava-se aumentar a produtividade agrícola, bem como condicionar o povoamento de regiões do interior do Brasil<sup>86</sup>.

---

<sup>83</sup> MAILER, Valéria Contrucci de Oliveira. *O alemão em Blumenau: uma questão de identidade e cidadania...* p. 13.

<sup>84</sup> SALETTTO, Nara. Transição para o trabalho livre e pequena propriedade no Espírito Santo. Vitória: Edufes, 1996. p. 184. Apud RIBEIRO, Diones Augusto. *Busca à Primeira Grandeza*: o Espírito Santo e o governo Moniz Freire (1892 a 1896). Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais. 2008. p. 72.

<sup>85</sup> MARTINS, José de Souza. *O Cativeiro da Terra*. São Paulo... p. 146.

<sup>86</sup> COUTINHO, David Barreto. *Políticas imigratórias e as instituições burocráticas no governo Vargas 1930-1945*). Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2015, p. 20.

Publicidades e agências de emigração não foram apenas a base da escolha do camponês deste ou daquele país para onde emigrar. Foram verdadeiros “aceleradores” do fluxo migratório. Indicavam um Éden (porque assim o apresentava a publicidade e nisto se resumiam as promessas dos agentes) que parecia ser a solução para todos os problemas para quem, daquele lado do oceano, vivia no limite da sobrevivência<sup>87</sup>.

A subvenção aos imigrantes não se restringia aos italianos. Helmar Rölke analisa a relação entre imigrantes alemães e o governo brasileiro no início do século XIX, apontando subvenções custeadas pelo governo imperial. Sobre o período, o autor comenta que os “os primeiros imigrantes alemães tinham a viagem paga e, ao chegarem às colônias, recebiam diárias em moeda, alimentação, sementes e ferramentas. Esta ajuda, porém, era vista como empréstimo a ser devolvido”<sup>88</sup>, isso porque suas terras só podiam ser legalizadas após a quitação desses empréstimos junto ao governo.

As vantagens oferecidas aos imigrantes nem sempre se realizaram da maneira que se mostraram. Por vezes, o primeiro contato com as fazendas de São Paulo era traumático. Além de serem infernizados por insetos e bichos durante o dia e a noite, o italiano chegava num mundo que ainda não tinha se libertado completamente das relações de trabalho escravistas, sendo que, “muitos fazendeiros e proprietários rurais, mesmo sem abandonar o ideário escravagista, acabaram por mesclar a presença de trabalhadores imigrantes e escravos”<sup>89</sup>. As fazendas, geralmente, eram mundos fechados onde a vontade do grande fazendeiro imperava. Distante das leis e das fiscalizações, não havia proteção legal contra injustiças praticadas aos imigrantes. Tudo era motivo de repreensão: falta de respeito (sempre a jugo do fazendeiro) ou não apagar as luzes às 8 da noite, por exemplo, podiam gerar multas. Angelo Trento descreve que os fazendeiros ainda estavam acostumados a lidar com os escravos e desse costume não se livraram, sendo que a violência física “previa o emprego descarado do chicote”<sup>90</sup>. Em semelhante observação à imigração alemã para o Brasil, Giralda Seyferth diz que muitas promessas foram feitas aos imigrantes alemães como casa, terra boa e fértil, mas o que

---

<sup>87</sup> GROSSELLI, R. M. *Colônias imperiais na terra do café...* p. 74.

<sup>88</sup> RÖLKE, Helmar. *Raízes da Imigração alemã*: História e cultura alemã no Espírito Santo. Vitória: Ed. Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016, p. 143.

<sup>89</sup> CAMPOS, G. *Dois séculos de imigração no Brasil...* p. 179.

<sup>90</sup> TRENTO, A. *Do outro lado do Atlântico...* p. 48.

encontraram no Brasil foram matas virgens que os obrigavam a começar praticamente do zero<sup>91</sup>.

Além disso, outra questão fundamental a ser mencionada é que o governo brasileiro incentivava a imigração não só pela necessidade de preencher o espaço geográfico de enormes áreas desabitadas e pela pressão internacional pelo fim da escravidão, mas também pela preocupação de “branquear” a população brasileira após a independência<sup>92</sup>, sendo essa, uma questão muito importante no contexto da imigração que se deu no Brasil.

Nas palavras de Gustavo Campos,

Muitos ideólogos do século XIX e início do século XX não se preocupavam apenas com o embranquecimento da população, como se poderia supor: um número considerável deles buscava, mesmo que por meio de teses racistas e eugenistas, constituir uma raça “superior” brasileira<sup>93</sup>.

Assim, em 1890, o chefe do Governo Provisório, Deodoro da Fonseca e o ministro da Agricultura, Francisco Glicério, assinaram o decreto nº 528, que estabelecia que a entrada de asiáticos e africanos dependeria de aprovação do Congresso Nacional, enquanto facilitava e até estimulava a recepção de europeus em território nacional.

Decreto nº 528 de 1890:

Art. 1º E' inteiramente livre a entrada, nos portos da Republica, dos individuos válidos e aptos para o trabalho, que não se acharem sujeitos á acção criminal do seu paiz, exceptuados os indigenas da Asia, ou da Africa que sómente mediante autorização do Congresso Nacional poderão ser admittidos de acordo com as condições que forem então estipuladas<sup>94</sup>.

<sup>91</sup> SEYFERTH, Giralda. A Identidade teuto-brasileira numa perspectiva histórica. In: Mauch, Cláudia/Vasconcellos, Naira Ed. *Os alemães no sul do Brasil*. Canoas: Ed. ULBRA, 1994, p.31. Apud DIAS, Lucas Henrique. Impactos do Nazismo na Juiz de Fora/MG: perseguição contra imigrantes alemães no Estado Novo. Dissertação (Mestrado). Universidade Salgado de Oliveira, 2018. p. 22.

<sup>92</sup> RÖLKE, H. *Raízes da Imigração alemã...* p. 141.

<sup>93</sup> CAMPOS, G. *Dois séculos de imigração no Brasil...* p. 38.

<sup>94</sup> BRASIL. Decreto Lei n. 528, de 28 de junho de 1890. Dispõe sobre o serviço da introdução e localização de imigrantes na Republica dos Estados Unidos do Brasil. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-528-28-junho-1890-506935-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 12 de junho de 2019.

Os imigrantes viram no Brasil não só uma oportunidade de escapar da miséria e fome que os assolava, mas também, uma oportunidade de recriar o mundo em que viviam antes das alterações provocadas pela expansão das relações capitalistas e industriais que se desenvolviam na Europa. Por isso, nem só realizações materiais motivavam os imigrantes, mas também, sentimentos e desejos. Algumas complementações das causas que motivaram os migrantes italianos a se mobilizarem para o Brasil foram:

1 - Propriedade: desejo de posse de uma terra; de tornar-se proprietário; 2 - Trabalho: espírito empreendedor, desbravador, tão exaltado na memória dos imigrantes e seus descendentes, capaz de sujeitar-se às mais precárias condições de trabalho para conseguir seus objetivos e ambições; 3 - Família: frequentemente numerosa, não só como mão de obra, mas também como uma referência para inclusão na sociedade da época e um catalisador de vínculos comunitários e fraternos; 4 - Religião: suporte ideológico, de identidade cultural e valores morais, que, juntamente com a família, funcionava como um catalisador comunitário e social<sup>95</sup>.

Muitos camponeses do Vêneto (norte da Itália), ao partir para a América, apesar de muitas vezes venderem todos os seus bens, traziam poucas somas de dinheiro. Eram pessoas simples e dóceis que, “ainda no final do século XIX, (...) acreditavam com firmeza e convicção em feiticeiras”<sup>96</sup> e, por essa certa docilidade, “eram os preferidos pelas oligarquias dirigentes sul-americanas”<sup>97</sup>. Os camponeses não eram ingênuos a ponto de acreditarem que chegariam no Brasil e se tornariam ricos sem labuta<sup>98</sup>, sabiam que a vida seria difícil e teriam longas jornadas de trabalho, porém, com a esperança de conseguirem sobreviver em uma propriedade que fosse sua. A respeito da preferência por parte dos fazendeiros brasileiros por trabalhadores da região norte da Itália devido sua docilidade, Angelo Trento corrobora com as citações acima de Emilio Franzina.

A propósito da proveniência regional, devemos sublinhar que a predominância de trabalhadores setentrionais também correspondia às

<sup>95</sup> PAULA, Sérgio Peres de. *Fazenda do centro*: imigração e colonização italiana no sul do Espírito Santo. Vitória, ES: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo; Castelo: Instituto Frei Manuel Simón, 2013, p. 32-33.

<sup>96</sup> FRANZINA. E. *A grande emigração...* p. 332.

<sup>97</sup> FRANZINA. E. *A grande emigração...* p. 264.

<sup>98</sup> FRANZINA. E. *A grande emigração...* p. 317.

preferências manifestadas pelos fazendeiros por vênetos e lombardos, devido à sua parcimônia, frugalidade e, sobretudo, docilidade<sup>99</sup>.

Essa questão da relação entre os imigrantes vênetos e seu comportamento dócil está diretamente ligada às configurações capitalistas que se desenvolviam na época no Brasil. Na ótica capitalista, a conquista dos bens e do sucesso vem com o trabalho e seus suplícios, portanto, nas palavras de um representante de fazendeiros, os imigrantes deveriam ser “morigerados, sóbrios e laboriosos”<sup>100</sup>.

A ideia era a de que os imigrantes deveriam cultivar as principais virtudes consagradas na ética capitalista. Nesse caso, o trabalho árduo e os sofrimentos e privações dos primeiros tempos seriam compensados pelo acesso à pequena agricultura familiar mais tarde. Os núcleos coloniais oficiais, de fato em decadência, chegaram a ser utilizados, nessa fase, como prova que legitimava tal aspiração<sup>101</sup>.

Assim, essa conciliação ideológica de mobilidade social através do trabalho se encaixava com o modo de produção capitalista da época, o que sustentou uma política de seleção de imigrantes. Segundo José Martins, famílias foram preferidas a solteiros e “os alemães sofreram fortes objeções porque preferiam de imediato o trabalho autônomo; os portugueses eram rejeitados porque preferiam trabalhar no pequeno comércio”<sup>102</sup>. Assim, a predominância de italianos nos fluxos migratórios para o Brasil se explica, também, pelas necessidades das fazendas de café inseridas nas mudanças ocasionadas pela transição para as relações capitalistas de produção.

Os vênetos formaram o componente mais numeroso da emigração da Itália de 1876 até 1901 quando emigraram cerca de 6 milhões de italianos para o mundo todo, sendo que os vênetos compunham um terço desse total<sup>103</sup>.

Não é possível contabilizar o número exato de imigrantes italianos que entraram no Brasil, pois muitos migrantes embarcaram em portos espanhóis, franceses ou alemães devido às facilidades burocráticas que não eram encontradas na Itália. Além

<sup>99</sup> TRENTO, A. *Do outro lado do Atlântico...* p. 41.

<sup>100</sup> MARTINS, José de Souza. *O Cativeiro da Terra*. São Paulo... p. 238.

<sup>101</sup> MARTINS, José de Souza. *O Cativeiro da Terra*. São Paulo... p. 238.

<sup>102</sup> MARTINS, José de Souza. *O Cativeiro da Terra*. São Paulo... p. 238.

<sup>103</sup> FRANZINA, E. *A grande emigração...* p. 84.

disso, acontecia a emigração clandestina, não só como resistência à convocação militar, mas também pela “falta de liberação do passaporte por obrigações de família do emigrante, a ausência de consenso paterno ou tutorial para a saída de menores e incapazes, ou ainda, a suposta imoralidade na expatriação de mulheres”<sup>104</sup>. Não obstante, o Brasil se tornava uma alternativa bem interessante para muitos europeus, sendo que os italianos se destacaram como o contingente migratório quantitativamente mais importante para as terras brasileiras do final do século XIX. Os italianos, no período de 1887 e 1902, constituíram cerca de 60% do total dos imigrantes recebidos pelo Brasil<sup>105</sup>.

Tabela 3: Entrada de imigrantes italianos no Brasil por ano.

Ano	Estatísticas italianas	Estatísticas brasileiras
1887	31.445	40.157
1888	97.730	104.353
1889	16.953	36.124
1890	16.233	31.275
1891	108.414	116.561
1892	36.448	54.993
1893	45.324	58.552
1894	41.628	40.342
1895	98.090	116.223
1896	76.665	96.324
1897	80.984	78.915

<sup>104</sup> GONÇALVES, P. *Mercadores de Braços...* p. 101.

<sup>105</sup> TRENTO, A. *Do outro lado do Atlântico...* p. 34.

1898	38.659	33.272
1899	26.574	30.846
1900	27.438	19.671
1901	82.159	59.869
1902	40.434	32.111
Total	865.178	949.588

Fonte: ROIO, Jose Luiz del. (Org). Trabalhadores do Brasil. Imigração e Industrialização. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1990, p. 16. Apud CARMO (2012, p. 47-48).

De acordo com José de Souza Martins, que analisa o desenvolvimento das relações capitalistas no Brasil durante o século XIX, um cuidado que se coloca importante no debate da imigração estrangeira para o Brasil nos finais do século XIX e início do século XX é o de não englobar todo imigrante estrangeiro na mesma categoria, como seres homogêneos, diferenciados apenas pelo uso da língua<sup>106</sup>. A título de comparação, o imigrante espanhol se diferenciava do italiano, principalmente, pelo contexto histórico que envolveu sua migração para o Brasil: “a área cultivada do Estado de São Paulo cresceu quase seis vezes entre 1890 e 1925, passando de 510 mil hectares para quase três milhões de hectares”<sup>107</sup>, o que fez atrair o imigrante espanhol, que vinha para suprir a mão de obra italiana que, ou deixava o país para voltar a Itália ou reemigrava para países como Argentina ou Uruguai. Assim, os italianos remanescentes no Brasil não eram mais suficientes para suprir a necessidade da expansão das fazendas de café de São Paulo.

Ou seja, enquanto o imigrante italiano veio para suprir a mão de obra escrava que declinava a partir de 1850 e, com mais força, a partir de 1888, “a imigração espanhola ocorreu, em grande parte, para ocupar, na expansão do café, o lugar até então preenchido pela imigração italiana”<sup>108</sup>. Nas colocações de José de Souza Martins, “a

<sup>106</sup> MARTINS, José de Souza. *O Cativeiro da Terra...* p. 116.

<sup>107</sup> MARTINS, José de Souza. *O Cativeiro da Terra...* p. 118.

<sup>108</sup> MARTINS, José de Souza. *O Cativeiro da Terra...* p. 118.

partir de 1905, a imigração espanhola para São Paulo passou a ser, durante certo tempo, a mais numerosa”<sup>109</sup>, por exemplo.

A diversificação da imigração também deve ficar registrada: enquanto a imigração espanhola se fez, predominantemente, por camponeses, a imigração italiana era composta por indivíduos de diferentes classes sociais, como comerciantes capitalistas, artesãos, intelectuais e, claro, camponeses. Isso porque, em São Paulo, a expansão do café atraía também serviços para complementar as atividades de comércio, como bancos e indústrias, nos finais do século XIX<sup>110</sup>.

#### **1.4 – As viagens nos navios**

As dificuldades para a viagem se iniciavam bem antes de partir. A falta de dinheiro obrigava muitas pessoas a venderem tudo ou a quase totalidade do que possuíam para enfrentar a trajetória. O caminho até o porto poderia levar dias andando a cavalo ou a pé.

Devido à grande procura, a emigração se torna um negócio muito rentável para agentes e companhias de transporte marítimo que oferecem o serviço. Os agentes e subagentes de emigração eram responsáveis por difundir a febre migratória nas áreas italianas que ainda se encontravam imunes à emigração. Assim, além do recrutamento, ofereciam assistência à massa rural semianalfabeta, órfã de qualquer auxílio estatal, escreviam e liam cartas e cuidavam das viagens até o porto<sup>111</sup>. Porém, muitas vezes os negociadores usurpavam, exploravam e enganavam os camponeses. Muitos agentes expediam os emigrantes ao porto de embarque uma semana antes da partida, para fazê-los recorrer a tabernáculos, cambistas e carregadores. Em Gênova, homens, mulheres e crianças dormiam ao relento e a escadaria da praça da igreja Santíssima D’annunziata servia de leito para os que não tinham condições de pagar hospedagem por alguns dias<sup>112</sup>. Acontecia também de algumas pessoas pagarem suas passagens, gastarem dias se deslocando e, quando chegavam ao porto, nenhuma embarcação os aguardava. Como exemplo, no ano de 1876,

---

<sup>109</sup> MARTINHS, José de Souza. *O Cativeiro da Terra...* p. 117.

<sup>110</sup> MARTINS, José de Souza. *O Cativeiro da Terra...* p. 118-119.

<sup>111</sup> GONÇALVES, P. *Mercadores de Braços...* p. 76.

<sup>112</sup> GONÇALVES, P. *Mercadores de Braços...* p. 112.

cerca de 800 emigrantes de Mantova, na baixa Lombardia, dirigiam-se à Gênova, onde aguardaram o embarque para a América sem sucesso. Todos foram enganados pelo agente que os havia recrutado e, logo depois, fugido com o dinheiro arrecadado para pagamento das passagens. Não restou outra alternativa senão o governo financiar o retorno dos mesmos ao local de origem<sup>113</sup>.

Nos dizeres de Paulo Gonçalves, “após todo sofrimento e o embarque no navio, a viagem transformava-se em nova batalha, talvez a mais difícil, a ser vencida pelos emigrantes”<sup>114</sup>. Às vezes, as pessoas conseguiam embarcar mas não tinham a certeza do local em que iriam desembarcar, como no caso de um vapor carregado de camponeses lombardos que, no ano de 1874, deveria atracar no Rio da Prata, mas acabou aportando em Nova York, devido à especulação do preço do bilhete da passagem realizado pelo agente de viagem<sup>115</sup>.

As condições de viagem nos navios eram péssimas. As embarcações faziam o transporte de carvão e outros minerais e, com o aumento da migração, foram adaptadas para o transporte também de pessoas. Angelo Trento enfatiza que os viajantes “eram pessimamente alimentados [...] com comida deteriorada, deitados no convés inferior em beliches empilhados ou diretamente no assoalho, sujeitos a epidemias”<sup>116</sup>. Os navios utilizados não possuíam condições para o uso: embarcavam mais pessoas do que o suportado, as condições higiênicas e sanitárias não eram boas e a comida era de má qualidade. Os italianos, geralmente, possuíam um pouco de carne que era condicionada em salame ou socol (embutido de lombo suíno) para o sustento dos primeiros dias da viagem. Eram comidas que tinham como consequência de seu consumo o “inconveniente de provocar muita sede”<sup>117</sup>. E ter acesso à água potável na embarcação apresentava-se como o maior problema da viagem. Segundo Cenni,

Nos navios de emigrantes havia, geralmente, apenas dois enormes tonéis munidos de uma espécie de mamadeira de chumbo, ao lado dos quais se enfileiravam, às vezes, centenas de pessoas que demoravam horas antes de poder colocar os lábios naquela mamadeira imunda<sup>118</sup>.

<sup>113</sup> GONÇALVES, P. *Mercadores de Braços...* p. 113.

<sup>114</sup> GONÇALVES, P. *Mercadores de Braços...* p. 117.

<sup>115</sup> GONÇALVES, P. *Mercadores de Braços...* p. 113.

<sup>116</sup> TRENTO, A. *Do outro lado do Atlântico...* p. 44-45.

<sup>117</sup> CENNI, F. *Italianos no Brasil...* p. 274.

<sup>118</sup> CENNI, F. *Italianos no Brasil...* p. 274.

Imagen 1: Cartaz de propaganda de companhia de navegação italiana que ligava a Itália às Américas.



Fonte: BERTONHA (2005, p. 103)

Emilio Franzina traz em seu livro parte do romance “No Oceano” de Edmondo de Amicis, escritor italiano do século XIX, o qual relata que um pai, ao emigrar com sua família, foi indagado no navio em certo momento da viagem se estava indo com muita esperança para a América. Fumando seu cachimbo, ele respondeu o seguinte: “eu

raciocino desta maneira. Pior do que eu estava não posso ficar. No máximo, terei que passar fome lá embaixo como eu passava em casa. Estou certo?”<sup>119</sup>.

Imagen 2: mulher italiana emigrante no porto com seus filhos.



Fonte: <http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/05/italianos-lemboram-dificuldades-de-migrantes-que-viaram-ao-brasil.html> (Acesso em: 15 de junho de 2019)

Ao analisar a imigração nos municípios de Varre-Sai e Natividade, que ficam no noroeste do estado do Rio de Janeiro, Rosane Bartholazzi expõe o relato de um descendente de imigrantes italianos, que rememora o sonho de prosperidade econômica antes da viagem: “(...) os fiscais da Itália falavam que aqui tinha o ouro verde que era o café e o ouro que se tirava da terra e da água (...) que aqui se enriquecia com muita facilidade, floreavam o máximo”<sup>120</sup>. Em outro relato descrito pela autora, as condições precárias relembradas das viagens que faziam o transporte dos imigrantes já pareciam indicar as dificuldades que estavam por vir.

Minha mãe quando veio da Itália para o Brasil, ela veio no navio né. Ela falava que os homens amassavam os pães com os pés, aí ela queria saber se era verdade e foi lá, nunca mais comeu pão. Ela contava isso pra gente. Ela falava que o navio balançava muito, ela passava mal, tava

<sup>119</sup> DE AMICIS. Edmondo. Sull’Oceano. Milao. 1922. Apud FRANZINA. E. *A grande emigração...* p. 387.

<sup>120</sup> Entrevista concedida por Elza Gorini. Varre-Sai. 2000. Apud BARTHOLAZZI, Rosane. A. *Os italianos no noroeste fluminense ...* p. 132.

grávida até que nasceu na fazenda Bela Vista o Brasilino, teve esse nome porque nasceu no Brasil<sup>121</sup>.

Com tantas adversidades, muitos italianos tiveram como destino final de suas vidas, os navios. A mortalidade era elevada durante as travessias, principalmente a infantil. No ano de 1888, “em dois navios que rumavam para o Brasil – o “Mateo Bruzzo” e o “Carlo Raggio” – contaram-se 52 mortos de fome e, em 1899, no “Frisca”, 24 mortos por asfixia”<sup>122</sup>. Na verdade, muitos imigrantes morriam por doenças e desconfortos, sendo que a maioria dos mortos era constituída por crianças, numa série de lutos que começava mesmo antes de embarcar, se estendendo por toda a viagem e terminava somente na chegada nos portos<sup>123</sup>.

Olha, a minha *nona* cuntava que a viagem fui de 1 mês. Ela tinha um meninozin de 2 mês, cuitada, ele quase moreu no navio e ela pensando que se ele more eles ia jogá pros pexe no mar. Entón ela feiz uma promessa pra Nossa Senhora que, se tinha que tirá ele, que tirasse logo quando ela saltava do navio, mais jogá ele no mar ela non queria non! Aí salvo ele. Eles saltaro em Vitória e ficaro lá 5 ano trabalhando de empregado. [Depoimento de Dosolina Sossai Lorenzon]<sup>124</sup>.

Essas adversidades enfrentadas pelos imigrantes durante a travessia são percebidas durante a denúncia do deputado Pantano durante assembleia do Parlamento no ano de 1899.

Os navios eram carcaças já muitas vezes dedicadas ao transporte de carvão, cargas de carne humana, amontoada e desprotegida, cuja passagem pelo oceano era assinalada por uma esteira de cadáveres ceifados pela morte nas fileiras dos emigrantes mais fracos e doentes, das mulheres e das crianças, extenuadas, mal de saúde devido aos alimentos insuficientes ou de má qualidade, pela inexistência de cuidados sanitários e pela falta de ar respirável na plenitude de um horizonte livre<sup>125</sup>.

---

<sup>121</sup> Entrevista concedida por Filomena Ridolfi. Varre-Sai. 2006. Apud BARTHOLAZZI, Rosane. A. *Os italianos no noroeste fluminense* ... p. 132.

<sup>122</sup> TRENTO, A. *Do outro lado do Atlântico*... p. 45.

<sup>123</sup> FRANZINA, E. *A grande emigração*... p. 404.

<sup>124</sup> LAZZARO, Agostino; FRANCESCHETTO, Cilmara; COUTINHO, Gleci. A.; *Lembranças campesinas*... p. 244.

<sup>125</sup> Apud Angelo TRENTO, A. *Do outro lado do Atlântico*... p. 45.

Até os anos 1870, a maioria das viagens era realizada em navios veleiros, que levavam cerca de 2 meses para cruzar o Atlântico e chegar às Américas. Depois vieram os navios à vapor, diminuindo o tempo de viagem consideravelmente para cerca de 21 a 30 dias. Assim, o oceano Atlântico é “reduzido” em tamanho graças ao avanço tecnológico, melhorando consideravelmente o tempo das viagens no mar e, consequentemente, a qualidade das viagens. De acordo com Cilmar Franceschetto, “o tempo empreendido por um navio em viagem direta de Gênova até Vitória, na década de 1870, variava de 28 a 45 dias. Para a década de 1890, a média era de 24 ½ dias”<sup>126</sup>.

Ao discorrer sobre as travessias realizadas, Franceschetto traz informações de relevância para a compreensão dos deslocamentos da Itália para o Espírito Santo durante a corrente migratória de finais do século XIX.

O navio Ádria foi o transatlântico que mais transportou imigrantes em uma única viagem: foram 1.530 italianos, em 27 de dezembro de 1888. Também foi o mais rápido a cruzar o Atlântico na viagem, entre 10 e 29 de setembro de 1891: 19 dias. O La Sofia, que trouxe os colonos da Expedição Tabacchi, entre janeiro e fevereiro de 1874, e o Ester, também entre os dois primeiros meses, do ano de 1877, foram os que mais tempo demoraram para cruzar o Atlântico: 45 dias<sup>127</sup>.

Atravessar o mar era um momento saliente na vida do emigrante: rumo ao desconhecido, conforme Rosane Bartholazzi, “se, por um lado, a partida assinalava o encerramento de uma parte da existência e, quase sempre, o abandono da pátria, por outro, gerava a expectativa da chegada repleta de esperanças e temores”<sup>128</sup>.

---

<sup>126</sup> FRANCESCHETTO, Cilmar. *Imigrantes*. Espírito Santo: base de dados da imigração estrangeira no Espírito Santo nos séculos XIX e XX. Organizado por Agostino Lazzaro. — Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014, p. 133.

<sup>127</sup> FRANCESCHETTO, Cilmar. *Imigrantes*... p. 133.

<sup>128</sup> BARTHOLAZZI, Rosane. A. *Os italianos no noroeste fluminense* ... p. 112.

## **Capítulo II – Imigração Italiana para o Espírito Santo e Venda Nova do Imigrante**

### **2.1 – A chegada ao Espírito Santo.**

“Eles viero pra cá porque dissero a eles que aqui no Brasil era fartura de tudo. As mulhé dizia assim: ‘*Ndemo in te Brasile che la catemo i ovi di travessi pieni*’ (Vamos para o Brasil que lá encheremos nossos aeventais de ovos). Eles dizia que naquela época na Itália se comia um ovo em 7 pessoa: ‘*Si ciapava la polenta, ciuciava l’ovo un per un*’ (pegava-se a polenta e passava no ovo um por um). Sete pessoa comia. Era muito difícil a comida. Eles falava em italiano: “*In Italia si magnava l’ovo in sete persone*” (Na Itália se comia um ovo em sete pessoas)”. [Depoimento de Avelino Zorral]<sup>129</sup>.

No período anterior à colonização italiana, o interior da província do Espírito Santo foi marcado pelo seu papel estratégico na fase da mineração. O objetivo do governo imperial era deixar a selva capixaba intacta para dificultar o acesso às minas e evitar o escoamento de riquezas por aventureiros e estrangeiros indesejáveis que poderiam escapar do fisco da Coroa. Gilda Rocha escreve que, “para evitar os ‘descaminhos do ouro’ foi proibida, em 1702, a abertura de estradas entre os territórios capixaba e mineiro, proibição esta renovada pelo Governo Geral em diversas ocasiões”<sup>130</sup>. De acordo com Rosane Bartholazzi<sup>131</sup>, não só o Espírito Santo, mas também a região conhecida hoje como noroeste fluminense, repleta de densas matas, também serviu como “área de defesa natural” contra o extravio de ouro procedente das Minas Gerais. Em pleno século XIX, denominações como “áreas proibidas” ou “sertões pestíferos” eram atribuídos à região. Segundo Rosane, uma das histórias mais difundidas na região foi a das águas venenosas, onde “um misterioso veneno contido na água dos rios deixaria verde todo aquele que se atrevesse a bebê-las”<sup>132</sup>. Tais histórias circundavam o imaginário popular e ajudaram a provocar o povoamento tardio da região.

---

<sup>129</sup> LAZZARO, Agostino; FRANCESCHETTO, C.; COUTINHO, G. A.; *Lembranças camponesas...* p. 142.

<sup>130</sup> ROCHA, Gilda. *Imigração estrangeira no Espírito Santo, 1847-1896*. Vitória: [s.n.], 1984, p. 20.

<sup>131</sup> BARTHOLAZZI, Rosane. A. *Os italianos no noroeste fluminense ...* p. 115.

<sup>132</sup> BARTHOLAZZI, Rosane. A. *Os italianos no noroeste fluminense ...* p. 115.

Depois de retraído o ciclo do ouro, a partir de 1856, a província do Espírito Santo vai receber colonização de fazendeiros de origem portuguesa vindos da província mineira e do Rio de Janeiro. Esses migrantes, em parte, eram fazendeiros que foram se instalando com seus escravos no sul do Espírito Santo, onde ocupavam vastas áreas de terras<sup>133</sup>.

Enquanto Rio de Janeiro e São Paulo já eram províncias ocupadas por grandes fazendas e que já conheciam ferrovias e cidades populosas, o Espírito Santo ainda engatinhava em seu desenvolvimento urbano. Segundo Busatto<sup>134</sup>, o Espírito Santo, em 1870, possuía 3 cidades e 10 vilas no seu litoral e, em 1878, sua população era de cerca de 96.475 habitantes, com uma média de 2 habitantes por quilômetro quadrado.

Castiglioni e Ferreira Emmi<sup>135</sup> reforçam os fatores que envolveram o Espírito Santo externamente no contexto migratório ao mencionarem que, “nos fluxos vindos da Itália para o Espírito Santo, agiram fatores expulsores existentes na região de origem: a crise da sociedade, em particular, a falta de trabalho, a miséria, o excesso populacional”. Essas autoras também ressaltam a característica “familiar” da imigração deslocada para o solo capixaba. De acordo com as escritoras, o Cônsul italiano Carlo Nagar, no relatório de 1895, ressalta a importância da atração e fixação de famílias inteiras contida nas políticas migratórias para o Espírito Santo:

[...] esse governo não procurava somente indivíduos apropriados à agricultura, mas estimulava especialmente a vinda de famílias inteiras que, uma vez fixadas à terra, não pudessem muito facilmente abandonar este lugar para repatriar<sup>136</sup>.

Ao analisarem os fluxos migratórios para o Espírito Santo entre 1850 e 1950, Castiglioni e Ferreira Emmi observam que “a imigração italiana que se dirigiu ao Espírito Santo tinha como característica principal a presença de famílias que migravam, majoritariamente, com todos os seus membros”, e “as características dos imigrantes

<sup>133</sup> RÖLKE, H. *Raízes da Imigração alemã...* p. 181.

<sup>134</sup> BUSATTO, Luiz. *Estudos sobre imigração italiana no Espírito Santo...* s/p.

<sup>135</sup> CASTIGLIONI, Aurélia H., FERREIRA EMMI, Marília. Análise Comparativa da Imigração Italiana dirigida para o Espírito Santo e para a Amazônia durante a segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX. *Revista Geográfica de América Central*, Número especial, II semestre, 2011, p. 1-23. Disponível em: <http://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/2725/2605>. Acesso em: 12 de janeiro de 2019, p. 6.

<sup>136</sup> CASTIGLIONI, A. H., FERREIRA EMMI, M. *Análise comparativa da Imigração...* p. 10.

traduzem a presença das famílias: os filhos representavam 44% do total dos imigrantes e os “chefes” e esposas, 37%”<sup>137</sup>. Assim, percebe-se a vontade de fazer com que os imigrantes criassem raízes em seu destino.

Da travessia do sonho coletivo de fazer a América até o assentamento na terra, como no Espírito Santo, os recém-emigrados buscaram se adaptar. Em maior proporção, originária do Vêneto, os imigrantes aportados na terra capixaba viviam sob o regime patriarcal, eram católicos e, a maioria, composta por analfabetos. Procuraram manter a tradição do trabalho coletivo e as trocas nos relacionamentos interpessoais, transportados na bagagem do patrimônio individual, rearticuladas com os novos hábitos e valores aprendidos na labuta das terras e na convivência com outros grupos<sup>138</sup>.

No caso da província do Espírito Santo, o fluxo migratório se dirigiu mais para a colonização do solo do que para substituir a mão de obra escrava, a exemplo do que demandavam as fazendas de Rio de Janeiro e São Paulo. Isso porque, de acordo com Gilda Rocha, ao observar diversos pronunciamentos de presidentes da Província do Espírito Santo, “a questão imigratória era vista como uma solução para o povoamento da terra, o que resultaria num melhor desempenho da economia”<sup>139</sup>. A imigração italiana no Espírito Santo começou com algumas tentativas de se aproveitar o momento para obter lucros com a transição da mão de obra escrava para o trabalho livre. Um exemplo dessas iniciativas particulares foi a do senhor Pedro Tabachi. “O contrato firmado por Tabacchi com o governo era muito vantajoso para o empreendedor. Estabelecia uma recompensa realmente alta para cada imigrante importado”<sup>140</sup>. Em 1874, Pedro Tabachi, natural da região do Trento, idealizou fazer uma fortuna com o sistema de parceria. Em 1873, percorreu a região de Trento<sup>141</sup> e recrutou 50 famílias da região que, depois de viajarem durante 45 dias, enfrentando tempestades e com algumas mortes no navio, chegaram ao Espírito Santo. Assim, em 1874, ancorou em Vitória o

---

<sup>137</sup> CASTIGLIONI, A. H., FERREIRA EMMI, M. *Análise comparativa da Imigração...* p. 10.

<sup>138</sup> DADALTO, M. C. *O discurso da italianidade no ES...* p. 154.

<sup>139</sup> ROCHA, G. *Imigração estrangeira no Espírito Santo...* p. 18.

<sup>140</sup> GROSSELLI, R. M. *Colônias imperiais na terra do café...* p. 175.

<sup>141</sup> Sobre a ida de Pedro Tabachi para a Europa, o sociólogo Renzo Grosselli diz o seguinte: “nada sabemos sobre eventuais viagens de Pietro Tabacchi à Itália ou ao Trentino para tentar atrair imigrantes (...) É certo que ele não foi à Itália e ao Trentino para acompanhar até o Espírito Santo os camponeses que contratara, como afirmam numerosas fontes brasileiras”, pois, no Trentino, quem teria trabalhado para Tabachi foi Pietro Casagrande, nativo da região e, ainda segundo Grosselli, foi Casagrande quem organizou a adesão dos camponeses trentinos àquela expedição, “prova disto são os contratos assinados por alguns camponeses, em que constava a sua assinatura, e não a de Tabacchi”. (ver: GROSSELLI, 2008, p. 175-176).

navio “Sofia”, trazendo 388 camponeses de língua e cultura italiana, de acordo com Busatto<sup>142</sup>. Sobre a chegada do navio “Sofia”, Renzo Grosselli afirma que “aquele, foi a primeira emigração em massa e organizada de famílias camponesas do Trentino para a América”<sup>143</sup>.

As dificuldades enfrentadas pelos imigrantes foram muitas: a distância do mar até a fazenda de Tabachi era grande, sendo que epidemias e mortes atingiram alguns deles. Pedro Tabachi tinha prometido casas aos imigrantes, mas ao invés disso ele construiu um galpão e os obrigou a viver promiscuamente<sup>144</sup>. A insatisfação gerou revolta, sendo que os colonos até pegaram em armas contra Tabachi. As relações se desgastaram, vindo Pedro Tabachi a falecer, segundo Grosseli<sup>145</sup>, de doença cardíaca, e, segundo Busatto<sup>146</sup>, de desgosto. Assim, a tentativa de estabelecer a colônia de Nova Trento na província do Espírito Santo fracassou, da mesma forma como fracassaram outras quatro tentativas particulares de estabelecer colônias de imigrantes<sup>147</sup>.

Gilda Rocha divide a imigração estrangeira no Espírito Santo em três fases: de 1847 a 1881, de 1882 a 1887, e de 1888 a 1896.

1ª fase: de 1847 a 1881.

A primeira fase, que vai de 1847 até 1881, é caracterizada pela ação do governo imperial favorecendo a instalação dos imigrantes em núcleos coloniais. O governo imperial subvencionava a imigração quase que totalmente, para atrair imigrantes europeus. “Os imigrantes, mesmo sendo, por contrato, obrigados a devolver os empréstimos, recebiam passagem, lotes, casas, instrumentos para o trabalho, alimentação e sementes”<sup>148</sup>. Nesses anos, a província do Espírito Santo recebeu 13.828 imigrantes de diferentes países da Europa como Áustria, Alemanha, Itália, Suíça, França, entre outros<sup>149</sup>.

---

<sup>142</sup> BUSATTO, L. *Estudos sobre imigração...* s/p.

<sup>143</sup> GROSSELLI, R. M. *Colônias imperiais na terra do café...* p. 176.

<sup>144</sup> Saiba quem foi Pietro Tabacchi. *Oriundi.Net.* 21. Fev. 2017. Disponível em: <https://www.oriundi.net/immigrazione/saiba-quem-foi-pietro-tabacchi>. Acesso em: 14 de maio de 2019.

<sup>145</sup> GROSSELLI, R. M. *Colônias imperiais na terra do café...* p. 193.

<sup>146</sup> BUSATTO, L. *Estudos sobre imigração...* s/p.

<sup>147</sup> BUSATTO, L. *Estudos sobre imigração...* s/p.

<sup>148</sup> RÖLKE, H. *Raízes da Imigração alemã...* p. 344.

<sup>149</sup> ROCHA, G. *Imigração estrangeira no Espírito Santo...* p. 90.

Nessa primeira fase (1847-1881), o trabalho escravo foi suficiente para a lavoura do café e o governo imperial pôde desenvolver colônias com a finalidade de povoar o solo do Espírito Santo. Assim, as grandes lavouras assistiam com certa indiferença o crescimento dessas (algumas colônias eram até elogiadas pelos fazendeiros). Porém, com a chegada das leis que colocavam em xeque o trabalho escravo, o Espírito Santo teve que ceder às pressões realizadas por Rio de Janeiro e São Paulo, que buscavam os imigrantes para repor a mão de obra escrava que as fazendas estavam perdendo.

2<sup>a</sup> fase: de 1882 a 1887.

A segunda fase, entre 1882 e 1887, é marcada pelo fim dos auxílios concedidos aos imigrantes que iam para as colônias e o estabelecimento de vantagens para estrangeiros que desejassesem se fixar nas fazendas de café. Isso se fez por causa dos lamentos e insatisfações dos grandes fazendeiros do café de São Paulo que encontravam problemas com a falta de trabalhadores, e que levaram suas reclamações para o governo imperial. Nas décadas de 1870 e 1880, os fazendeiros paulistas conseguiram maior influência no cenário político nacional, inclusive com a ocupação de cargos públicos importantes<sup>150</sup>. Dispondo de sua influência no governo, se impuseram politicamente e implementaram um programa de imigração visando a importação de mão de obra em larga escala que garantisse a manutenção das suas grandes lavouras<sup>151</sup>, o que ocasionou mudanças nas políticas de imigração em todo o país e, consequentemente, no Espírito Santo. Sobre a relação entre a imigração de colonização do solo espírito-santense e a produção de café nas fazendas de São Paulo na década de 1880, Gilda Rocha diz o seguinte:

Passaram as autoridades imperiais a legislar em proveito da grande lavoura, substituindo a política de criação e incentivo aos núcleos coloniais de pequenos proprietários por uma política mais agressiva e direta que visava estabelecer o estrangeiro nas grandes propriedades<sup>152</sup>.

Em 1886, quando Antônio da Silva Pardo, influente fazendeiro paulista, ocupou a pasta do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, foram estabelecidas

---

<sup>150</sup> MEDEIROS, Simone. ***Resistência e Rebeldia...*** p. 64.

<sup>151</sup> MEDEIROS, Simone. ***Resistência e Rebeldia...*** p. 64.

<sup>152</sup> ROCHA, G. ***Imigração estrangeira no Espírito Santo...*** p. 92-93.

normas que, claramente, dirigiam o fluxo migratório para as grandes fazendas de café em detrimento de outras colônias:

1. “efetuar-se-á o pagamento integral das passagens aos imigrantes que se localizarem nas fazendas e outros estabelecimentos agrícolas...”;
2. “os imigrantes que vierem fixar-se por conta própria ou nos núcleos coloniais do Estado, gozarão do favor da redução da passagem...”<sup>153</sup>.

Como a maioria dos imigrantes era pobre, constituída de artesãos e camponeses com pouca renda, fica claro que a medida tomada pelo Ministério, em 1886, fechava as portas para os imigrantes que desejassem ir para as colônias, e favorecia a ida para as grandes fazendas, nessa conjuntura histórica e temporal, localizadas em São Paulo.

Assim sendo, o Espírito Santo terá seu número de imigrantes bem reduzido nessa segunda fase: apenas 1.375 imigrantes entraram na província<sup>154</sup>. Esse período termina em 1887, ano em que o governo provincial assume as rédeas do processo migratório.

### 3<sup>a</sup> fase: de 1888 a 1896.

Na terceira fase, que compreende os anos entre 1888 e 1896, a entrada de imigrantes se torna mais significativa, pois com o decreto da abolição da escravatura, a necessidade de força de trabalho é mais urgente. Naquele momento, a grande lavoura capixaba foi beneficiada pelo movimento imigratório, num período em que chegam ao Espírito Santo cerca de 21.497 imigrantes<sup>155</sup>. Isso porque os fazendeiros reivindicavam mão de obra para labutar nas lavouras de café, canalizando o rumo de muitos imigrantes que chegavam ao solo espírito-santense.

Dificuldades de todo o tipo também marcaram a terceira fase, tais como as más condições nos alojamentos destinados aos recém-chegados da Europa, a deficiência em estradas e a carestia de gêneros alimentícios. Além disso, no núcleo colonial Moniz Freire (situado próximo ao atual município de Linhares, no norte do Espírito Santo),

---

<sup>153</sup> ROCHA, G. *Imigração estrangeira no Espírito Santo...* p. 93.

<sup>154</sup> ROCHA, G. *Imigração estrangeira no Espírito Santo...* p. 96.

<sup>155</sup> ROCHA, G. *Imigração estrangeira no Espírito Santo...* p. 122.

chuvas e a cheia do Rio Doce ocasionaram “febres e outras doenças e a mortalidade foi tão grande que se calcula que pelo menos um quinto dos colonos morreu”<sup>156</sup>.

Diones Augusto Ribeiro, ao abordar dificuldades enfrentadas por imigrantes italianos ao chegarem ao Espírito Santo, refere-se a reclamações escritas que relatam péssimas condições vivenciadas e promessas não cumpridas por parte das autoridades do Estado. As queixas eram uma de imigrantes chegados a Alfredo Chaves e outra de “moradores da mesma localidade, italianos e seus descendentes já instalados, denunciando as falsas promessas e a situação calamitosa daqueles que para lá se dirigiram”<sup>157</sup>, não sendo possível identificar seus autores e tendo os grifos conforme original.

De acordo com Diones Ribeiro, a primeira reclamação data de 26 de fevereiro de 1895, e descreve o drama dos imigrantes que chegaram no “Navio Rosário”, que atracou em Vitória, onde os imigrantes foram

[...] acolhidos na casa de Emigração. Depois de uma breve permanência, nos embarcaram para Benevente<sup>158</sup>; chegamos, fomos instalados em uma casa sem telhado, mal coberta, sem portas nem janelas. Deram-nos uma esteira molhada e podre que, estendida no chão lamacento deveria nos servir como leito<sup>159</sup>.

E também:

Refeições péssimas e mal preparadas. Permanecemos naquele estado miserável por alguns dias, depois fomos embarcados em uma canoa e, pelo Rio Benevente, dirigimo-nos a Alfredo Chaves, com somente um pão pesando mais ou menos cento e cinqüenta gramas, provisão que deveria nos manter por dois dias. Viajamos durante todo o dia, ao cair da noite não pudemos mais continuar a viagem e permanecemos num lugar denominado Jabaquara, alojados em uma igreja sem recursos de espécie alguma, passamos aquela noite lutando contra a fome. Passamos miseravelmente aquela noite e, no dia seguinte, continuamos a viagem a pé, levando nos braços nossos filhos. Caminhos horríveis, sob uma chuva torrencial, passando por pântanos inundados, chegamos até Canela, onde a fome não nos permitia mais seguir adiante. Pedimos pão dispostos a tudo, nos deram um pouco até que não chegassem os

<sup>156</sup> BUSATTO, L. *Estudos sobre imigração...* s/p.

<sup>157</sup> RIBEIRO, Diones Augusto. *Busca à Primeira Grandeza...* p. 81.

<sup>158</sup> Porto de Anchieta, sul do Espírito Santo, também chamado de “Benevente”, que foi porta de entrada para oito mil camponeses italianos que vieram para o Espírito Santo, sendo que, muitos desses, colonizaram Venda Nova. Ver <https://ape.es.gov.br/Not%C3%ADcia/arquivo-publico-lanca-livro-sobre-imigracao-italiana-em-anchietia>.

<sup>159</sup> Carta de imigrantes italianos a Carlo Nagar. REGINATO, Mauro (org). De San Marino ao Espírito Santo, fotografia de uma imigração. Vitória: Edufes, 2004. Apud RIBEIRO, Diones Augusto. *Busca à Primeira Grandeza...* p. 81.

socorros enviados de Alfredo Chaves pelos senhores Carlo Malini, Vittorino Piana, Eufreure Lucchesi e outros, e também pelo Senhor Doutor da Terra e Colonização<sup>160</sup>.

Finalmente, ao chegarem em Alfredo Chaves:

[...], alojados ainda em pior estado que em Benevente, sem ajuda, sem proteção, sem endereço, pouca alimentação mal preparada e o pior é que se dentro de três dias não formos empregados, perderemos todos os direitos. Terras para trabalhar e outras coisas prometidas não nos foram dadas. Fomos enganados, maltratados e imploramos a V. Sa justiça e proteção<sup>161</sup>.

Abaixo, parte da outra carta que reflete as dificuldades encontradas pelos imigrantes italianos ao chegarem em Alfredo Chaves, logo após deixarem Benevente.

[...] lá são hospedados em péssimas condições, mal alojados, com um tratamento terrível, sem quem os dirija, proteja e tutele os seus direitos. Partem de lá, após dois ou três dias, para Alfredo Chaves e navegam em canoa pelo Rio Benevente como se fossem porcos encomendados, com provisões que consistem de um só pão para cada um, começam essa dolorosa viagem. Não podendo ser feita em um dia, e não podendo viajar à noite, ocorre que quando esta cai, a viagem é suspensa e assim esses miseráveis são obrigados a passar a noite a céu aberto, ou sob a chuva e passando fome, em lugares de ar ruim, muito freqüentemente ocorre que eles chegam aqui com febre palustre interminante. Chegando aqui são alojados em um galpão sem portas, sem janelas, sem latrina, abrigo para cabras, porcos, mulas cavalos. Não há cozinha para preparar comida, tudo é feito nesse barracão que, sem assoalho, a gente é obrigada a dormir sobre a terra nua e cheia de imundícies. As pessoas de ambos os sexos, todas as idades, doentes ou sadios, estão passando miseravelmente os dias<sup>162</sup>.

Todos esses fatores descritos acima nas cartas, juntamente com o aparecimento de febres na população do núcleo Moniz Freire, foram essenciais para a decisão do

---

<sup>160</sup> Carta de imigrantes italianos a Carlo Nagar. REGINATO, Mauro (org). De San Marino ao Espírito Santo, fotografia de uma imigração. Vitória: Edufes, 2004. Apud RIBEIRO, Diones Augusto. **Busca à Primeira Grandeza...** p. 81-82.

<sup>161</sup> Carta de imigrantes italianos a Carlo Nagar. REGINATO, Mauro (org). De San Marino ao Espírito Santo, fotografia de uma imigração. Vitória: Edufes, 2004. Apud RIBEIRO, Diones Augusto. **Busca à Primeira Grandeza...** p. 82.

<sup>162</sup> Carta de imigrantes italianos a Carlo Nagar. REGINATO, Mauro (org). De San Marino ao Espírito Santo, fotografia de uma imigração. Vitória: Edufes, 2004. Apud RIBEIRO, Diones Augusto. **Busca à Primeira Grandeza...** p. 82.

governo italiano de publicar o Decreto do Governo Italiano de 20 de julho de 1895, que proibia a emigração subvencionada de seus súditos para o Espírito Santo<sup>163</sup>.

O golpe fatal para a estagnação da imigração é o decreto do governo italiano que, em 20 de julho de 1895, proíbe a emigração de seus súditos para o estado do Espírito Santo. Este decreto é fruto das péssimas condições que são impostas aos imigrantes italianos<sup>164</sup>.

Além dessas condições, em 1896 houve queda no preço do café, o principal produto do estado que gerava grande parte das receitas para a manutenção do governo estadual. Esses fatores impossibilitaram o Estado capixaba de continuar a manter as rédeas do processo migratório em 1896. Imigrantes continuaram a chegar no Espírito Santo, porém, essa crise financeira em que mergulhou o estado não dava margem à continuação da onerosa política imigrantista, marcando o fim da terceira fase em que Gilda Rocha dividiu a imigração no Espírito Santo<sup>165</sup>.

Tabela 4: Entrada de imigrantes no Espírito Santo por década.

Década	Imigrantes
1840 - 1850	166
1851 - 1860	2.222
1861 - 1870	942
1871 - 1880	11.583
1881 - 1890	8.629
1891 - 1900	23.093
1901 – 1910	831
1911 - 1920	600

<sup>163</sup> ROCHA, G. *Imigração estrangeira no Espírito Santo...* p. 131.

<sup>164</sup> RÖLKE, H. *Raízes da Imigração alemã...* p. 356.

<sup>165</sup> ROCHA, G. *Imigração estrangeira no Espírito Santo...* p. 132-133.

Fonte: FRANCESCHETTO, Cilmara. *Imigrantes...* p. 71

Um dos principais efeitos da imigração para o estado foi demográfico: em 1856, a população do Espírito Santo era de 49.092 habitantes e “cresceu para 209.783 em 1900”<sup>166</sup>, o que corresponde a um período em que o Espírito Santo recebeu grandes levas de italianos. A grande maioria dos imigrantes vinha da região norte da atual Itália: Vêneto, Lombardia, Trentino-Alto, Ádige, Emilia-Romagna, Piemonte, Friuli-Venezia Giulia, Liguria e Vale d’Aosta que, juntas, forneceram 92% dos imigrantes, sendo que as regiões do centro contribuíram com 6%, e as do sul, com 2% dos italianos<sup>167</sup>. Segundo Luiz Busatto, a presença italiana é figura de destaque no solo do estado do Espírito Santo. O autor aponta que “não há dúvida que o Espírito Santo apresenta a maior concentração de descendência italiana no Brasil, entre 60 e 70%”<sup>168</sup>. A título de comparação com Busatto, a pesquisadora Maria Cristina Dadalto discorre sobre o mesmo tema, em seu texto “O Discurso da Italianidade no ES”, levantando justamente a questão da italianidade ser a principal etnia a constituir a identidade capixaba. Através de levantamento quantitativo e análises literárias de obras produzidas entre 1960 e 2005, a autora conclui que

Contudo, não há dados objetivos suficientes que justifiquem afirmar que o estado é constituído em mais de 60% por ítalo-descendentes ou que a identidade do capixaba seja fundada na italianidade. O Espírito Santo é sabidamente território em que prospera a diversidade cultural. Porém, a eficácia de uma prática discursiva, sustentada no entusiasmo ufanista da derrota da adversidade, dá alento ao mito da italianidade na supremacia da configuração da identidade capixaba<sup>169</sup>.

---

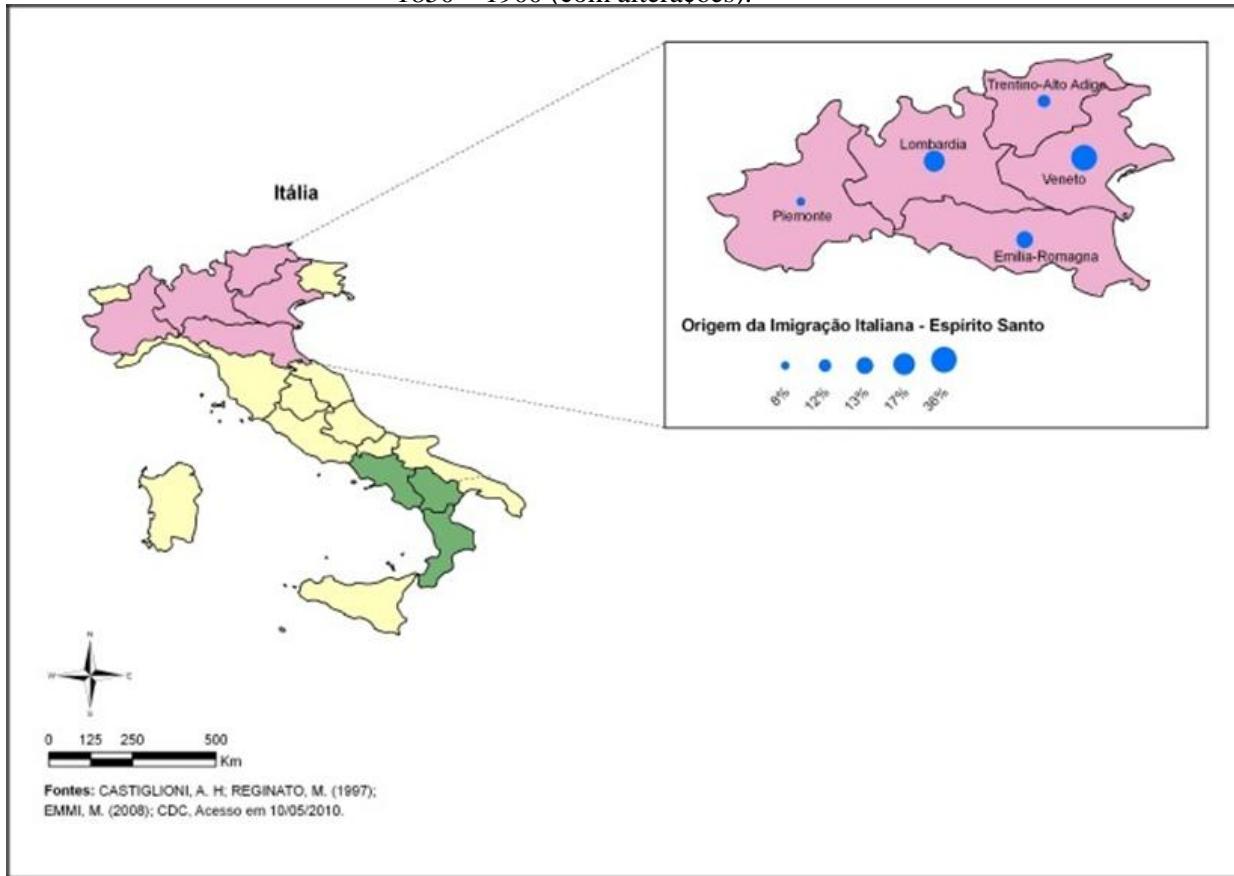
<sup>166</sup> CASTIGLIONI, A. H., & FERREIRA EMMI, M. (1). *Análise Comparativa da Imigração...* p. 16.

<sup>167</sup> FRANCESCHETTO, Cilmara. *Imigrantes...* p. 123.

<sup>168</sup> BUSATTO, Luiz. *Estudos sobre imigração italiana no Espírito Santo...* s/p.

<sup>169</sup> DADALTO, M. C. *O discurso da italianidade no ES...* p. 164.

Mapa 2: Região de origem dos imigrantes que chegaram ao Espírito Santo no período 1850 – 1900 (com alterações).



Fonte: Castiglioni e Ferreira Emmi (2011, p. 9).

O Espírito Santo era uma província que tinha população escassa ainda no início do século XIX, sendo que “a população que produzia, exportava e importava por esta época de 1827, eram em número de 35.879 que habitavam em 2.600 casas, contada em dez freguesias de norte a sul do Espírito Santo”<sup>170</sup>. A produção de gêneros alimentícios era pequena, pois também era pequena a população e, assim, não havia dinamismo econômico. Sem uma agricultura anafada, sem um comércio aquecido, sem uma economia forte, o império não arrecadava impostos. Como romper esse círculo? De que forma as extensas terras podiam ser utilizadas para fomentar riqueza tanto para a Província como para o Império e deixar para trás a antiga herança dos tempos coloniais de “barragem verde” que tinha como função apenas impedir o escoamento ilegal de

<sup>170</sup> COSTA, Luciana Osório. *A colônia do Rio Novo (1854/1880)*. Dissertação de Mestrado. Universidade de São Paulo, 1981, p. 20.

ouro das Minas Gerais? A solução encontrada para essas questões foi justamente a criação de colônias para receber imigrantes que vinham de diversas partes do mundo.

Apesar de já existirem experiências com trabalhadores livres estrangeiros, realizadas em São Paulo desde 1840 e, no Rio de Janeiro, desde 1850<sup>171</sup>, os núcleos coloniais funcionavam, de acordo com Castiglioni e Ferreira Emmi<sup>172</sup>, como uma espécie de ensaio do governo imperial, que buscava operar a transição do trabalho compulsório para o trabalho livre. O Espírito Santo, por ser uma província de expressões políticas e econômicas pequenas para o Brasil, pode ser considerado o laboratório desses núcleos. Conforme apontado por Gilda Rocha, “não pode ser de todo descartada a ideia de que o Espírito Santo foi a ‘cobaia’ perfeita para a implementação dos planos governamentais no que concerne à política de imigração”<sup>173</sup>. No caso do Espírito Santo, a imigração, “mais escassa e pontual, foi sobretudo o resultado da política de colonização rural com pequenos proprietários de origem alemã e italiana nas regiões serranas”<sup>174</sup>.

As escritoras Castiglioni e Ferreira Emmi refletem sobre o início da colonização do solo espírito-santense.

Os programas imigratórios no Espírito Santo organizaram núcleos coloniais, ofereceram vantagens para o estabelecimento dos imigrantes e facilidades para aquisição da pequena ou média propriedade. Os imigrantes, por sua vez, vinham para o Espírito Santo atraídos pela possibilidade de se tornarem proprietários. Em consonância aos objetivos comuns, das políticas e dos imigrantes, a zona rural foi o destino da grande maioria dos imigrantes, cujas famílias e seus descendentes fixaram-se e aí permaneceram até meados do século XX<sup>175</sup>.

De acordo com Grosselli<sup>176</sup>, no tempo do Império, havia no Espírito Santo o total de quatro colônias: “Colônia Santa Izabel, a Colônia de Rio Novo, a Colônia de

---

<sup>171</sup> ROCHA, G. *Imigração estrangeira no Espírito Santo...* p. 50.

<sup>172</sup> CASTIGLIONI, A. H., FERREIRA EMMI, M. *Análise comparativa da Imigração...* p. 8

<sup>173</sup> ROCHA, G. *Imigração estrangeira no Espírito Santo...* p. 35.

<sup>174</sup> BONDI, Luigi. *Imigração* [verbete]. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2015. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/IMIGRA%C3%87%C3%83O.pdf>. Acesso em: 18 de junho de 2019. p. 2.

<sup>175</sup> BONDI, L. *Imigração...* p.11.

<sup>176</sup> GROSSELLI, R. M. *Colônias imperiais na terra do café...* p. 155.

Santa Leopoldina e a Colônia Castello”. Todas as colônias receberam estrangeiros de várias nacionalidades.

## 2.2 – A Colônia de Rio Novo e o caminho para Venda Nova.

Em 1847, uma leva de 163 imigrantes originários do Reno ocuparam regiões montanhosas do atual município de Domingos Martins, onde surgiu a colônia de Santa Isabel. Em 1857, surge a colônia de Santa Leopoldina, com imigrantes suíços, alemães e tiroleses. E a colônia do Rio Novo, uma das colônias imperiais do Espírito Santo, é a que mais interessa para este trabalho, pois foi de suas antigas terras que saíram os italianos que colonizaram o solo venda-novense. Por isso, é mister relatar algumas de suas características.

Apesar de ter alguns poucos imigrantes deslocados para fazendas de café em Cachoeiro de Itapemirim, a principal função da colônia de Rio Novo, assim como dos outros núcleos, era a de povoar o território. Essa colônia já existia bem antes da chegada dos imigrantes italianos. Fundada em 1854 pelo major Caetano Dias da Silva como um empreendimento particular da empresa “Imperial Associação Colonial de Rio Novo”, visava, claramente, obter lucros com o trabalho dos imigrantes. A lavoura da colônia consistia em milho, feijão, arroz, mandioca, aipim e café<sup>177</sup>. Porém, dificuldades de todos os tipos marcaram a história da colônia: os terrenos eram pantanosos ou pedregosos, havia falta de boas estradas e boas vias de acesso à colônia, visto que o próprio rio Novo não era navegável em grande parte, além de suas cheias prejudicarem as estradas e danificarem as poucas pontes que foram construídas. Não havia conservação dos caminhos que ligavam os lotes da colônia, impossibilitando o escoamento da produção. Luciana Osório Costa menciona que a colônia foi fundada em uma área com antigas posses de terras indígenas, o que gerava certo clima de tensão nos territórios da colônia<sup>178</sup>.

A autora relata que, de acordo com mapa estatístico dos anos de 1854/1862, a população de Rio Novo era de 855 habitantes, possuindo colonos de diversas nacionalidades: portuguesa, inglesa, africana, asiática, francesa, alemã, belga, suíça,

---

<sup>177</sup> COSTA, L. *A colônia do Rio Novo (1854/1880)*... p. 51.

<sup>178</sup> COSTA, L. *A colônia do Rio Novo (1854/1880)*... p. 39.

espanhola, holandesa e luxemburguesa<sup>179</sup>. Essa grande diversidade de etnias foi o principal fator que impediu os grupos que ali viviam de promoverem uma melhor organização para reclamarem suas dificuldades perante as autoridades ou para conseguirem coesão na comunidade. Dessa forma, não houve escola durante boa parte da existência da colônia e o aprendizado da língua portuguesa não acontecia. No ano de 1867, por exemplo, havia 709 habitantes, sendo que 152 sabiam ler e 557 eram analfabetos<sup>180</sup>.

Mesmo sendo uma colônia de administração privada, foi constantemente contemplada com os favores dos cofres públicos como empréstimos em dinheiro e contribuições para execução de obras<sup>181</sup>, o que não significava melhorias para os colonos. Luciana Costa destaca que o governo imperial mais privilegiava a empresa privada do que promovia a política de imigração. A autora ainda conta que, em 1859, o imperador Dom Pedro II iniciou uma viagem ao Nordeste do Brasil e, nas suas viagens, passou pelas colônias do Espírito Santo, inclusive na colônia do Rio Novo, sobre a qual relatou, entre outros dizeres: “os colonos que vi têm quase todos cara de doente, queixando-se de moléstias, falta de médico, cemitério, padre e capela”<sup>182</sup>. Depois da visita do imperador, de acordo com Gilda Rocha, a colônia de Rio Novo, “nascida de um empreendimento particular, foi encampada pelo Governo Imperial em 1861, em virtude das sérias dificuldades que atravessava”<sup>183</sup>.

Apesar de ter ficado sob administração imperial, a colônia ainda era pobre e não conseguia arrecadar recursos, fosse através da cobrança de dívidas dos colonos ou de dotações do governo. A exploração da madeira jacarandá era a única atividade expressiva da colônia. No mapa estatístico de 1867, dos 709 habitantes, 101 queixavam-se que sofriam do estômago, 21 do baço, 20 dos intestinos, 61 do fígado e 75 de opilação<sup>184</sup>. Além disso, máquinas a vapor ou hidráulicas para produção eram coisas raras de se ver. Em 1871, havia 2 padarias, 1 moinho de grão, 1 serraria movida a água, 1 engenho de pilar café, 1 olaria e 1 olaria em construção<sup>185</sup>.

---

<sup>179</sup> COSTA, L. *A colônia do Rio Novo (1854/1880)*... p. 31.

<sup>180</sup> COSTA, L. *A colônia do Rio Novo (1854/1880)*... p. 59.

<sup>181</sup> ROCHA, G. *Imigração estrangeira no Espírito Santo*... p. 70.

<sup>182</sup> COSTA, L. *A colônia do Rio Novo (1854/1880)*... p. 41.

<sup>183</sup> ROCHA, G. *Imigração estrangeira no Espírito Santo*... p. 68.

<sup>184</sup> COSTA, L. *A colônia do Rio Novo (1854/1880)*... p. 63.

<sup>185</sup> COSTA, L. *A colônia do Rio Novo (1854/1880)*... p. 73.

Luciana relata que, a partir de 1871, houve leves melhorias na manutenção de estradas, pontes e de outras obras públicas e vias de ligação externas. No ano de 1875, a população da colônia era de 2.062 habitantes. Nessa época, já havia três escolas públicas, sendo duas para o sexo masculino e uma para o sexo feminino. Essas melhorias podem ser percebidas, também, no relatório oficial apresentado à Assembleia Legislativa Provincial do Espírito Santo pelo vice-presidente, Coronel Manoel Ribeiro Coitinho Mascarenhas, na sessão da 21<sup>a</sup> Legislatura no ano de 1874. Assim era descrita a colônia de Rio Novo no documento:

Sob a direcção do habil Engenheiro Joaquim Adolpho Pinto Pacca, é satisfatório o seu estado material e moral: este resultado vai correspondendo as vistas do Governo Geral, que tem sido incansável em promover por todos os meios a emigração espontânea. [...] Sua população, segundo o ultimo recenseamento do Engenheiro Pacca, consta de 1283 colonos distribuídos por 258 fogos, sendo: homens 660, mulheres 623; maiores de 20 annos 525, menores d'essa idade 758; casados 349, viúvos e solteiros 934; brasileiros 781, estrangeiros 502; católicos 1187, acatólicos 96. [...] Continhão as obras da casa para instrução publica, os melhoramentos da viação interna, e conservação de estradas, pontes, pontilhões, etc., tendo-se procedido a reparos e pinturas nos edifícios públicos<sup>186</sup>.

A colônia seguia com muitos imigrantes de diversas nacionalidades, porém, “os italianos, mais especificamente trentinos, chegarão em 1875”<sup>187</sup>. Assim sendo, já em 1877, com a chegada de imigrantes italianos potencializada, a população da colônia passa a ser de 3.092 habitantes, sendo que 58,3% desses eram italianos, o que mostra a importância desse grupo para a colonização e configuração da identidade do povo capixaba. Em 1879, a população da colônia do Rio Novo atinge a marca de 5.000 habitantes<sup>188</sup>.

---

<sup>186</sup> ESPÍRITO SANTO (Estado). Presidente Luis Eugênio Horta Barbosa. Relatório apresentado ao Sr. Coronel Manoel Ribeiro Coitinho Mascarenhas pelo presidente da Província do Espírito Santo Sr. Luiz Eugênio Horta Barbosa, por ocasião de deixar a administração da Província do Espírito Santo em 28 de abril de 1874. Vitória: Typographia Espírito-Santense, 1874. Página: 27. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Relatorios/LUIZ%20EUGENIO%20HORTA%20BARBOSA%20-%20Presidente%20da%20Prov%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em: 15 de janeiro de 2019.

<sup>187</sup> LAZZARO, Agostino; FRANCESCHETTO, C.; COUTINHO, G. A.; *Lembranças camponesas...* p. 12.

<sup>188</sup> COSTA, L. *A colônia do Rio Novo (1854/1880)*... p. 92.

Mapa 3: Parte sul política do atual estado do Espírito Santo (com marcações). Círculo maior<sup>189</sup>, região que abrangia terras da antiga colônia de Rio Novo (de onde vieram os primeiros italianos para Venda Nova) e, no círculo menor, atual município de Venda Nova do Imigrante.



Fonte: <http://antigo.es.gov.br/EspiritoSanto/Paginas/mapas.aspx>

Apesar dos esforços do governo imperial, em 6 de março de 1880, através do Decreto nº 7.683, a colônia passa para o regime comum das outras povoações do Império, cessando a administração especial a que era sujeita<sup>190</sup>, ou seja, a colônia Rio Novo chegava ao fim. Porém, isso não significou o fim da recepção de imigrantes. Pelo contrário, muitos imigrantes continuaram chegando para ocupar a recém-criada colônia Castello, fundada em 1880 e que poderia ser considerada como o VI território da ex-

<sup>189</sup> O círculo maior da figura foi traçado baseado na informação que consta em LAZZARO (1992, p. 18) que diz "...da Colônia de Rio Novo, nas divisas com o antigo município de Cachoeiro de Itapemirim e que abrangia os atuais municípios de Rio Novo, Iconha, Anchieta, Alfredo Chaves, Guarapari, Piúma e parte do recém criado município de Marechal Floriano (Vitor Hugo e Araguaia)" e também em observação aos mapas "AO535" e "AO537" consultados diretamente no Arquivo Público do Estado do Espírito Santo. Ressalta-se que o círculo foi traçado para conforto visual do leitor, não representando, dessa forma, os limites geopolíticos fidedignos exatos da antiga colônia de Rio Novo. Para visualização de mapas do século XIX que retratavam as colônias do solo capixaba, ver: FRANCESCHETTO, Cilmara. *Italianos: base de dados da imigração italiana no Espírito Santo nos séculos XIX e XX.* — Organizado por Agostino Lazzaro. — Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014. (Coleção Canaã, v. 20; Imigrantes Espírito Santo, v.1). p. 50-54. Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Livros/italianos.pdf>. Ver também: GROSSELLI, R. M. *Colônias imperiais na terra do café*, 2008, p. 178-179. Disponível em: [https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Livros/Colonias\\_Imperiais\\_na\\_Terra\\_Cafe.pdf](https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Livros/Colonias_Imperiais_na_Terra_Cafe.pdf).

<sup>190</sup> BRASIL. **Decreto Lei n. 7.683, de 6 de março de 1880.** Determina que a colônia Rio Novo passe ao regime comum as outras povoações do Império. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7683-6-marco-1880-546873-publicacaooriginal-61437-pe.html>. Acesso em: 19 de julho de 2019.

colônia Rio Novo, que até a data de sua emancipação, fora constituída de cinco territórios<sup>191</sup>. Segundo Luiz Busatto, já em 1880, foram estabelecidos 581 novos imigrantes na colônia Castello<sup>192</sup>.

De vida brevíssima, a colônia Castello foi emancipada já em 1881, no ano em que contava com 1.079 habitantes, sendo 976 italianos<sup>193</sup>. É preciso ter cuidado para não confundir o núcleo colonial Castello, que ocupava as terras ao norte do município de Alfredo Chaves e ao sul de Marechal Floriano, com o atual município de Castelo, localizado ao norte de Cachoeiro de Itapemirim. Os italianos que ali se fixaram chegaram em 1880 e, segundo Agostino Lazzaro, tanto a localização dos lotes adquiridos do governo como a qualidade da terra eram as piores possíveis<sup>194</sup>.

Nessa região, os imigrantes estavam insatisfeitos com a *terra magra*<sup>195</sup>, ruim para o cultivo. Benjamim Falchetto<sup>196</sup>, num relato sobre a família de seu pai, conta que “eles chegaram a passar fome nos primeiros anos naquela localidade”. Depois de viverem ali por alguns anos, foram informados por viajantes sobre terras férteis localizadas mais a oeste, abandonadas por fazendeiros portugueses, e decidiram adquirir os terrenos da localidade então chamada de “Venda Nova”, nome já existente desde o período escravocrata, devido a uma venda que servia aos viajantes que passavam pela estrada imperial que cortava a região, ligando Vitória a Ouro Preto<sup>197</sup>.

Minha *nona* ficô muito triste quando ela chegô no Brasil que viu que num tinha casa, non tinha nada, non tinha plantacón. Era tudo pura mata. Em Raguaiá<sup>198</sup> eles trabaiava, trabaiava e a tera non produzia nada! Dava umas espiquinha de milho ton ruim, ton ruim, cuitado, que eles non sabia como fazê. Até que apareceu isso de vim pra cá, aí eles viero. E eles tinha um dinherin e viero. Tudo que veio pra Venda Nova, era tudo de Raguaiá. [Depoimento de Luisa Caliman Brioschi]<sup>199</sup>.

<sup>191</sup> LAZZARO, Agostino; FRANCESCHETTO, C.; COUTINHO, G. A.; *Lembranças camponesas...* p. 12.

<sup>192</sup> BUSATTO, L. *Estudos sobre imigração...* s/p.

<sup>193</sup> LAZZARO, Agostino; FRANCESCHETTO, C.; COUTINHO, G. A.; *Lembranças camponesas...* p. 15.

<sup>194</sup> LAZZARO, Agostino; FRANCESCHETTO, C.; COUTINHO, G. A.; *Lembranças camponesas...* p. 18.

<sup>195</sup> Segundo LAZZARO (1992, p. 18), terra de má qualidade com lotes mal localizados com relevo bastante acidentado.

<sup>196</sup> FALCHETTO, Benjamin. *O Tesouro Escondido*. Venda Nova do Imigrante: Edição do autor, 2017, p. 123.

<sup>197</sup> FALCHETTO, B. *O Tesouro...* p. 39.

<sup>198</sup> A informante refere-se a São Pedro de Araguaiá, Alfredo Chaves (antigas terras da colônia Castello).

<sup>199</sup> LAZZARO, Agostino; FRANCESCHETTO, C.; COUTINHO, G. A.; *Lembranças camponesas...* p. 251.

Posteriormente, em 1988, quando da emancipação política, o nome é alterado para Venda Nova do Imigrante, em homenagem aos italianos imigrantes que colonizaram a região. Segundo o site da prefeitura de Venda Nova do Imigrante, o município conserva traços fortes da cultura dos primeiros imigrantes.

Principalmente o espírito comunitário e progressista, manifestados em 1922 com a construção da primeira escola, a instalação da linha telefônica em 1925, a criação da Cooperativa Agrária de Lavrinhas (1927) ou mesmo a construção dos primeiros 20 km de estrada em regime de mutirão<sup>200</sup>.

Assim, não é possível falar de Venda Nova sem falar em imigração italiana. A chegada e permanência dos imigrantes e seus descendentes na região foram essenciais para moldar a identidade da cidade, que se encontra a 730 metros do nível do mar e distante 103 quilômetros da capital Vitória.

De acordo com Máximo Zandonadi<sup>201</sup>, em 1891<sup>202</sup>, chegam as famílias Venturim (Amadeo e Giovani) e, em 1892, chegam as famílias Altoé, Carnielli, Mascarello, Zandonadi, Zorزال, Cassoli e Cola. Esse autor também descreve, sucintamente, o que encontraram os primeiros imigrantes ao chegarem na região de Venda Nova.

Quando aqui chegaram em 1892 os primeiros imigrantes italianos encontraram, nas reduzidas clareiras abertas na floresta virgem, culturas de café em decadência e semiabandono. Era a consequência do problema da falta de mão de obra, que atingiu as grandes propriedades a partir da emancipação dos escravos em 1888<sup>203</sup>.

---

<sup>200</sup> Prefeitura de Venda Nova do Imigrante. Histórico. Disponível em: <http://vendanova.es.gov.br/website/site/Historico.aspx>. Acesso em: 13 de maio de 2019.

<sup>201</sup> ZANDONADI, Máximo. *Venda Nova do Imigrante*. 100 anos da colonização italiana no Sul do Espírito Santo. Belo Horizonte, 1992, p. 225.

<sup>202</sup> A data da chegada dos imigrantes em Venda Nova é controversa. Lazzaro (1992, p. 19) diz “o autor João Batista Cavatti, op. cit., p. 53, registra que o núcleo formou-se entre os anos de 1890 e 1893. O informante Euzaudino Venturini, afirma que seu avô, Amadeo Venturini, chegou na região em 1891”, enquanto o site da família Venturini indica que Amadeo teria chegado no ano de 1893. Ver: <http://familiaiventurim.com.br/massas/quem-somos/>.

<sup>203</sup> ZANDONADI, Máximo. *Venda Nova, um capítulo da Imigração Italiana*. São Paulo, [s.n.], 1980. p. 21.

Imagen 3: Amadeo Venturim e família. Primeiro imigrante a chegar em Venda Nova.<sup>204</sup>



Fonte: <http://familiaventurim.com.br/massas/quem-somos/>. Acesso em 23 de julho de 2019.

A viagem dessas famílias pioneiras para Venda Nova, segundo Maria Stela de Novaes, citada por Lazzaro, “foi uma via dolorosa, a cavalo, a pé, vencendo picadas e atoleiros e muitas vezes, (...) alimentavam-se de rapaduras e palmitos”<sup>205</sup>.

<sup>204</sup> De acordo com a base de dados do Arquivo Público do Espírito Santo, consta que o senhor Amadeo Venturim e sua esposa, a senhora Giacoma Faustina Vadagnin, vieram da região do Vêneto, com quatro filhos, no navio “Alice”, e desembarcaram em 6 de maio de 1880 no porto de Benevente (Anchieta). Informações obtidas em: <http://imigrantes.es.gov.br/Imigra.aspx> . Acesso em 15 de maio de 2020.

<sup>205</sup> NOVAES, M. S. de. Os Italianos e seus descendentes no Espírito Santo, Vitória, 1980. Apud LAZZARO, Agostino; FRANCESCHETTO, C.; COUTINHO, G. A.; *Lembranças camponesas...* p. 20.

Imagens 4 e 5: Exemplo de chegada dos imigrantes nos portos e ida para as colônias.



(Desembarque no Espírito Santo – 1875)



(Deslocamento em direção aos núcleos coloniais)

Fonte: [http://www.castelo.es.gov.br/castelo/formacao\\_povo.asp](http://www.castelo.es.gov.br/castelo/formacao_povo.asp). Acesso em 23 de julho de 2019.

Meu pai era o Angelo Altoè (...) Ele non tava nada contente cum San Pedro de Araguaia. Nem ele nem os outro. Eles dizia que a terá lá era magra, as colheta era poca, o milho era piqueno. Ái o meu pai, Angelo Altoè, saiu a cavalo com 400 réis no bolso e foi cortando os mato de facón até que chegô aqui na Providênci<sup>206</sup>.

Chego aqui ele encontro um pedaço de casa ainda da escravidón. Ele tava muito cansado e non tinha escada pra subí na casa, que era alta; ele botô uns pau e subiu, achô um monte de paia de milho e ele tava muito cansado e dormiu em cima das palha. Depois aparecero os preto que morava por ali e dero comida a ele. Os preto era gente muito boa. [Depoimento de José Altoé (Beppe)]<sup>207</sup>.

Assim como muitos imigrantes italianos que vieram para o Brasil, a vida dos que vieram para Venda Nova não foi nada fácil. Os descendentes de vênetos, como o senhor Elói, traz na lembrança o que seus antepassados falavam sobre as dificuldades logo que

<sup>206</sup> Bairro que faz parte da região central de Venda Nova do Imigrante.

<sup>207</sup> LAZZARO, Agostino; FRANCESCHETTO, C.; COUTINHO, G. A.; *Lembranças camponesas...* p. 249.

chegaram em Venda Nova, tendo que enfrentar impasses parecidos com os que tinham na Itália, onde, nos campos vênetos, era possível morrer, literalmente, de fome.

Inclusive, a minha avó dizia que, logo que eles (os imigrantes) chegaram aqui, quando conseguia um pouquim de leite, colocava num prato o leite, aí fazia a polenta, fazia tipo um pastelzim e só molhava no leite e comia a polenta porque não tinha outra coisa pra comer. Porque era tão pouco que, né, não dava pra sobra não<sup>208</sup>.

Os primeiros imigrantes encontraram aqui quatro fazendas abandonadas (Providência, Bananeiras, Lavrinhas e Tapera) e, de acordo com Falchetto<sup>209</sup>, “para sobreviver, tiveram que *se* dar as mãos e juntos construir tudo: casas, igreja, escolas, estradas e pontes. Tudo era feito em mutirão”. Foi sob esse espírito de união entre as famílias de imigrantes e de estratégias de sobrevivência que se formou o município.

Em observações cotidianas mais recentes das comunidades e bairros do município de Venda Nova fica evidente a importância do trabalho para os descendentes dos imigrantes italianos que vieram para a região. Destaca-se o espírito do trabalhador a que se refere Holanda:

É aquele que enxerga primeiro a dificuldade a vencer, não o triunfo a alcançar. O esforço lento, pouco compensador e persistente, que, no entanto, mede todas as possibilidades de desperdício e sabe tirar o máximo proveito do insignificante, tem sentido bem nítido para ele.<sup>210</sup>.

A imigração italiana teve papel fundamental na formação cultural e social do estado do Espírito Santo e de Venda Nova do Imigrante. De acordo com Filipo Carpi Girão, “os imigrantes italianos e descendentes, em Venda Nova do Imigrante, tiveram de superar a falta de recursos, a falta de apoio do governo provincial e estadual utilizando, basicamente, a força de trabalho familiar”<sup>211</sup>.

Venda Nova é isso: um pouco de cada um, um pouco de cada coisa. A gente aglomerou, juntou, o sofrimento do passado, né, que as pessoas

<sup>208</sup> Depoimento de José Elói Falqueto, em entrevista concedida ao autor em 08 de agosto de 2019.

<sup>209</sup> FALCHETTO, B. *O Tesouro...* p. 27

<sup>210</sup> HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 44.

<sup>211</sup> GIRÃO, Filipo Carpi. *A Italianidade como potencialidade sociopolítica na Festa da Polenta em Venda Nova do Imigrante (1979-2014)*. 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015, p. 66.

falam “ah, os italianos chegaram aqui, fizeram a diferença”, mas fizeram a diferença, chegaram aqui enganados. Soltaram eles lá em Benevente, na praia e “agora, vocês se viram”, entende?! A única coisa interessante que eles fizeram foi registrar todo mundo direitinho ... o resto, eles, os nossos antepassados que chegaram aqui, comeram o pão que o diabo amassou, ta?! Sofreram pra caramba. Teve gente que se suicidou. Teve gente que morreu de desgosto. Teve gente que virou alcoólatra. Não tinha onde morar, não tinha nada. Às vezes, ninguém escreve essa situação, porque acha que é humilhante, mas é isso. Quantas pessoas moravam embaixo da árvore, da tal da catana, ta! Da catana! Estabeleceu moradia debaixo dessas árvores que tem aquelas raízes grandes no meio do mato. Moravam ali. (Os imigrantes) vieram pra cá (Venda Nova) porque lá já não tinha espaço pra ninguém lá. As famílias cresceram tanto que lá não tinha comida pras pessoas. Meu avô falava que lá, os fazendeiros, (quando) morria um bezerro, morria um boi, enterrava o boi, eles (os imigrantes) iam lá de noite e desenterrava pra comer, tá! Isso eu ouvi do meu avô, que já nasceu aqui no Brasil. E chegaram aqui, através de muito trabalho e muita luta e transformaram ela (Venda Nova). Transformaram não só o Espírito Santo e Venda Nova do Imigrante, mas transformaram o país<sup>212</sup>.

Essa interação dos imigrantes com as possibilidades existentes na região favoreceu a promoção de estratégias no sentido do alcance dos seus objetivos, de ocupação do espaço, de afirmação do grupo na localidade, ou seja, de sobrevivência. Para Benjamim Falchetto, o voluntariado em Venda Nova tem suas origens em uma estratégia de sobrevivência que esteve ligada ao surgimento de um surto de febre tifoide na comunidade por volta de 1919. A localidade que hoje compreende o centro da cidade era baixa e, na época das chuvas, os riachos transbordavam, formando ambientes propícios para criação de mosquitos transmissores de malária e febre tifoide, por exemplo. Nesse tempo, Venda Nova era habitada por cerca de 30 a 40 famílias de imigrantes italianos. Foi quando surgiu a febre tifoide deixando muitas pessoas doentes, sendo que, em algumas, todas as pessoas ficaram acamadas. Daí que vizinhos que estavam em condições melhores prestavam socorro, como o senhor Domingos Perim, que recomendava algum chá para baixar a febre, até que um médico foi trazido de Castelo com remédios para os doentes<sup>213</sup>. Nas palavras Benjamim,

As famílias menos atingidas pela epidemia ou que se recuperaram primeiro prestaram socorro aos que ainda estavam doentes: na colheita

---

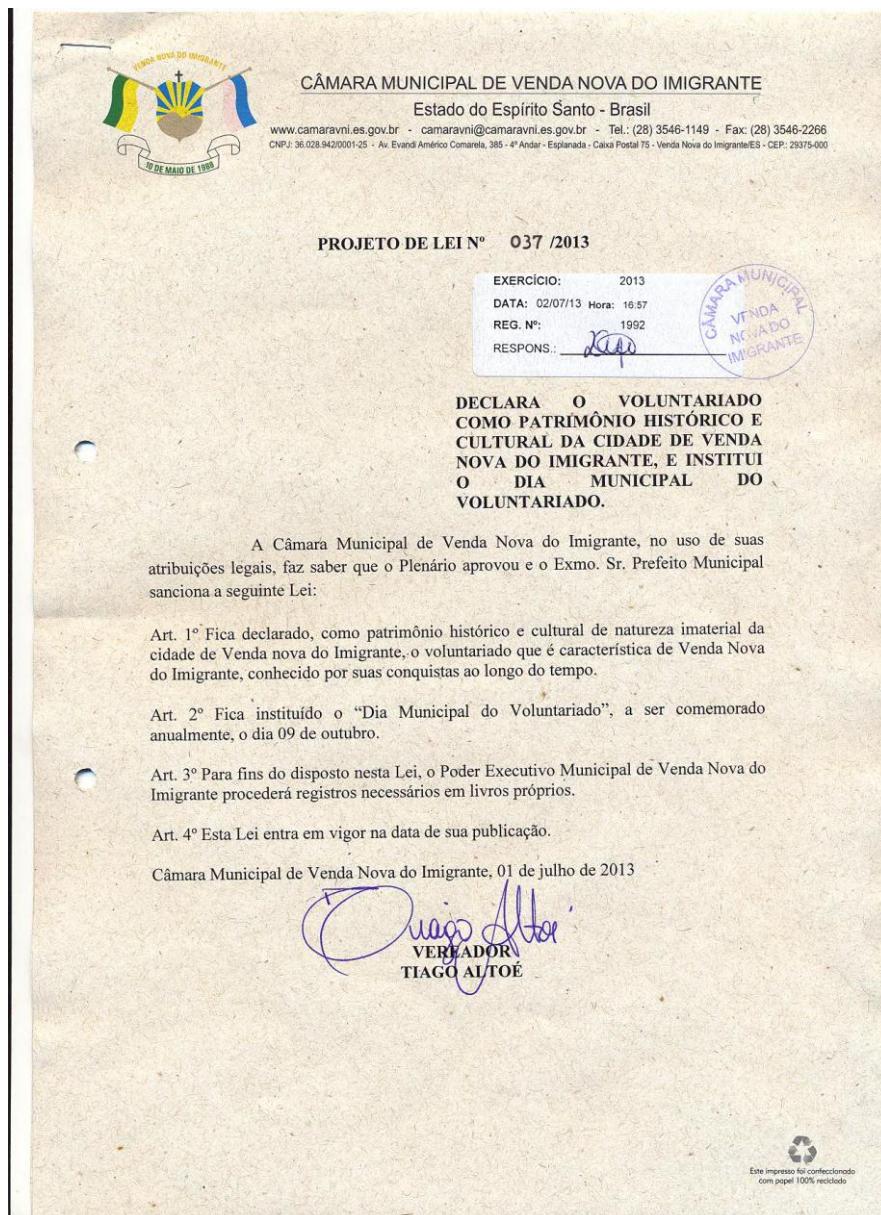
<sup>212</sup> Depoimento de Tarcísio Caliman, em entrevista concedida ao autor em 20 de julho de 2019.

<sup>213</sup> FALCHETTO, B. *O Tesouro...* p. 57-58.

do café, no plantio do milho, nos afazeres domésticos, em tudo que era possível ajudar e sem cobrar nada<sup>214</sup>.

Essas redes de sociabilidade e ajuda mútua que permearam a história dos imigrantes em Venda Nova foram canalizadas através do Projeto de Lei Nº 037/2013, proposto pelo vereador Tiago Altoé.

Imagens 6, 7 e 8: Projeto de Lei Nº 037/2013 que declara o voluntariado como patrimônio histórico e cultural e institui o dia municipal do voluntariado.



<sup>214</sup> FALCHETTO, B. *O Tesouro...* p. 64.



## CÂMARA MUNICIPAL DE VENDA NOVA DO IMIGRANTE

Estado do Espírito Santo - Brasil

www.camaravni.es.gov.br - camaravni@camaravni.es.gov.br - Tel.: (28) 3546-1149 - Fax: (28) 3546-2266  
CNPJ: 36.028.942/0001-25 - Av. Evandi Américo Comarela, 385 - 4º Andar - Esplanada - Caixa Postal 75 - Venda Nova do Imigrante/ES - CEP: 29375-000

### JUSTIFICATIVA

O VOLUNTARIADO É O MAIOR LEGADO QUE RECEBEMOS DO PASSADO, VIVEMOS NO PRESENTE E TRANSMITIMOS ÀS FUTURAS GERAÇÕES. A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DE UM Povo ESTÁ DIRETAMENTE RELACIONADA À CONSERVAÇÃO DE SEU PATRIMÔNIO CULTURAL E HISTÓRICO. SER VOLUNTÁRIO É ESTAR A SERVIÇO DA COMUNIDADE, É CONTRIBUIR PARA A QUALIDADE DE VIDA E DO BEM-ESTAR DAS PESSOAS.

O VOLUNTARIADO CARACTERIZA-SE POR UMA DECISÃO LIVRE, MOTIVADA POR OPÇÕES PESSOAIS, UMA MANEIRA DE ESTAR NO MUNDO E DE QUERER CONTRIBUIR PARA A SUA TRANSFORMAÇÃO.

TORNAR O VOLUNTARIADO DE VENDA NOVA DO IMIGRANTE EM **PATRIMÔNIO HISTÓRICO ECULTURAL** É VALORIZAR AS TRADIÇÕES E OS COSTUMES TRAZIDOS DESDE OS PRIMEIROS IMIGRANTES QUE AQUI CHEGARAM E DESBRAVARAM ESTAS TERRAS E TODOS OS QUE NASCEM OU ESCOLHEM VENDA NOVA DO IMIGRANTE PARA TORNAR REALIDADE SEUS SONHOS.

HOJE VENDA NOVA DO IMIGRANTE CONTA COM VÁRIAS ENTIDADES QUE PRESTAM SERVIÇO VOLUNTÁRIO, QUE LUTAM PARA UMA SOCIEDADE FELIZ, SEM MISÉRIA E MENOS DESIGUAL. PODEMOS CITAR AS ENTIDADES QUE NÃO MEDEM ESFORÇOS NA BUSCA DE RECURSOS PARA TRANSFORMAR SEUS OBJETIVOS EM REALIDADE, COMO: VOLUNTÁRIAS DO HOSPITAL PADRE MÁXIMO, VOLUNTÁRIAS DA PASTORAL DA SAÚDE, VOLUNTÁRIAS DA APAE, INSTITUTO JUTTA BATISTA, ROTARY CLUBE, MAÇONARIA, ASSOCIAÇÃO FESTA DA POLENTA-AFEPOL, VOLUNTÁRIAS DA TERCEIRA IDADE, VOLUNTÁRIOS DA CASA DA CULTURA, VOLUNTÁRIOS DO TCMA (TRAIL CLUB MATA ATLÂNTICA), VOLUNTÁRIOS AVVL (ASSOCIAÇÃO VENDA NOVENSE DE VOO LIVRE), JEEP CLUB VENDA NOVA, VOLUNTÁRIOS DAS ASSOCIAÇÕES DE BAIRROS, VOLUNTÁRIOS NAS IGREJAS, NAS ESCOLAS, NO ESPORTE, ENTRE OUTROS QUE DE FORMA SOLIDÁRIA, IGUALITÁRIA, COM JUSTIÇA E ÉTICA, FAZEM A DIFERENÇA EM PROL DO BEM COMUM.

MUITAS DESSAS ENTIDADES SURGIRAM AINDA QUANDO VENDA NOVA PERTENCIA A CONCEIÇÃO DO CASTELO, TRAZENDO COMO CARACTERÍSTICA PRINCIPAL A UNIÃO DE PESSOAS, ALAVANCANDO O COOPERATIVISMO E ASSOCIATIVISMO MUITO ATUAL HOJE EM VENDA NOVA. ESSAS ASSOCIAÇÕES VOLUNTÁRIAS INSPIRAM O SURGIMENTO DE OUTRAS QUE TAMBÉM NASCEM COM O PROPÓSITO DE FAZER A SUA PARTE PARA AJUDAR A POPULAÇÃO NO MUNICÍPIO NAS MAIS DIVERSAS ÁREAS.

PARA TORNAR AINDA MAIS MARCANTE ESTE TÍTULO, INSTITUÍMOS O **DIA 9 DE OUTUBRO**, COMO **DIA MUNICIPAL DO VOLUNTARIADO**, NO QUAL FAZEMOS REFERÊNCIA E HOMENAGEM AO IDEALIZADOR DA MAIOR FESTA CULTURAL E VOLUNTÁRIA DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO, QUE É A FESTA DA POLENTA, CRIADA POR PADRE CLETO CALIMAN.

Este impresso foi confeccionado com papel 100% reciclado



## CÂMARA MUNICIPAL DE VENDA NOVA DO IMIGRANTE

Estado do Espírito Santo - Brasil

www.camaravni.es.gov.br - camaravni@camaravni.es.gov.br - Tel.: (28) 3546-1149 - Fax: (28) 3546-2266  
CNPJ: 36.028.942/0001-25 - Av. Evândi Américo Comarela, 385 - 4º Andar - Esplanada - Caixa Postal 75 - Venda Nova do Imigrante/ES - CEP: 29375-000

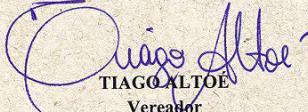
PADRE CLETO FOI UM REPRESENTANTE FIEL DA CULTURA VENDANOVENSE E NÃO MEDIA ESFORÇOS PARA TRAZER MELHORIAS À SUA TERRA NATAL, BUSCANDO RECURSOS PARA QUE OS FILHOS PUDESSEM PERMANECER NA ROÇA E AJUDAR OS PAIS NAS LAVOURAS. PENSANDO ASSIM, CONSEGUIU COM A AJUDA DE AUTORIDADES E DO POVO VENDANOVENSE A CONSTRUÇÃO DO COLÉGIO SALESIANO, DO HOSPITAL PADRE MÁXIMO E DOS CORREIOS; TRABALHOU PARA A VINDA DO TELEFONE E DA TORRE DE TV, PARA A IMPLANTAÇÃO DO CREVEN E PARA A PRIMEIRA PAVIMENTAÇÃO DA AVENIDA LORENZO ZANDONADI; CRIOU A FESTA DA POLENTE; CORAL SANTA CECÍLIA E AJUDOU A ARRECADAR RECURSOS PARA CONSTRUÇÃO DA IGREJA DE SANTA TEREZINHA, ENTRE OUTROS.

DINÂMICO, VISIONÁRIO E COM UMA INTELIGÊNCIA APURADA, SEMPRE ESTEVE A FRENTES DE SEU TEMPO, FAZENDO PARTE DA HISTÓRIA POR ONDE PASSOU. FOI UM DOS MAIORES INCENTIVADORES DO RESGATE E DAS TRADIÇÕES CULTURAIS TRAZIDAS PELOS IMIGRANTES ITALIANOS PARA O ESPÍRITO SANTO. SACERDOTE RESPEITADO NO MEIO POLÍTICO FUNDAMENTOU SUA VIDA RELIGIOSA EM AÇÃO CONCRETA E TRANSFORMADORA NAS COMUNIDADES ONDE ATUOU. PADRE CLETO FEZ SUA HISTÓRIA E NOS DEIXOU UM GRANDE LEGADO.

E O VOLUNTARIADO, É UMA DAS CARACTERÍSTICAS MAIS MARCANTES DE VENDA NOVA DO IMIGRANTE E DE SEU Povo. FERRAMENTA ESTRATÉGICA NO CRESCIMENTO DE SEUS VALORES E ALTERNATIVAS PARA SUPERAÇÃO EM PROL DAS METAS, DE FORMA ORGANIZADA E OBJETIVA. COM TUDO ISSO O MUNICÍPIO CRESCEU E SE TORNOU A REFERÊNCIA QUE É ATUALMENTE. TRANSFORMAR O VOLUNTARIADO EM PATRIMÔNIO HISTÓRICO E CULTURAL NADA MAIS É DO QUE LEGITIMAR O QUE A PRÓPRIA HISTÓRIA DO MUNICÍPIO JÁ ESCREVEU.

PELO EXPOSTO ESPERAMOS QUE OS NOBRES EDIS AO PARECIAREM ESTE PROJETO DE LEI VOTEM FAVORAVELMENTE À SUA APROVAÇÃO.

ATENCIOSAMENTE;



TIAGO ALTOÉ  
Vereador

Este impresso foi confeccionado  
com papel 100% reciclado

Fonte: Tiago Altoé.

Após aprovação do projeto de lei, a memória desse traço característico das redes de sociabilidade que compunham a identidade dos imigrantes que vieram para Venda

Nova, no caso, o trabalho voluntário, ficou institucionalizada na Lei Municipal nº 1.087 de 2013, na qual:

Art. 1º - Fica declarado, como patrimônio histórico e cultural de natureza imaterial da cidade de Venda Nova do Imigrante, o voluntariado que é característica de Venda Nova do Imigrante, conhecido por suas conquistas ao longo do tempo.

Art. 2º - Fica instituído o “Dia Municipal do Voluntariado”, a ser comemorado anualmente, no dia 09 de outubro.<sup>215</sup>

Nas palavras de Tiago,

A ideia do projeto de lei veio, justamente, conversando com alguns moradores e entidades, pra valorizar e proteger um dos maiores patrimônios que a gente tem em Venda Nova, que é o voluntariado, que se expressa nas entidades, associações e cooperativas. Venda Nova tem essa característica em comum, né, que é, justamente, se organizar pra poder fazer as coisas acontecerem em vários setores e atividades, seja de comércio, de turismo, religioso, cultural, esportivo. Então, é graças ao trabalho voluntário desse povo que a cidade vai crescendo e se organizando. E é importante também que esta cultura possa estar sendo passada de gerações em gerações<sup>216</sup>.

A Lei Municipal nº 1.087 de 2013 serviu de inspiração para criação de duas leis da esfera estadual, nas quais o Espírito Santo estabeleceu o Dia Estadual do Voluntariado comemorado, anualmente, no dia 09 de outubro, e Venda Nova se tornou reconhecida como capital do voluntariado no estado. As leis, respectivamente nº 10.793<sup>217</sup> e nº 10.974<sup>218</sup>, foram sancionadas pelo governador José Renato Casagrande em 14 de janeiro de 2019<sup>219</sup>.

---

<sup>215</sup> VENDA NOVA DO IMIGRANTE. **Lei Municipal Nº 1.087**, de 12 de agosto de 2013, que declara o voluntariado como patrimônio histórico e cultural da cidade de Venda Nova do Imigrante, e institui o dia municipal do voluntariado.

<http://www3.camaravni.es.gov.br/Arquivo/Documents/legislacao/html/L10872013.html>. Acesso em: 12 de novembro de 2019.

<sup>216</sup> Depoimento de Tiago Altoé, em entrevista concedida ao autor em 18 de novembro de 2019.

<sup>217</sup> ESPÍRITO SANTO (Estado). **Lei Estadual nº 10.973**, de 14 de janeiro de 2019. Consolida a legislação em vigor referente às semanas e aos dias/correlatos estaduais comemorativos de relevantes datas e de assuntos de interesse público, no âmbito do Estado. Palácio Anchieta, Vitória-ES, 14 de janeiro de 2019.

<sup>218</sup> ESPÍRITO SANTO (Estado). **Lei Estadual nº 10.974**, de 14 de janeiro de 2019. Consolida a legislação em vigor referente à concessão de títulos em homenagem a municípios do Estado do Espírito Santo. Palácio Anchieta, Vitória-ES, 14 de janeiro de 2019.

<sup>219</sup> Vale ressaltar que, originalmente, esses títulos foram atribuídos pelas leis nº 10.214 e nº 10.314, ambas de 2014, sendo que essas duas leis, juntamente com várias outras leis estaduais com objetivos

Desde o início da colonização do solo venda-novense pelos imigrantes italianos no final do século XIX, a mobilização social voluntária se fazia presente em todos os aspectos sociais, como vemos relatado no editorial do Caderno Especial da Festa da Polenta, já tradicional no município:

O trabalho voluntário é um valor que transformou para sempre a vida de Venda Nova. Quando as primeiras famílias desbravavam o lugar, era comum a ajuda mútua. As que terminavam primeiro o trabalho na colheita ajudavam as outras. Esta mesma disponibilidade se estendia para outros momentos da vida, os festivos entre eles<sup>220</sup>.

Nota-se uma mobilidade social ascendente ao observar alguns dos principais fatos do início da história de Venda Nova, segundo o historiador local Máximo Zandonadi<sup>221</sup>:

1908 – É construída a primeira Capela, dedicada a São Pedro Apóstolo, de pau a pique. Tamanho 8x4. Mais tarde foi ampliada e embelezada com o famoso campanário de 22 metros de altura (1919).

1924 – Inaugurada a primeira hidrelétrica, pela família de Angelo Altoé, com 10 cavalos de força; corrente contínua. Essa usina forneceu luz à família e à Igreja durante bom tempo. Foi a precursora de outras 18 pequenas usinas, provenientes de pequenas quedas d'água dos riachos Viçosa, Lavrinhas, até a vinda de uma empresa brasileira de distribuição de energia elétrica, em 1973.

1925 – É instalado telefone entre Castelo e Venda Nova, esforço dos senhores Arquilau Vivacqua e Domingos Perim. Foi muito útil para o comércio, saúde, recados, etc. Acabou porque elementos mal-intencionados, na crise do café dos anos 1930, roubavam, semanalmente, centenas de fio.

1925 – Chega, a Venda Nova, a 1ª bicicleta, usada e adquirida, pelo senhor Joaquim Falqueto, comprada de Hermínio Dariva, por Cr\$ 320.000.

---

comemorativos e de homenagens, foram revogadas e estão hoje consolidadas nas leis estaduais de 2019, citadas no referido parágrafo.

<sup>220</sup> QUASE 115 anos de imigração do plantio à colheita: os rituais perpetuam a cultura de Venda Nova (editorial). *Caderno Especial Festa da Polenta*. Venda Nova do Imigrante-ES, [s.n.], 2005, p. 2.

<sup>221</sup> ZANDONADI, Máximo. *Venda Nova, um capítulo da Imigração Italiana...* p. 225.

1930 – Entra, triunfalmente, em Venda Nova, o primeiro caminhão Ford, chapa 888, zero quilômetro, adquirido pela família Altoé. Comprado em Cachoeiro de Itapemirim, levou oito dias de Castelo até Venda Nova (cerca de 36 quilômetros) para atravessar rios e bueiros. Foi uma epopeia.

Imagen 9: Membros da família Caliman no início do século XX em Venda Nova.



À esquerda: Iolanda Carnielli. Sentados: Maria De Nardi Chies e Vincenzo Caliman; em pé à direita: Maria Carnielli e Fioravante Caliman com seus dois primeiros filhos, Anita e Cleto. Na janela inferior, com a concertina, Vicente Caliman; na janela superior, à esquerda, Antonio Caliman e, à direita, Ferdinando Dall'Armellina, em 1918.

Fonte: CALIMAN, Cleto. La Mèrica Che Avemo Fato: a Família Caliman no Espírito Santo. Vitória, [s.n.], 2002, p. 169.

O livro de Benjamim Falchetto, “O Tesouro Escondido”, traz uma entrevista realizada no ano de 1972 com sua mãe, a senhora Anna Zandonadi Falchetto, pelos alunos da 7ª Série do Instituto Pedro Palácios, atual Escola Fioravante Caliman. Durante o trabalho escolar realizado pelos alunos, que se chama “*Os Imigrantes*”, pode-se perceber que vários aspectos do contexto da grande imigração italiana da segunda metade do século XIX, também abordados neste trabalho, aparecem nas falas de Anna, por exemplo, as viagens subsidiadas pelo governo brasileiro e as dificuldades com a agricultura na Itália, as situações do período de assentamento no solo capixaba e em Venda Nova, assim como as primeiras moradias e as saudades da terra natal. A entrevista segue reproduzida a seguir:

Entrevistada: Anna Zandonadi Falchetto

Entrevistadores: Isabel Falqueto, Maria Tarcisia Falqueto, Dalton Perim, Maria Helena Falqueto, Alice Maria Falqueto, Aneida Monteverde, José Angelo F. Perim, Maria Auxiliadora Dias, Paulete Maria Falqueto, José Dimas Brioschi, Laurentina Martins, Elizete Perim, Juvenal Cesconetto.

Observação: a entrevista foi reproduzida de forma integral, mantendo a construção das frases conforme o original e característico dos alunos à época.

### *Os Imigrantes*<sup>222</sup>

*A família de dona Anna veio para o Brasil em 1890.*

*A razão pela qual deixaram sua pátria foi a guerra. Lá na Itália havia muita gente enquanto que no Brasil a população era ainda pequena, então o governo brasileiro pedia imigrantes para aumentar a população brasileira.*

---

<sup>222</sup> FALCHETTO, B. *O Tesouro...* p. 197-200.

*A maioria dos imigrantes vieram porque as passagens eram pagas pelo governo e o Brasil era o único país que pagava as passagens aos imigrantes.*

*Os da família de dona Anna vieram juntamente com outras em dois navios: “Julio Césare” e “Princesa Mafalda”. Na viagem o casco de um dos navios teve um vazamento, foi uma confusão tremenda.*

*Quando chegaram ao Brasil ficaram numa “casa de imigrantes”, em Benevente.*

*Em Treviso (Itália), trabalhavam para um patrão muito severo, tudo o que colhiam (eram agricultores) era entregue a ele. Nos sábados o mesmo distribuía um pouquinho para cada um. Dava só mesmo pra semana. Se tinham algum dinheiro, o conseguiam vendendo coisas às escondidas do patrão. Houve até um caso de uma moça que fez algum dinheiro com crochê, e com ele comprou um lenço tão bonito quanto o da patroa, e esta, achando que esta não ficaria bem, apanhou o lenço da criada.*

*Assim mesmo em Treviso tinham alguma coisa, visto que, quando aqui chegaram eram totalmente pobres, pois o governo dava a cada uma das famílias 5 alqueires de terra, 1 picareta, 1 enxada, 1 foice, 1 machado, 1 facão e os mandavam trabalhar cada qual em sua terra. Mas o pior era que a terra era horrível, não dava nada, e então até que foram conseguindo tornar a terra cultivável, eles comiam caça, pesca e frutas silvestres. Com isso todos ficavam tristes, exceto uma senhora que era muito otimista, cantava o dia todo. Ia às roças de milho dos outros que haviam chegado antes e apanhava as espigas que os donos tinham deixado sobrar nos pés. Um dia, andando em direção a casa, encontrou um pé de abóbora, imaginou que tivessem sido deixadas cair sementes pelas pessoas que iam medir as terras, cuidou do pé de abóbora e este deu tantas que sua família comia e também os vizinhos mais próximos.*

*Saindo de Benevente vieram morar em Araguaia. Quando chegaram lá, moravam nas catanas de árvores, eram enormes raízes que cresciam muito por cima da terra, e eles cobriam o espaço entre uma raiz e outra com folhas e moravam sob este abrigo.*

*De Araguaia vieram para aqui, acamparam num certo ponto e depois os homens foram andando por entre as matas, até que encontraram uma casa que media 16 m. de comprimento e tinha 5 portas na frente, imaginaram que tivesse sido feita pelos jesuítas*

*que aqui moraram a anos antes deles chegarem. Chamaram, então, a construção, pelo estilo, de “Venda Nova”, daí a origem do nome do lugar.*

*Dai mais algum tempo, perto da “Venda Nova” construíram uma casa de sobrado, onde moravam 46 pessoas. Na hora das refeições o dono da casa, sentava-se a uma mesa grande e colocava as panelas em sua volta e cada um ia passando e ela fazia-lhe o prato.*

*Tinham vontade de voltar para Treviso e ao mesmo tempo, vontade de ficar morando aqui. Voltar para lá, uma das principais razões era que, as seis horas, hora do Ângelus, os sinos tocavam na igreja e no Brasil, onde moravam, só havia matas e um silêncio infinito. Ficar, porque com a permanência no Brasil recebiam em troca a liberdade, não precisavam ir para a guerra.*

*As únicas relações mantidas com a Itália eram somente cartas que escreviam para os parentes que lá ficaram.*

Segundo Filipo Girão, “a história da imigração não é um fato inerte ocorrido no passado, ela ainda reverbera, com marcas sociais e políticas que moldam, o presente”<sup>223</sup>, por isso, o legado da origem italiana do município pode ser apreciado no dia a dia da cidade, com suas festas, grupos e associações que prezam por manter vivas as tradições e cultura do imigrante italiano em Venda Nova. Compreender os reflexos do fluxo migratório italiano através das ações das associações e relacioná-las com as configurações de memória é o que se propõe a fazer o terceiro capítulo desta dissertação.

---

<sup>223</sup> GIRÃO, F. A *Italianidade como potencialidade...* p. 67.

## **Capítulo III – Associações e Memória da Imigração em Venda Nova**

### **3.1 – As visitas as associações e a metodologia da história oral: entre a teoria e a prática.**

A história oral faz parte da atual concepção de História Política, que é fruto de longo processo pelo qual passou a dialética historiográfica. Com o surgimento da Nova História, originada a partir das abordagens de historiadores franceses filiados à Escola do Annales, a partir das décadas de 1920 e 1930, a perspectiva de história não se limita mais às fontes oficiais nem tampouco se restringe à vida dos reis e autoridades políticas. A Revolução que os Annales proporcionaram deu novo rumo à história e abriu um leque de possibilidades que visam dialogar com temas das mais variadas disciplinas buscando abranger todas as atividades humanas. Por isso, o suporte teórico para este trabalho de história está alinhado ao que sugere Lucien Febvre: “historiadores, sejam geógrafos. Sejam juristas, também, e sociólogos, e psicólogos”<sup>224</sup>.

A partir dos anos 1950, e com a difusão dos gravadores de fita, a história oral se amplia como uma ferramenta de pesquisa na Europa, sendo que “o *boom* da história oral data, grosso modo, dos anos 60”<sup>225</sup>. A história oral aparece, justamente, contestando a história oficial, sendo uma história “vista de baixo”, e contra a ficção da objetividade<sup>226</sup>. Esse *boom* da história oral veio a ocorrer no Brasil na década de 1990, isso porque o Brasil vinha de longos anos de ditadura, que ameaçava o livre pensamento, e que tornava perigoso os atos de refletir e falar. Segundo Marieta de Moraes Ferreira, terminada a ditadura, o país reforça sua prática democrática, aguçam-se as curiosidades, a história cultural ganha novo impulso, a perspectiva política se alarga e, assim, a análise qualitativa vem a dar voz às experiências individuais e às subjetividades,

---

<sup>224</sup> FEBVRE, L. Combats pour l'histoie. 1953, p. 32. Apud BURKE, Peter. *A Escola dos Annales (1929-1989)*: A Revolução Francesa da historiografia. São Paulo. Fundação Editoria da UNESP, 1997, p. 12.

<sup>225</sup> TREBITSCH, Michel. A função epistemológica e ideológica da história oral no discurso da história contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *História oral e multidisciplinaridade*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994, p. 19.

<sup>226</sup> TREBITSCH, Michel. A função epistemológica e ideológica da história oral no discurso da história contemporânea. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *História oral e multidisciplinaridade*... p. 22.

fazendo com que a história oral seja incorporada pelas linhas de pesquisa dos campos históricos<sup>227</sup>.

Nesta pesquisa, além de atas de fundação, documentos e periódicos, também foram utilizadas fontes orais para perceber a imigração italiana de Venda Nova através das associações que surgiram no município. Optou-se pela realização de entrevistas de caráter qualitativo por entender que os sujeitos que participam das associações interpretam o mundo de forma diferente, não sendo seres passivos como objetos, mas sim, seres interativos com seu meio social, que constroem e interpretam as relações com o filtro de seus sentidos. Assim sendo, a entrevista qualitativa se ofereceu mais vantajosa para observar o problema tratado neste terceiro capítulo: a imigração em Venda Nova através das associações.

As entrevistas foram realizadas a partir de metodologia de abordagem qualitativa. De acordo com Laurence Bardin, um dos expoentes desse método, “a abordagem qualitativa corresponde a um processo mais intuitivo, mas também mais maleável e mais adaptável a índices não previstos”<sup>228</sup>. No método científico da pesquisa qualitativa, as respostas não são objetivas. Por isso, foram feitas entrevistas com um pequeno número de indivíduos, onde cada associação teve, pelo menos, três de seus membros entrevistados, com o objetivo não de contabilizar quantidades como resultado, mas sim focar no caráter subjetivo do conteúdo analisado, particularidades e experiências individuais.

Foram escolhidas pessoas ligadas diretamente às associações: membros da diretoria ou integrantes dos grupos, estando presentes nas entrevistas pelo menos um presidente de cada associação, sendo ele atual ou não. Ressalta-se que grande parte dos entrevistados transitou durante as associações ao longo de sua história, fazendo parte de mais de uma delas, como, por exemplo, o senhor Tarcísio Caliman, que já foi presidente da AFEPOL por mais de dez anos e, atualmente, é presidente da Escola Dramática e Musical Santa Cecília. Integra-se ao rol de entrevistados o senhor Cilmar Cesconetto Franceschetto que, apesar de ser o único dos entrevistados que não reside em Venda Nova, é profundo convededor da região, do processo imigratório no solo capixaba, das associações e é, atualmente, diretor do Arquivo Público do Espírito Santo, espaço

---

<sup>227</sup> FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral, comemorações e ética. *Projeto História*. Ética e História oral, São Paulo, nº 15, abr. 1997, p. 3.

<sup>228</sup> BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70, LDA, 2009, p. 115.

central para os estudos da imigração no estado. Sendo assim, a participação de Franceschetto é de grande contribuição para este trabalho. Com o propósito de apresentar características básicas dos treze (13) entrevistados que permeiam essa pesquisa, foi confeccionada a tabela abaixo. Ressalta-se que todos são descendentes de imigrantes italianos.

Tabela 5: Nomes e características dos entrevistados

NOME	SEXO	IDADE	PROFISSÃO
ANGÉLICA	F	91	aposentada
BENJAMIM	M	92	aposentado
CILMAR	M	50	diretor
CRISTINA	F	31	contadora
DENISE	F	60	jornalista
ELOI	M	79	aposentado
GLÁUCIA	F	57	bancária
HIGINO	M	43	professor
LEANDRO	M	40	jornalista
LOURDES	F	71	aposentada
ROMUALDO	M	75	aposentado
TARCÍSIO	M	66	agricultor
TIAGO	M	33	professor

Elaboração própria feita a partir de dados coletados durante as entrevistas.

As pessoas foram convidadas pessoalmente, por aplicativos de mensagens ou por telefonemas, através dos quais fiz minha apresentação e expus, brevemente, o motivo do contato. Como o convite foi quase sempre aceito, procedia-se à marcação das entrevistas.

As entrevistas transcorreram com normalidade. Conforme orientação de Alessandro Portelli, segundo o qual é preciso que o pesquisador aceite o informante e “dê prioridade ao que ela ou ele deseje contar de preferência ao que o pesquisador quer ouvir, reservando algumas questões não respondidas para mais tarde ou para outra

entrevista”<sup>229</sup>, tive a precaução de cercear o mínimo possível a fala dos entrevistados. Assuntos diversos que surgiam durante as entrevistas foram tratados com naturalidade e com interesse, justamente para o entrevistado se sentir confortável em conversar, em falar, em expor seus pensamentos. Portelli, ao escrever sobre história oral, também comenta que “entrevistas rigidamente estruturadas podem excluir elementos cuja existência ou relevância fossem desconhecidas previamente para o entrevistador e não contempladas nas questões inventariadas”<sup>230</sup>. Outra estratégia adotada para suscitar a naturalidade pretendida é não permanecer fixo à sequência dos itens no roteiro pré-estabelecido. Por isso, dificilmente, as perguntas pré-elaboradas chegavam a ser executadas durante as entrevistas, sendo que elas viriam a ser respondidas de forma natural pelo entrevistado, como se fosse uma simples conversa. Porém, sempre tive que estar atento aos objetivos da pesquisa para captar as nuances e colocações que sobressaíam sobre a imigração italiana em Venda Nova durante as entrevistas.

A autora Rosália Duarte menciona que, para a realização de uma boa entrevista de caráter qualitativo, se necessitam, entre outros aspectos, ter muito bem definidos os objetivos de pesquisa, revisão bibliográfica, segurança, autoconfiança e “algum nível de informalidade, sem jamais perder de vista os objetivos que levaram a buscar aquele sujeito específico como fonte de material empírico para sua investigação”<sup>231</sup>.

Realizar entrevistas, sobretudo se forem semi-estruturadas, abertas, de histórias de vida, etc. não é tarefa banal; propiciar situações de contato, ao mesmo tempo formais e informais, de forma a “provocar” um discurso mais ou menos livre, mas que atenda aos objetivos da pesquisa e que seja significativo no contexto investigado e academicamente relevante é uma tarefa bem mais complexa do que parece à primeira vista<sup>232</sup>.

Essa autora ressalta que, “do conjunto do material generosamente oferecido a nós pelos nossos informantes, só nos interessa aquilo que está diretamente relacionado aos objetivos da nossa pesquisa e é isso que deverá ser objeto de leitura”<sup>233</sup>. No momento

<sup>229</sup> PORTELLI, Alessandro. *O que faz a história oral diferente*. Tradução Maria Therezinha Janine Ribeiro. Projeto História, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997, p. 35-36.

<sup>230</sup> PORTELLI, Alessandro. *O que faz a história oral diferente* ... p. 35.

<sup>231</sup> DUARTE, Rosália. *Entrevistas em pesquisa qualitativas*. Educar em revista. v. 20, n. 24, Curitiba: UFPR, jul./dez., 2004. pp. 213-225. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.357>. p. 216. Acesso em: 13 de novembro de 2019.

<sup>232</sup> DUARTE, R. *Entrevistas em pesquisa qualitativas*... p. 216.

<sup>233</sup> DUARTE, R. *Entrevistas em pesquisa qualitativas*... p. 219.

da entrevista, tive atenção ao diálogo, por meio de interação verbal e perguntas. Depois das entrevistas, já no momento da transcrição, o objetivo em manter a interação não existia mais. Precisei me distanciar do papel de pesquisador-entrevistador e me ater à função de interpretar dados. Como pesquisador e, ciente de que nem tudo será revisitado numa entrevista, pois, segundo David Lowenthal, “é na privacidade que ocorre a maior parte do ato de relembrar”<sup>234</sup>, distanciei-me do processo de coleta e revivi a entrevista, posteriormente, com enfoque intencional, de separar o que é compatível ou não com esta pesquisa.

De acordo com José Sebe Bom Meihy, a abordagem da história oral não se trata de simples oralidade avulsa, e destaca três elementos para reforçar essa ideia: depoente, pesquisador e máquina para gravar<sup>235</sup>. Os entrevistados mostraram-se sempre bem dispostos ao serem solicitados para as entrevistas. Sempre foi oferecido um café ou outra bebida durante a entrevista. As entrevistas aconteceram nas casas dos entrevistados, em minha residência e também em locais diversos previamente combinados por ambas as partes.

Rosália Duarte analisa que “muitas vezes os pesquisadores sentem um certo desconforto quando realizam entrevistas, pois imaginam-se retirando algo muito precioso do outro sem lhe dar nada em troca”<sup>236</sup>. Esse sentimento ainda era aumentado em mim devido ao bom gosto dos entrevistados em me receber. Em diversas ocasiões, ganhei livros e revistas sobre a imigração em Venda Nova que eu não possuía. Sobre tal desconforto que senti enquanto entrevistador, Rosália Duarte comenta o seguinte:

Não há porque nos sentirmos assim; entrevista é sempre troca (...) ao mesmo tempo em que coleta informações, o pesquisador oferece ao seu interlocutor a oportunidade de refletir sobre si mesmo, de refazer seu percurso biográfico, pensar sobre sua cultura, seus valores, a história e as marcas que constituem o grupo social ao qual pertence, as tradições de sua comunidade e de seu povo. Quando realizamos uma entrevista, atuamos como mediadores para o sujeito apreender sua própria situação de outro ângulo, conduzimos o outro a se voltar sobre si próprio; incitamo-lo a procurar relações e a organizá-las. Fornecendo-nos matéria-prima para nossas pesquisas, nossos informantes estão também refletindo sobre suas próprias vidas e dando um novo sentido a elas. Avaliando seu meio social, ele estará se auto-avaliando, se auto-affirmando perante sua comunidade e perante a sociedade, legitimando-

---

<sup>234</sup> LOWENTHAL, David. *Como conhecemos o passado...* p. 78.

<sup>235</sup> BOM MEIHY, José Carlos Sebe. Definindo história oral e memória. *Cadernos CERU*, São Paulo, v. 5, n.2, p. 52-60, 1994. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/83299-115496-1-PB%20(2).pdf. Acesso em 01 de maio de 2018. p. 53.

<sup>236</sup> DUARTE, R. *Entrevistas em pesquisa qualitativas...* p. 220.

se como interlocutor e refletindo sobre questões em torno das quais talvez não se detivesse em outras circunstâncias<sup>237</sup>.

Como a investigação aqui proposta se deu em caráter qualitativo, ou seja, privilegiando aspectos subjetivos, estive atento também às emoções dos entrevistados durante seus relatos. Perceber o que eles sentiam vontade de contar primeiro, perceber as entonações de suas vozes e seus olhares e estimulá-los a continuarem contando se tornou uma tarefa minuciosa.

“‘Não senti nada’, disse o homem que perdeu a memória por vários anos. Quando não se tem memória, não se tem sentimentos. A perda da memória destrói a personalidade e priva a vida de significado”<sup>238</sup>, afirma Lowenthal. De acordo com as entrevistas que realizei, percebi que os entrevistados sempre estiveram cientes da importância da valoração da memória da imigração italiana para o município, por isso, mostravam-se sempre dispostos a preservar e expandir cada vez mais os costumes e tradições dos antepassados imigrantes italianos em Venda Nova, tendo as associações como um forte colaborador para suas atividades, como veremos mais adiante.

### **3.2 – Imigração e Associações em Venda Nova do Imigrante-ES.**

No contexto da sociedade feudal, a comunidade, a Igreja e a família patriarcal eram as unidades que satisfaziam as exigências fundamentais de segurança pessoal, de controle da realidade circundante e de ação coletiva para alcançar determinadas metas<sup>239</sup>. Porém, com a chegada da Revolução Industrial, essas estruturas tradicionais tiveram sua capacidade de atuação reduzida para fazer frente a uma série de novas necessidades e, portanto, surgem novas estruturas, em particular as associativas, para satisfazer as carências tanto instrumentais como expressivas dos grupos humanos<sup>240</sup>.

Ao refletir sobre associativismo voluntário, Norberto Bobbio enfoca:

---

<sup>237</sup> DUARTE, R. *Entrevistas em pesquisa qualitativa*... p. 220.

<sup>238</sup> LOWENTHAL, David. *Como conhecemos o passado*... p. 21.

<sup>239</sup> BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola, PASQUINO, Gianfranco (Editores). *Dicionário de Política*. 5ª Edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993, p. 65.

<sup>240</sup> BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola & PASQUINO, Gianfranco (Editores). *Dicionário de Política*... p. 65.

O fundamento desta particular configuração de grupo social é sempre normativo, no sentido de que se trata de uma entidade organizada de indivíduos coligados entre si por um conjunto de regras reconhecidas e repartidas, que definem os fins, os poderes e os procedimentos dos participantes, com base em determinados modelos de comportamento oficialmente aprovados<sup>241</sup>.

Em análise teórica sobre associacionismo e imigração, Blanco Rodríguez reflete que “as associações criadas pelos emigrantes constituem um dos elementos mais relevantes de sua atuação coletiva” e completa dizendo que “as associações são a memória institucional da imigração e a parte mais visível dela”<sup>242</sup>. Por isso é importante visitar a imigração italiana que se deu no município de Venda Nova do Imigrante através das ações desenvolvidas pelas associações e seus reflexos.

As sociabilidades formais constituídas pelos imigrantes cumprem, ao mesmo tempo, pelo menos em muitos casos, uma dupla função aparentemente contraditória: recriam identidades primogêntas dos imigrantes e facilitam em certa medida a integração nas sociedades que alcançam como algo estranho<sup>243</sup>. Em semelhante exemplo, ao comentar sobre o associativismo espanhol/galego no Rio de Janeiro, Érica Sarmiento explica:

Quando os estrangeiros passavam a ser um grupo numeroso e conquistavam certa posição econômica e social na sociedade de recepção, eles tendiam a se unir em associações com fins assistencialistas ou culturais, com o objetivo de preservar seus valores e tradições, fornecer apoio econômico tanto no país de origem como no de acolhida e de reivindicar determinados direitos na sociedade de imigração<sup>244</sup>.

No que tange à memória, as associações têm um papel especial em relação à imigração italiana, pois são elas que revisitam o passado com questionamentos

<sup>241</sup> BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola & PASQUINO, Gianfranco (Editores). *Dicionário de Política...* p. 64.

<sup>242</sup> BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.): *El asociacionismo en la emigración española a América*. Zamora: UNED Zamora/Junta de Castilla y León, 2008, p. 9.

<sup>243</sup> BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.): *El asociacionismo en la emigración española a América...* p. 11.

<sup>244</sup> SARMIENTO, Érica. *Associativismo espanhol/galego no Rio de Janeiro*: conflitos, visibilidade e lideranças étnicas. In: SOUSA, Fernando de. Et. al. (coord.). Portugal e as migrações da Europa do sul para a América do Sul. Porto: CEPSE, 2014. pp. 560-575. Disponível em: <https://www.cepse.pt/portal/pt/publicacoes/obras/portugal-e-as-migracoes-da-europa-do-sul-para-a-america-do-sul/associativismo-espanhol-galego-no-rio-de-janeiro-conflitos-visibilidade-e-liderancias-etnicas>. p. 560. Acesso em: 07 novembro de 2019.

selecionados e trazem, de forma minuciosa, aspectos lapidados para moldar o presente. Corroborando com essa ideia, infere-se a reflexão a que Lowenthal recorre. Assim, observamos que:

A função fundamental da memória, por conseguinte, não é preservar o passado mas sim adaptá-lo a fim de enriquecer e manipular o presente. Longe de simplesmente prender-se a experiências anteriores, a memória nos ajuda a entendê-las. Lembranças não são reflexões prontas do passado, mas reconstruções ecléticas, seletivas, baseadas em ações e percepções posteriores em códigos que são constantemente alterados, através dos quais delineamos, simbolizamos e classificamos o mundo à nossa volta<sup>245</sup>.

Em Venda Nova, durante a segunda metade do século XX, surgem associações que terão como objetivo preservar e recriar as tradições dos imigrantes italianos. O sentimento de vínculo familiar e de pertença ao mesmo lugar de origem (no caso, o Vêneto ou Trento) potencializa esse associativismo<sup>246</sup>. Os interesses em comum também fomentam os homens a se agrupar.

No caso dos habitantes da península italiana, cumpre salientar que suas identidades italianas não eram unas quando deixaram suas terras para o Brasil. Como exemplo, Patricia Gomes Furlanetto<sup>247</sup>, ao escrever em sua tese de doutorado sobre o associativismo como estratégia de inserção social em Ribeirão Preto no século XIX, vai observar que:

a italianidade desses imigrantes não foi trazida da Europa, mas sim, edificada no Novo Mundo, uma vez que a Itália não havia vencido a fase final do seu processo de unificação no momento em que os fluxos migratórios de seus cidadãos iniciaram uma rota de ascensão.

Segundo Bobbio, as associações voluntárias consistem em “grupos formais livremente constituídos, aos quais se tem acesso por própria escolha e que perseguem interesses mútuos e pessoais ou então escopos coletivos”<sup>248</sup>. Legalmente falando, no

<sup>245</sup> LOWENTHAL, David. *Como conhecemos o passado...* p. 103.

<sup>246</sup> BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.): *El asociacionismo en la emigración española a América...* p. 19.

<sup>247</sup> FURLANETTO, Patrícia Gomes. *Associativismo como estratégia de inserção social*: as práticas sócio-culturais do mutualismo imigrante italiano em Ribeirão Preto (1895-1920). Tese (Doutorado em História Social), FFLCH, Universidade de São Paulo, 2007, p.137.

<sup>248</sup> BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola & PASQUINO, Gianfranco (Editores). *Dicionário de Política...* p. 64.

Brasil, segundo a Lei nº 10.406/02, em seu artigo 53, “constituem-se as associações pela união de pessoas que se organizem para fins não econômicos”<sup>249</sup>. Ao associar-se, ao mesmo tempo em que o grupo ganha obrigações e deveres como organizar atas e reuniões, tendo seus compromissos aumentados, consegue-se maior representação perante a sociedade e ao poder público, pois a associação funciona como uma ferramenta estratégica para crescimento e fortalecimento dos indivíduos e do grupo.

Percebe-se, nas entrevistas, que o espírito de união e ajuda mútua entre os primeiros imigrantes que chegaram em Venda Nova na década de 1890, bem como seus descendentes, foi de grande contribuição para a formação da identidade venda-novense. Uma das entrevistas que deixou clara essa questão foi com o senhor Elói. Na conversa ele contou que, segundo seus antepassados, as redes de sociabilidade estabelecidas entre os italianos favoreceram a criação de associações em Venda Nova. Para os imigrantes, a necessidade de adaptação levava ao estreitamento de relações familiares e comunitários.

Essa coisa que tem forte aqui em Venda Nova de associações, de ajuda ao hospital, isso aí já vem lá de quando eles (os imigrantes) vieram, né. A única forma que eles conseguiram pra sobreviver é se manter unido. Porque não conheciam a língua, não conheciam o costume, não conheciam nada, o lugar, né? Inclusive, quando eu era criança, meu pai teve um problema sério de coração, e ficou a mamãe com um monte de filho pequeno, quando apertava o serviço da roça, quatro, cinco vizinhos iam lá, faziam o trabalho tudo de graça. Ninguém cobrava nada não. E se ajudava um, ajudava o outro pra poder sobreviver porque a dificuldade era grande, né?<sup>250</sup>.

A imigração italiana em Venda Nova do Imigrante se deu no final do século XIX, mas seus reflexos se dão ainda nos dias de hoje, principalmente pelas ações das associações que serão aqui observadas. As associações sabem muito bem da importância de se transportar a memória, imaterial e dispersa, de seus antepassados, para o plano físico, onde passa a fazer parte da história e a resistir às ações deteriorantes do tempo. Como dizia Pierre Nora, “a necessidade de memória é uma necessidade de história”<sup>251</sup>.

---

<sup>249</sup> BRASIL. **Lei n. 10.406**, 10 de janeiro de 2002. Institui o Código Civil. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 jan. 2002. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2002/L10406compilada.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10406compilada.htm). Acesso em: 29 de agosto de 2019.

<sup>250</sup> Depoimento de José Elói Falqueto, em entrevista concedida ao autor em 08 de agosto de 2019.

<sup>251</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história, a problemática dos lugares. **Proj. História**, São Paulo (10), dez. 1993, p. 7-28. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 29 de agosto de 2019, p. 14.

Tendo apresentado a metodologia utilizada para as entrevistas e feitas as reflexões conceituais e históricas sobre as relações entre associativismo e imigração, vamos agora analisar as associações que têm por objetivo preservar e recriar a cultura do imigrante italiano que surgiram em Venda Nova do Imigrante, interior do Espírito Santo.

### **3.3 – AFEPOL – Associação Festa da Polenta.**

Ao escrever sobre história oral, comemorações e ética, Marieta de Moraes Ferreira traz as reflexões de Raynaud, que constrói um raciocínio sobre como as sociedades contemporâneas, preocupadas com a perda do sentido do passado e com o “aprofundamento da capacidade de esquecer, têm se preocupado em retomar esse passado e, nesse retomo, procuram estabelecer caminhos para uma redefinição de identidade”<sup>252</sup>. Segundo esse autor, um elemento importante nesse processo são as comemorações, assim definidas: “comemoração é a cerimônia destinada a trazer de volta a lembrança de uma pessoa ou de um evento... É um espaço para perpetuar a lembrança e indica a ideia de uma ligação entre homens, fundada sobre a memória”<sup>253</sup>. Tal conceito de comemoração é de grande valia para o aspecto investigado neste subponto do trabalho.

Em Venda Nova do Imigrante, a associação mais famosa atualmente é a AFEPOL (Associação Festa da Polenta). Sua história está diretamente ligada à Festa da Polenta que acontece desde 1979 no município. Com o crescimento do evento, em 1991, a Associação Festa da Polenta é registrada como entidade jurídica, localizada na Rua Padre Antônio Martinez, 116, Bairro Santa Cruz, Venda Nova do Imigrante-ES.

A AFEPOL é a instituição responsável por organizar, articular e promover a Festa da Polenta em Venda Nova. Hoje, a festa acontece em dois finais de semana, sempre em outubro. A festa já conseguiu arrecadar, graças ao trabalho voluntário de mais de mil pessoas por ano, de 1995 até 2014, recursos que ultrapassam os valores de

---

<sup>252</sup> RAYNAUD, P. La comemoración: ilusion ou artifice? Le Debat, nº 78, jan.-fev. 1994, pp. 104-6. Apud FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral, comemorações e ética. *Projeto História...* p. 1.

<sup>253</sup> RAYNAUD, P. La comemoración: ilusion ou artifice? Le Debat, nº 78, jan.-fev. 1994, pp. 104-6. Apud FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral, comemorações e ética. *Projeto História...* p. 1.

2.400.000 reais, que são repassados diretamente para o hospital da cidade, Apae, Casa da Cultura, pastoral da saúde, esportes, entre outros<sup>254</sup>. Só no ano de 2019, a AFEPOL anunciou que destinará 480 mil reais, resultantes de sobras líquidas da 41ª Festa da Polenta, para instituições filantrópicas e culturais do município. Dentre as beneficiadas, estão as associações Coral Santa Cecília, Associazione Trevisani Nel Mondo e Circolo Trentino<sup>255</sup>.

Na dinâmica da associação é possível observar que o aspecto de afirmação e recriação identitárias dos imigrantes e seus descendentes se faz muito presente. O conceito de identidade está baseado na interação social, ou seja, o processo de identificação abrange o reconhecimento de uma existência da essência interior, e também a construção de relações com outras pessoas, em face das transformações sociais, e tendo em vista a codependência dos indivíduos na sociedade. De acordo com o sociólogo Stuart Hall, “o sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o “eu real”, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais “exteriores” e as identidades que esses mundos oferecem”<sup>256</sup>. Assim,

A identidade, nessa concepção sociológica, preenche o espaço entre o “interior” e o “exterior” - entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a “nós próprios” nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os “parte de nós”, contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura (ou, para usar uma metáfora médica, “sutura”) o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis<sup>257</sup>.

Como se percebe na fala do ex-presidente da AFEPOL, o senhor Tarcísio Caliman: “um dia, eu virei pra um cara e falei assim “eu duvido que você anda cinco minutos dentro de Venda Nova se você não achar alguém vestido com a camisa da Festa da Polenta em qualquer dia do ano”<sup>258</sup> e, levando-se em conta que a formação das identidades é também resultado da influência e das relações sociais, a Festa da Polenta

<sup>254</sup> Dados obtidos em visita direta à AFEPOL em abril/2018.

<sup>255</sup> Festa da Polenta repassa R\$ 480 mil para entidades filantrópicas e culturais de Venda Nova. **Radio FMZ.** Disponível em: <http://radiofmz.com.br/site/conteudo.asp?codigo=14159>. Acesso em: 11 de dezembro de 2019.

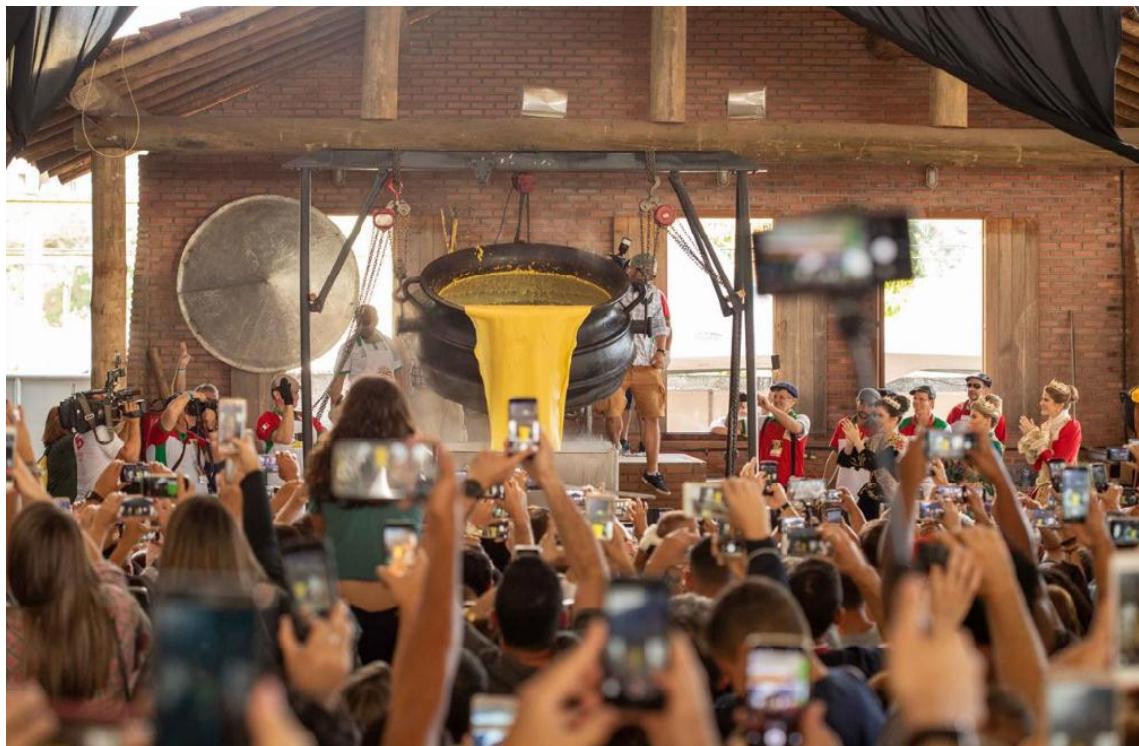
<sup>256</sup> HALL. Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2011, p. 11.

<sup>257</sup> HALL. Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade...** p. 11-12.

<sup>258</sup> Depoimento de Tarcísio Caliman, em entrevista concedida ao autor em 20 de julho de 2019.

se torna um evento que contribui para a recriação da identidade não só dos descendentes de imigrantes italianos de Venda Nova, mas também de todos que dela participam, comunidade e visitantes. Esse processo é cíclico, já que todos os anos a festa é recriada, baseando-se na avaliação do evento anterior. Existem aspectos que permanecem desde as primeiras edições do evento, como, por exemplo, o serviço de pratos típicos e shows musicais. Já outros acontecimentos podem surgir e serem incorporados a cada ano, como resultado dos debates entre os organizadores e a comunidade. Duas características atuais da festa são exemplo dessa dinâmica: uma é a realização da festa em dois finais de semana; outra são os tombos da polenta, demonstrações da produção da iguaria que dá nome à festa, e que começaram a ser realizados a partir de 2004. (ver imagem 11).

Imagen 10: Tombo da Polenta em 2018.



Fonte: <http://www.festadapolenta.com.br/2018-festas-por-anos>. Acesso em: 26 de março de 2020.

Outra atividade também incorporada à festa devido à revisita histórica do contexto da imigração italiana, foi a construção da vila cenográfica italiana. Esse espaço conta com painéis com cerca de 330 metros quadrados que retratam moradias italianas

do Vêneto, Florença e Verona, localidades de origem dos imigrantes que colonizaram Venda Nova<sup>259</sup>.

Com essas dinâmicas, a dialética material pela qual passa a Festa da Polenta contribui para que a identidade dos participantes e dos visitantes também esteja em transformação. Isso porque, nas palavras de Michael Pollak,

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros<sup>260</sup>.

As emoções e sensações de nossas vidas podem ser trazidas à tona por fatos que consideramos banais à primeira vista, mas que carregam um grande valor emocional. Nas palavras de Lowenthal, “a memória afetiva de maior intensidade revela um passado tão rico e vívido que nós quase o revivemos”<sup>261</sup>. Esse autor indica exemplos para explicar o que é a memória afetiva, ao citar “o crítico que quando fechava seus olhos não se “lembra do filme” Kagemusha, mas sim “o via novamente””, ou então “ao recordar sua estadia em Veneza, Brockelman diz que consegue “ver os prédios, eu ouço a conversa, sinto a textura da cadeira na qual me sento...”<sup>262</sup>. Essas recordações intensificadas são reativadas por sensações esquecidas que podem ser um odor, um sabor, um som ou um simples toque.

Na Festa da Polenta, um dos locais que mais propicia as reflexões memoriais é a Casa da Nonna. É um espaço na festa reservado para representar o modo de viver das primeiras imigrantes, onde voluntárias *nonnas* ficam fazendo tricô, bordando, recebendo os turistas, fazendo polenta na chapa, doces, entre outras formas de acolhimento, e contando sobre os costumes locais para quem visita o ambiente. Assim, a Casa da Nonna acaba se tornando um local de reflexões sobre a imigração italiana em Venda Nova e que propicia a manifestação da memória afetiva a que Lowenthal se refere. Esse tipo de memória fica expressa no relato de Gláucia, adiante:

---

<sup>259</sup> OS 40 ANOS e os presidentes da Festa da Polenta. **Folha da Polenta**. Venda Nova do Imigrante. Outubro de 2018. p. 29.

<sup>260</sup> POLLAK, Michael. Memória e identidade Social. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: 1992, vol. 5, p. 5.

<sup>261</sup> LOWENTHAL, David. *Como conhecemos o passado...* p. 29.

<sup>262</sup> LOWENTHAL, David. *Como conhecemos o passado...* p. 29.

Porque a Festa da Polenta é o resgate da forma de viver dos italianos que vieram. Igual lá na Casa da Nonna, que a gente fica fazendo biscoito, massa... na hora que a Adriana tá fazendo macarrão, vira um furdunço, porque todo mundo quer ver. E, tipo assim, quando a gente bota o socador de pilão pra fazer paçoca... paçoca não era coisa de italiano, mas quando a gente bota o pilão pra fazer paçoca, tem gente que chora quando pega o pilão pra bater. Por que? Porque é uma memória afetiva de ter vivido na roça, de ter feito aquilo, mas tem gente que se emociona profundamente<sup>263</sup>.

Imagen 11: representantes *nonnas* bordando na Casa da Nonna durante o evento.



Fonte: <http://festadapolenta.com.br/2019-festas-por-ano>. Acesso em: 26 de março de 2020.

Corroborando com o relato de Gláucia, a descrição de Marília Caliman sobre a Casa da Nonna reforça a função de memória do espaço no evento.

A Casa da Nonna, ela representa exatamente o nosso antepassado, né? Os nossos avós, bisavós que vieram, as tradições que a gente não pode esquecer. E a gente, na verdade, faz uma réplica daquilo que eles viviam e a gente tá tentando representar essa réplica, que é muito

<sup>263</sup> Depoimento de Gláucia Maria Feitoza Altoé, em entrevista concedida ao autor em 31 de julho de 2019.

prazeroso, mas é com muito suor porque é com muito trabalho, mas vale a pena<sup>264</sup>.

Ao comentar sobre as esperanças dos imigrantes vênetos inseridos no fluxo migratório da segunda metade do século XIX, Emilio Franzina menciona que tais camponeses não eram iludidos ao ponto de acreditarem que, no Brasil, iriam “encontrar lá as linguiças penduradas nas árvores”<sup>265</sup>, porém, o olhar sereno e alegre de Marília, ao relatar sobre os alimentos que integram o cenário da Casa da Nonna, como, por exemplo, “essa linguiça pendurada em cima do fogão à lenha, isso tudo nos reporta ao passado que a gente vivenciou”, traduz em parte a concretização do projeto de vencer na América que os imigrantes italianos aspiravam em finais do século XIX. Isso porque os alimentos e doces da Casa da Nonna, assim como a linguiça, acabam por representar um passado de conquista por parte dos imigrantes e seus descendentes em Venda Nova do Imigrante.

Dessa forma, a Casa da Nonna acaba se tornando um local de preservação e também de recriação da memória não só do jeito de viver das *nonnas*, mas também das condições sociais e econômicas dos imigrantes italianos e seus descendentes, pois as configurações da imigração italiana são constantemente revisitadas e refletidas durante as visitas ao local.

No que tange à relação entre memória e imigração italiana em Venda Nova do Imigrante, a Festa da Polenta tem papel crucial, pois é o principal evento que representa a imigração italiana no Espírito Santo. A edição de 2019 atraiu cerca de 60 mil pessoas de todo o Brasil para a festa<sup>266</sup>, o que demonstra não apenas a grandeza da festa, mas também o envolvimento da sociedade venda-novense em prol da organização e realização do evento. Todos os anos, mais de mil voluntários se disponibilizam para as atividades, sendo que no ano de 2019 cerca de 1500 voluntários se mobilizaram para a realização do evento. O trabalho voluntário é percebido como muito importante para a realização das atividades, como se constata:

---

<sup>264</sup> NOVATEC FIBRA. **D. Marília fala sobre a Casa da Nonna!** Venda Nova do Imigrante. 7 out. 2019. Facebook: NovatecFibra. Disponível em: <https://www.facebook.com/novatecinternet/videos/2444269269187446/>. Acesso em: 19 de novembro de 2019.

<sup>265</sup> FRANZINA. E. *A grande emigração...* p. 317.

<sup>266</sup> 41ª Festa da Polenta. **Montanhas Capixabas.** 2019. Disponível em: <https://montanhascapixabas.org.br/evento/39a-festa-da-polenta/>. Acesso em: 02 de novembro de 2019.

Tudo voluntário, né? Pessoal fica bobo de ver que é tudo voluntário. Eles não acreditam que a gente tá lá de graça. Eles acham que a gente recebe pra trabalhar, catar o lixo, tudo. E quem trabalha, gosta, ta?! E é legal que, assim, eles vão pra ser voluntário, eles preferem ser voluntário do que ir na festa. A mamãe e o papai, eles só iam na festa trabalhar, se não fosse trabalhar, eles nem iam<sup>267</sup>.

O relato acima de Cristina expõe a importância que o trabalho voluntário na festa tem para sua família e o que ele representa para sua comunidade. Já o relato de dona Angélica, abaixo, proferido com sentimento de orgulho durante a entrevista, é um exemplo de uma participante que atuou durante décadas no voluntariado da festa: “Nossa Senhora! (Trabalhei) uns 30 anos. (Trabalhei em) qualquer lugar. (Fazia) de tudo. Fazia o prato. Botava pra pessoa pegar. Na panela lá dentro... cozinhando, ou catando os pratos na mesa. Sempre tinha um serviço. Ficava a noite inteira tinha vez”<sup>268</sup>.

Em seguida, a observação de Tarcísio ressalta o potencial para envolver a comunidade em prol dos trabalhos que se tornam essenciais para organizar a Festa da Polenta e suas atividades.

É gratificante. Você vê o que é o voluntariado, né? Quando você mexe com as pessoas, você mexe com o ego das pessoas, você enaltece, né? E você faz coisas boas, coisas bonitas, o povo se alegra com isso, se satisfaz com isso. Se sente pertencente aquele movimento. Então é por isso que a Serenata Italiana está dando tanto certo, por isso que a Festa da Polenta também dá muito certo e é assim com tantas outras coisas<sup>269</sup>.

Assim, de acordo com o que foi observado até aqui, o trabalho voluntário que sustenta o evento encontra-se articulado com as redes de interação entre os indivíduos que se manifestam, sobretudo, na realização e organização da Festa da Polenta, elemento fundamental para as reflexões memoriais dos imigrantes e seus descendentes em Venda Nova.

A própria polenta, principal prato do evento, remete à memória e à conexão com a ancestralidade, já que tem sua origem ainda na antiguidade, de acordo com a dissertação de Nara Falqueto Caliman.

---

<sup>267</sup> Depoimento de Cristina Brunelli Zardo Feitoza, em entrevista concedida ao autor em 31 de julho de 2019.

<sup>268</sup> Depoimento de Angélica Brioschi, em entrevista concedida ao autor em 09 de agosto de 2019.

<sup>269</sup> Depoimento de Tarcísio Caliman, em entrevista concedida ao autor em 20 de julho de 2019.

Segundo pesquisa da turismóloga Elza Maria Feder (2005), a polenta tem origem na região norte da Itália. Era o pão dos tempos antigos: constituía a base alimentar (o prato mais consumido) da população e dos legionários romanos. Inicialmente, era feita de ervas. Posteriormente, passou a ser feita de farinha de trigo. Somente após 1492, com a descoberta da América por Cristóvão Colombo, é que a polenta passou a ser feita de milho. E passou a ser o principal prato nas regiões de Veneza e Friuli, substituindo o pão (feito com trigo) e o macarrão. Inicialmente restrita a essas regiões, em pouco tempo a polenta passou a ter espaço na culinária italiana<sup>270</sup>.

Quando Emilio Franzina traz em seu livro os dizeres de vilões vênetos, através de Domenico Pittarini, maior poeta que escreveu em uma linguagem popular no século XIX no Vêneto e que viveu em contato direto com os camponeses da sua terra<sup>271</sup>, a polenta aparece em um contexto social marcado pelas diferenças sociais e pela pobreza.

Compadre, esse mundo é mal dividido  
Até um cego com o olho de trás pode ver isso  
Uns tem demais, outros nada, nós camponeses  
Somos o pior do pior entre todos os cristãos  
Temos que trabalhar de dia e de noite  
No inverno, quando neva, congelados como sapos  
Com picareta e pá em um buraco, e no verão  
Ficamos nos sulcos incendiados pelo sol.  
E garganta abaixo polenta  
Quando temos a sorte de tê-la para a nossa necessidade ...  
O milho melhor eles escondem  
Porque para os pobres camponeses tem aquele dos porcos<sup>272</sup>.

Ao escrever sobre seus ancestrais vênetos, padre Cleto Caliman, corrobora com o poema acima de Domenico Pittarini.

É só ler as centenas de livros, depoimentos e cartas guardados em arquivos públicos e particulares, em bibliotecas quer do Brasil, quer da Itália, para conferirmos a suadeira que nossos antepassados vênetos curtiram no dia-a-dia como colonos, servos até, num trabalho insano para se manterem. Viviam da polenta, carne vez que outra, pão ou broa (que o diabo amassava), vinho e sei lá mais o quê!!!<sup>273</sup>

<sup>270</sup> CALIMAN, Nara Falqueto. *Uma Itália que não existe na Itália: Tradição e Modernidade em Venda Nova do Imigrante-ES*. 2009. Dissertação (Mestrado em Administração) - Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009. p. 82.

<sup>271</sup> FRANZINA. E. A grande emigração... p. 344.

<sup>272</sup> FRANZINA. E. A grande emigração... p. 303.

<sup>273</sup> CALIMAN, Cleto. La Mèrica Che Avemo Fato: *a Família Caliman no Espírito Santo*. Vitória, 2002, p. 39.

Reforçando os dizeres do poeta vêneto acima, o relato do senhor Cilmar Cesconetto Franceschetto, atual diretor do Arquivo Público do Espírito Santo, reproduzido logo abaixo, chama a atenção para a dramatização do fluxo migratório que a Festa da Polenta realiza, observando que a polenta era um dos poucos pratos que a população italiana tinha para se alimentar, expondo como a polenta adquiriu, em Venda Nova, representatividade histórica e memorial do contexto imigratório italiano da segunda metade do século XIX.

Você tem, em Venda Nova, a AFEPOL - Festa da Polenta - que relembra... um pouco dramática também, porque a miséria era tanta na Europa, na Itália, no norte da Itália, era tanta que o único prato que, às vezes, eles tinham pra comer no dia, era polenta. Então é, quer dizer, só polenta... só polenta, tinha ausência de muitas vitaminas, é por isso que eles tinham a doença da pelagra, né? Uma doença da pele. Então, lembrar a polenta hoje, é tecer um paradoxo, um pouco também, (que) você está lembrando de um único alimento que você comia que significava miséria, significava pobreza. Aquilo (a polenta), de qualquer forma, sustentou aquelas nossas famílias nossas antepassadas, ali. Às vezes, comia só polenta, uma vez ou outra tinha carne e, quando tinha um ovo, tinha que dividir. Então polenta representa toda essa cultura. Ela não é só um alimento, mas é todo um símbolo de uma história, símbolo da imigração. A gastronomia não é só a gastronomia em si, ela é toda uma representação cultural e tem muita história embutida em cada prato em construção<sup>274</sup>.

Conforme a fala de Cilmar Franceschetto, a polenta, por ser alimento presente na vida das famílias italianas desde os momentos iniciais da imigração de finais do século XIX, acaba por se tornar mais do que uma simples comida na Festa da Polenta. Sua representação no evento faz com que o alimento adquira status de símbolo da história corrente migratória que se deu no município.

Quando se trata de história cultural, de acordo com Dolores Martín Rodríguez Corner, o debate sobre a alimentação “pode ser mais facilmente compreensível como representação e como símbolo, principalmente em se tratando de imigração”<sup>275</sup>. Isso se deve pela alimentação ser um hábito difícil de abandonar, tendo raízes profundas nos costumes e nas tradições, de acordo com a autora. Assim,

---

<sup>274</sup> Depoimento de Cilmar Cesconetto Franceschetto, em entrevista concedida ao autor em 17 de agosto de 2019.

<sup>275</sup> CORNER, Dolores Martín Rodríguez. A cozinha do imigrante espanhol galego e andaluz em São Paulo: habitus – memória – identidade. In: ROMERO, Juan Manuel Valiente et al. (Org.). *Migraciones Iberoamericanas: las migraciones España-Brasil*. Huelva; Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2013. p. 125 – 144. p. 126.

como um ato cultural, a comida não só é um alimento destinado à sobrevivência do homem, mas impregnada de escolhas, de produtos abundantes em sua origem, ela passa a ser cultura, passa a ser símbolo e memória de um grupo social imigrante ou não. Com significados definidos e explicitados nos costumes e também na apresentação dos pratos. A análise atenta aos símbolos e linguagens transmitidos através da alimentação, permite compreender os valores nela implícitos<sup>276</sup>.

Conforme o historiador local Máximo Zandonadi, fica evidente a importância do alimento para os primeiros colonos da região, onde “para todos, a polenta era iguaria indispensável. Tostada na grelha, para o café com leite da manhã, farta no almoço e no jantar, era um Deus nos acuda caso faltasse”<sup>277</sup>. Ademais,

Todo proprietário rural estabelecido em Venda Nova media o bem-estar e as finanças pela quantidade de milho no pão. Não era o café que ditava as finanças. Tendo o milho, tinham o fubá, com o fubá, a polenta e outras variedades alimentares que nossas matronas eram mestres em preparar<sup>278</sup>.

Logo, percebe-se a presença do alimento durante todo o curso da imigração que se dirigiu para Venda Nova: desde seu consumo na Itália por camponeses vênetos até o período de instalação e de adaptação das famílias em solo capixaba que transcorreu entre finais do século XIX e durante o século XX. Nas palavras de Maria Izilda Matos, “transfere-se para outros países, o gosto e os hábitos enraizados. Na experiência de deslocamento, a alimentação é o último costume abandonado, podendo ser considerado até um fator de resistência”<sup>279</sup>. A polenta atua, assim, como um referencial para o sentimento de identidade nos períodos de deslocamento.

Durante todo o evento, a polenta é muito homenageada, aparecendo em fotografias, adesivos, nas camisas dos voluntários e, principalmente, na música “La

<sup>276</sup> CORNER, Dolores Martín Rodríguez. A cozinha do imigrante espanhol galego e andaluz em São Paulo: habitus – memória – identidade. In: ROMERO, Juan Manuel Valiente et al. (Org.). *Migraciones Iberoamericanas...* p. 126.

<sup>277</sup> ZANDONADI, Máximo. *Venda Nova, um capítulo da Imigração Italiana...* p. 41.

<sup>278</sup> ZANDONADI, Máximo. *Venda Nova do Imigrante...* p. 67.

<sup>279</sup> MATOS, M. Izilda S. de. Alimentando o coração: Memória e Tradição das mulheres imigrantes portuguesas - São Paulo (1900- 1950). In: SOUSA, Fernando de; MENEZES, Lená Medeiro de; MATOS, M. Izilda S. de (Orgs.). *Portugal e as migrações da Europa do Sul para a América do Sul*. Porto: CEPSE, 2014. p. 107.

Bella Polenta”, que conta toda a trajetória do alimento, desde o plantio até sua degustação.

### ÚLTIMO REFRÃO DA MÚSICA “LA BELLA POLENTA”

Canto Popular Vêneto - Autor: Anônimo - 1919<sup>280</sup>

Original em dialeto vêneto

*Quando fenisce la bela polenta, la bela polenta fenisce così, si pianta così, la cresce così, fiorisce così, si smiscia così, si taia così, si mangia così, si gusta così, fenisce così. Bela polenta così. Cia cia pum, cia cia pum, Cia cia pum, cia cia pum.*

Tradução<sup>281</sup>

*Quando acaba a bela polenta, a bela polenta acaba assim, se planta assim, cresce assim, floresce assim, se mescla assim, se corta assim, se come assim, se saboreia assim, acaba assim. Bela polenta assim. Cia cia pum, cia cia pum, Cia cia pum, cia cia pum.*

Portanto, na Festa da Polenta, essa comida não é só vista como parte integrante do menu de alimentação do evento, mas também é entendida como parte da representação histórica e memorial do fluxo migratório italiano que se deu em Venda Nova do Imigrante que a festa proporciona.

Falar de Festa da Polenta em Venda Nova é também falar de Padre Cleto Caliman (1914–2005), porque muitos feitos da sociedade de Venda Nova estão entrelaçados com a participação de Padre Cleto: articulou recursos e contatos para criação do colégio Salesiano, dos correios, do hospital da cidade, e, claro, a criação da Festa da Polenta, entre outros. Indagado sobre o início da festa, respondeu em entrevista ao jornal *Folha da Terra*, em entrevista do ano de 1999:

<sup>280</sup> CALIMAN, Nara Falqueto. *Uma Itália que não existe na Itália...* p. 148.

<sup>281</sup> Tradução do autor.

Surgiu por acaso. Recebi o convite do padre Luiz Marchesi para participar da primeira festa da polenta em Sagrada Família, em Alfredo Chaves... Deus me deu um estalo na cabeça e me veio a ideia: lá em Venda Nova vai dar certo. Aí não deu outra (...) A Festa não está só limitada aos comes e bebes, está caminhando para uma maior preservação da cultura italiana trazida pelos nossos avós que sofreram com o progresso. Essa é a nossa identidade e a maior expressão da cultura ítalo-brasileira do Estado<sup>282</sup>.

O ímpeto realizador de Padre Cleto está diretamente relacionado às dinâmicas sociais da memória e identidade. De acordo com Gilberto Velho,

O projeto e a memória associam-se e articulam-se ao dar significado à vida e às ações dos indivíduos, em outros termos, à própria *identidade*. Ou seja, na constituição da *identidade* social dos indivíduos, com particular ênfase nas sociedades e segmentos individualistas, a *memória* e o *projeto* individuais são amarras fundamentais. São visões retrospectivas e prospectivas que situam o indivíduo, suas motivações e o significado de suas ações, dentro de uma conjuntura de vida, na sucessão das etapas de sua trajetória<sup>283</sup>.

O trecho da fala de padre Cleto na reunião da equipe de voluntários do encontro da família Caliman em Venda Nova em 2001 corrobora com o que sugere Gilberto Velho: “na vida, passado e futuro são como o lançamento de um arqueiro: para lançar a flecha, é preciso envergar o arco, puxar a corda. Quanto mais puxamos a corda para trás, mais à frente lançamos nossas flechas”<sup>284</sup>. Assim, perceber as raízes históricas de Venda Nova, articulá-las com o presente e seus indivíduos, se torna peça fundamental para realização do evento. Nesse sentido, contribuindo também para a construção da identidade dos sujeitos participantes da festa.

Agostino Lazzaro enuncia que padre Cleto:

como parte integrante da comunidade vendanovense, é um representante fiel da cultura camponesa ítalo-capixaba, não obstante sua formação clássica de clérigo dos mais respeitados e empreendedores do Espírito Santo, pois fundamentou sua vida religiosa em ação concreta e transformadora no seio das comunidades em que atuou<sup>285</sup>.

---

<sup>282</sup> FOLHA DA TERRA, Edição especial para a 36ª Festa da Polenta, 2014, p. 14.

<sup>283</sup> VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose*: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994, p. 101.

<sup>284</sup> CALIMAN, Nara Falqueto. *Uma Itália que não existe na Itália...* p. 6.

<sup>285</sup> CALIMAN, Cleto. La Mèrica Che Avemo Fato: *a Família Caliman no Espírito Santo...* p. 22.

Um fato curioso da relação entre padre Cleto e a Festa da Polenta é que o mesmo não gostava de polenta. Sua irmã, dona Cacilda Caliman, assim relembra sobre o início da festa:

Então a gente se juntou tudo e falou assim: “o quê que cê quer fazer, Cleto? (Ele) falou assim: “olha, eu tô pensando de fazer uma festa da polenta”. Eu falei: “mas uma festa da polenta?” Ele falou assim: “é”. Porque eu falei assim: “você vai fazer a festa sabendo que você nunca gostou da polenta?”<sup>286</sup>.

Imagen 12: Trator da família Caliman carregando fotografia de Padre Cleto Caliman no desfile das famílias durante a Festa da Polenta de 2019.



Fonte: Fotografia feita pelo autor em 12 de outubro de 2019.

<sup>286</sup> FESTA DA POLENTE – V.N.I. S.t. Venda Nova do Imigrante. 13 out. 2019. Facebook: FestadaPolenta – V.N.I. Disponível em: <https://www.facebook.com/festadapolenta/videos/408771529825914/>. Acesso em: 04 de novembro de 2019.

Personagem central no desenvolvimento da festa, é lembrado durante todo o evento, com fotos e até mesmo gritos e faixas com as frases de “viva padre Cleto!”. Portanto, a Festa da Polenta se mostra ciente da importância do passado para a construção dos moldes do presente, como demonstra Lowenthal

Relembrar o passado é crucial para nosso sentido de identidade: saber o que fomos confirma o que somos. Nossa continuidade depende inteiramente da memória; recordar experiências passadas nos liga a nossos *selves* anteriores, por mais diferentes que tenhamos nos tornado<sup>287</sup>.

Por ter atuado diretamente com os indivíduos, ter sido idealizador e criador da Festa da Polenta, propiciando a afirmação do grupo na localidade, Padre Cleto tornou-se símbolo da construção e da recriação da identidade no evento, ao mesmo tempo em que se circunscreve nas configurações de memória da Festa da Polenta, sendo também um símbolo do evento.

De acordo com o que foi analisado até aqui, não é uma valorização da Itália a que a AFEPOL se propõe a fazer com a Festa da Polenta. A AFEPOL pode ser compreendida como um local de memória da imigração e de recriação das identidades dos descendentes de imigrantes italianos que vieram para Venda Nova, e não como um território italiano. A fala de Tarcísio deixa isso bem claro.

Hoje quando eu vejo ali “Viva a Itália”, viva a Itália o c... Viva os nossos *nonnos* que vieram pra cá, desbravaram, trabalharam aqui. Um dia, um cara falou assim “Tarcísio, eu não vou na Festa da Polenta porque vocês ficam enaltecedo muito a Itália”. Eu falei assim “Quem falou isso com você? Lá não. Lá nós enaltecemos os nossos *nonnos*, que vieram pra cá, lutaram, desbravaram e nos deram a oportunidade que nós estamos tendo hoje. É em homenagem a eles”. O cara virou “Tarcísio, eu nunca vi ninguém falar isso”. Falei assim: “mas nós, lá em Venda Nova, falamos”. Que a nossa condição lá não é em homenagem à Itália não. Tem nada a ver. Então, nós temos que tirar o chapéu pros nossos antepassados, pros nossos *nonnos*, pros nossos *bisnonnos*, que vieram e tiveram essa luta todinha<sup>288</sup>.

Assim, conforme com o que foi coletado e examinado nesse subponto, a Festa da Polenta se mostrou como uma representação do curso migratório italiano iniciado em

---

<sup>287</sup> LOWENTHAL, David. *Como conhecemos o passado...* p. 83.

<sup>288</sup> Depoimento de Tarcísio Caliman, em entrevista concedida ao autor em 20 de julho de 2019.

finals do século XIX, percorrendo o período de instalação no solo capixaba vivenciados pelos imigrantes e seus descendentes, sendo lugar de memória da imigração e de ressignificação da identidade venda-novense<sup>289</sup>.

### 3.4 - CIRCOLO TRENTINO

De acordo com seu site oficial, a Associação Trentini nel Mondo foi fundada em 1957 com o propósito de solidariedade social e como ferramenta de agregação e assistência aos migrantes trentinos e seus descendentes<sup>290</sup>. A associação está presente em vinte e seis países e em quatro continentes, com mais de 220 circoli que se tornam lugares de reforço e afirmação de identidade para os descendentes do Trento. O Brasil é o país que mais possui circoli, com o total de 60, seguido da Argentina, com 57, Estados Unidos, com 21, e Itália, com 13.

Mapa 4: Distribuição dos Circoli Trentini no Mundo.



<sup>289</sup> Ressalta-se que, nesse tópico, buscou-se investigar e correlacionar somente as configurações de memória e imigração italiana que aparecem na Festa da Polenta. Ciente do espaço que aqui nos cabe para escrever sobre o evento e sabendo da amplitude de atividades que a Festa da Polenta realiza, como sugestão para mais análises do evento, citam-se aqui os trabalhos recentes de dissertações de mestrado de Nara Falqueto Caliman, “Uma Itália que não existe na Itália: Tradição e Modernidade em Venda Nova do Imigrante- ES”, de Filipo Carpi Girão, “A Italianidade como potencialidade sociopolítica na Festa da Polenta em Venda Nova do Imigrante (1979-2014)” e também o trabalho de conclusão de curso de Camila Dalvi Venturim, “Memória e cultura italiana: Ensaio sobre a Festa da Polenta em Venda Nova do Imigrante-ES”.

<sup>290</sup> Chi Siamo. **Trentini Nel Mondo**. S.d. Disponível em: <http://trentininelmondo.it/lassociazione/chisiamo.html>. Acesso em 29 de agosto de 2019.

Fonte: CIRCOLI, Delegazioni e Federazioni/Coordinamenti di Circoli dell'Associazione Trentini nel Mondo. **Revista Trentini Nel Mondo**. Trento. 1/2016.

No Espírito Santo, os Circoli Trentini estão localizados nas cidades de Colatina, Santa Teresa, Vitória e Venda Nova do Imigrante. A história do Circolo Trentino em Venda Nova tem início em 9 de agosto de 1991, quando se reuniram os descendentes da região trentina Alto Ádige na Câmara Municipal com o patrocínio da Associazione Trentini Nel Mondo de sede em Trento, Itália, com a finalidade de formar o Circolo Trentino de Venda Nova<sup>291</sup>.

O Circolo Trentino de Venda Nova tem como objetivo promover o desenvolvimento de ações culturais no município<sup>292</sup> com o propósito de manter vivas e expansivas as tradições históricas e os costumes da região trentina Alto Ádige (Itália)<sup>293</sup>.

Fundado em 1991, o Circolo Trentino de Venda Nova é uma entidade autônoma que também visa estreitar os laços entre os descendentes trentinos de Venda Nova e região, por meio de iniciativas socioculturais, mantendo vínculos permanentes com a província autônoma de Trento, no norte da Itália.

Depois de várias gestões, o atual grupo conta com o seguinte setor administrativo:

TABELA 6: Quadro administrativo atual do Circolo Trentino de Venda Nova do Imigrante.

<b>PRESIDENTE</b>	<i>BRUNA ZANDONADE FEITOZA</i>
<b>VICE-PRESIDENTE</b>	<i>ANDRESSA BERNABÉ</i>
<b>SECRETÁRIA</b>	<i>GLÁUCIA MARIA FEITOZA ALTOÉ</i>
<b>TESOUREIRA</b>	<i>CRISTINA BRUNELI ZARDO FEITOSA</i>

<sup>291</sup> CIRCOLO TRENTINO DI VENDA NOVA. Câmara Municipal de Vereadores de Venda Nova do Imigrante. *Ata da reunião realizada no dia 9 de agosto de 1991*, p. 1.

<sup>292</sup> CIRCOLO TRENTINO DI VENDA NOVA. Câmara Municipal de Vereadores de Venda Nova do Imigrante. *Ata da reunião realizada no dia 9 de agosto de 1991*, p. 2.

<sup>293</sup> CIRCOLO TRENTINO DI VENDA NOVA. Câmara Municipal de Vereadores de Venda Nova do Imigrante. *Ata da reunião realizada no dia 9 de agosto de 1991*, p. 3.

Elaboração própria a partir da folha de apresentação do 2º Jantar Trentino realizado pelo Circolo Trentino.

Atualmente, o Circolo Trentino promove e fomenta ações culturais e sociais no município, a exemplo do curso de língua italiana, promovido pela Associação Festa da Polenta (AFEPOL), na qual o Circolo Trentino realiza a doação do material didático para os estudantes; organização do grupo de dança “Piccoli Alpini”, da criação da Biblioteca de língua italiana no espaço da Amena-Casa da Cultura; do fornecimento de vídeos e outros materiais multimídia, entre eles o filme “La Montanha Danza”, que serviu de suporte para a criação do “Grupo di Ballo Granello Giallo”; e promoção da vinda da agência consular italiana para Venda Nova, que realizou processos de obtenção de cidadania italiana no município até o ano de 2010<sup>294</sup>.

A interação entre os descendentes de imigrantes trentinos pontua o início da busca pelos laços socioculturais, tendo seu auge, na fundação do Circolo em Venda Nova. De acordo com a ata de sua fundação, o Circolo Trentino de Venda Nova também deve “auxiliar na medida do possível e a critério da diretoria, as instituições de caridade existentes no município”<sup>295</sup>, sendo que a determinação vem sendo cumprida pelo Circolo. Em visita recente a associação, foi mencionado o destino de verbas para o apoio de projetos esportivos em comunidades carentes e financiamento de viagem do grupo de dança venda-novense. Em 2016, o Circolo Trentino de Venda Nova apoiou a confecção dos uniformes dos atletas infanto-juvenis treinados pela professora Aldi Caliman<sup>296</sup> no município e, em julho de 2019, patrocinou o grupo de dança “Granello Giallo” em viagem para Pinhalzinho, no estado de Santa Catarina, para o 1º encontro de grupos folclóricos vênetos.

Destaca-se que o Circolo Trentino de Venda Nova também percebeu, através da culinária, uma maneira de promover a divulgação da cultura trentina em Venda Nova. Nas palavras de Gláucia, atual secretária do grupo, as atividades desenvolvidas com a

---

<sup>294</sup> Informações obtidas diretamente com a atual presidente do Circolo Trentino de Venda Nova, Bruna Zandonade Feitoza.

<sup>295</sup> CIRCOLO TRENTINO DI VENDA NOVA. Câmara Municipal de Vereadores de Venda Nova do Imigrante. *Ata da reunião realizada no dia 9 de agosto de 1991*, p. 3.

<sup>296</sup> A professora Aldi Caliman realiza trabalhos esportivos há décadas com jovens no município de Venda Nova do Imigrante. É uma referência no esporte venda-novense.

gastronomia trentina ajudam a promover e expandir a cultura trentina, principalmente, através do canéderli, prato típico do Tirol com receitas do trentino-Alto Ádige.

Tem muita ligação geográfica com isso, porque o Trento, gente, é a divisa com a Áustria, é um lugar muito alto, de Alpes, então a polenta era o que esquenta, né, a comida que tinha pra esquentar, sustenta. O Canéderli tem essa mesma coisa, o reaproveitamento do pão, pois eles não podiam viajar pra muito longe pra comprar as coisas. Tinha que usar o que tinha pra esquentar. Trentino me evoca alegria, me evoca roupa mais colorida, comida mais temperada, uma coisa mais folclore assim, mais alpe, né? Através da gastronomia, você promove a cultura<sup>297</sup>.

Leandro também corrobora com as palavras de Gláucia, ao comentar como a culinária permite ao grupo estabelecer relações sociais com os indivíduos da comunidade.

A gente descobriu, no Circolo Trentino, pra juntar a galera aqui, não só comer, mas fazer. Então, exemplo, teve uma ação que a gente fez... a gente tinha que vender esse elemento nosso: o quê que diferenciava na nossa cultura com trevisano, com veronese, com friulane? Aí a gente fez a experiência com canéderli na festa do município. Foi um sucesso. Até a TV Gazeta cobriu. E aí o pessoal ficou doido com canéderli<sup>298</sup>.

As falas expostas acima de Leandro e Gláucia corroboram com as colocações de Maria Izilda Matos, pesquisadora do tema imigração e alimentação. A autora destaca que “come-se não só por uma necessidade fisiológica, mas por prazer, sendo que as pessoas se reúnem a mesa para se alimentar e também para se sociabilizar, conversar, comungar ideias e crenças, compartilhar sonhos, memórias e valores”<sup>299</sup>.

O Circolo Trentino de Venda Nova busca realizar suas atividades sempre amparadas pelo seu estatuto e regimento. Como se percebe na ata de fundação, a orientação para buscar parcerias com o poder público e outras associações está bem explícita na letra “e” e “f” do artigo 3º:

cooperar com os poderes públicos e com entidades congêneres na solução de questões de interesse coletivo. Reivindicar dos poderes públicos os benefícios necessários realizando estudos e coordenação dos

<sup>297</sup> Depoimento de Gláucia Maria Feitoza Altoé, em entrevista concedida ao autor em 31 de julho de 2019.

<sup>298</sup> Depoimento de Leandro Fidelis, em entrevista concedida ao autor em 31 de julho de 2019.

<sup>299</sup> MATOS, M. Izilda S. de. Alimentando o coração: Memória e Tradição das mulheres imigrantes portuguesas - São Paulo (1900- 1950). In: SOUSA, Fernando de; MENEZES, Lená Medeiro de; MATOS, M. Izilda S. de (Orgs.). *Portugal e as migrações da Europa do Sul para a América do Sul...* p. 105.

trabalhos e indicando soluções para os problemas visando a defesa dos direitos e interesses da comunidade<sup>300</sup>.

Assim, em consonância com sua ata de fundação, o Circolo Trentino busca a participação na festa do município de Venda Nova no ano de 2013. Dessa forma, o grupo obtém junto ao poder público, no caso a prefeitura municipal, um estande para exibição de suas atividades, com destaque para a produção de canéderli.

Segundo a reportagem local da Rádio FMZ de maio de 2013, a comida típica trentina esteve presente durante a 25ª Festa de Emancipação Política de Venda Nova. O canéderli tem a forma de almôndega “e é feito com miolo de pão amanhecido, bacon, linguiça defumada e temperos e servido no caldo (brodo) como entrada. A tradição manda que sejam comidas sempre com colher, junto da sopa”<sup>301</sup>. O ex-presidente do Circolo Trentino de Venda Nova, o senhor Miguel Zandonade Feitoza, diz que a receita para canéderli era comum em sua família, a Bernabé. Sua *nonna*, Brigida Bernabé, preparava com frequência, mas por décadas nenhuma família preparou o canéderli<sup>302</sup>.

Imagen 13: Prato com canéderli.



<sup>300</sup> CIRCOLO TRENTINO DI VENDA NOVA. Câmara Municipal de Vereadores de Venda Nova do Imigrante. *Ata da reunião realizada no dia 9 de agosto de 1991*, p. 3-4.

<sup>301</sup> <http://radiofmz.com.br/site/conteudo.asp?codigo=8387>. Acesso em: 13 de agosto de 2019.

<sup>302</sup> CANEDERLI protagonisti a Venda Nova grazie ai Giovani del circolo trentino. *Revista Trentini Nel Mondo*. Trento. 5/2013. p. 18.

Fonte: Radio FMZ.

A culinária desenvolvida pelo Circolo Trentino não se deteve à oferta de canéderli na Festa do município em 2013. O grupo realiza também o Jantar Trentino, evento que busca reavivar a cultura dessa região em Venda Nova por meio da culinária.

Em sua segunda edição, ocorrida no mês de agosto de 2019, o jantar trentino ofereceu os seguintes pratos aos participantes: entrada: bruschetta de pão de cevada com queijo robiola, abobrinha e tomate seco; 1º prato: “Polo Lesso” – canja de galinha à moda da *nonna*; 2º prato: risotto de socol, queijo brie e rúcula; prato principal: polenta de milho branco ao molho de funghi e carneiro à moda da dinda; sobremesa: torta de maçã acompanhada de sorvete de frutas vermelhas.

Esse evento, realizado no dia 17 de agosto de 2019, no salão de eventos do Alpes Hotel, contou com a presença de famílias de descendência trentina, escritores italianos, autoridades locais e comunidade. Neste 2º Jantar Trentino, o grupo buscou promover, através da gastronomia, a interligação entre descendentes trentinos, sua identidade cultural e a comunidade venda-novense. Os membros do Circolo Trentino de Venda Nova se organizaram em reuniões para decidirem suas tarefas e, no dia do evento, desempenharam as funções voluntariamente, seja recepcionando convidados, preparando os pratos típicos, auxiliando o servir de pratos, etc. A cada prato típico servido, uma fala se realizava sobre a relação do imigrante trentino e a sociedade vendanovense e a construção da identidade dos seus descendentes no município. A exemplo:

Isso é uma coisa que diferencia a gente de várias cidades. Não que nós somos melhores, a gente precisa caminhar em muitos aspectos, mas eu acho assim, o orgulho, a italianidade que a gente busca não é trazer o italiano da Itália, porque nós somos descendentes de italianos com muito orgulho mesmo. Eu já vi gente da Itália dizer assim que sente inveja do orgulho que nós, brasileiros, descendentes de italianos, temos, de ser descendentes de italianos, mas é a nossa cultura que os nossos *nonnos* transmitiram pra gente de usarmos o que a gente tinha aqui. A gente não tinha uva, mas tinha jabuticaba, então virou vinho de jabuticaba. A gente não tinha presunto crú, então fizemos o socol. A gente não tinha tantas coisas... Eu verifiquei, nas pesquisas e nos testes

que eu fiz, o que senti foi o cheiro da comida da minha avó em muitas obras. Porque eu falo assim “nossa, pegaram uma receita lá do Trento e trazia...” eu sentia o cheiro da canja que a minha avó fazia. Então isso é uma coisa, assim, a gente não faz igual, a gente faz do nosso jeito, e isso é a melhor representação que a gente pode dar pra nossa italianidade brasileira<sup>303</sup>.

O depoimento de Gláucia, acima, exemplifica que, no início da colonização do solo da região de Venda Nova por parte dos imigrantes, por não existir o cultivo da uva na região, a jabuticaba foi a alternativa encontrada para a produção do vinho.

Ao realizar reflexões sobre as relações entre gastronomia e imigração, Dolores Martín Rodríguez Corner consolida a fala de Gláucia Altoé, pois, de acordo com a escritora, os imigrantes são pessoas fronteiriças e híbridas e, ao realizarem a mescla de sua cultura com “as culturas encontradas no país de acolhida com as quais se relaciona e interagem, terminam por adotar em suas práticas, costumes também híbridos mesclados em relação aos seus”<sup>304</sup>. Segundo essa autora, “existindo este fator da inconclusividade dos costumes alimentares, negociados no caso de imigração, eles manterão características híbridas, por estarem em constante transformação”<sup>305</sup>. De acordo com Dolores,

quando uma pessoa emigra ou mesmo migra, ela passa a não encontrar os ingredientes tão familiares para preparar seu alimento. Há um processo de estranhamento e algumas mudanças são seguidas, seja pela falta de um ingrediente ou pela mudança de quem passa a elaborar a comida<sup>306</sup>.

Ao analisar semelhante exemplo, Rosane Bartholazzi<sup>307</sup> traz a experiência vivida por imigrantes italianos residentes no município de Varre-Sai, no noroeste fluminense, na primeira metade do século XX. Buscando adaptação por algo similar, eles também se apropriaram do cultivo da jabuticaba devido à ausência da uva.

---

<sup>303</sup> Depoimento de Gláucia Maria Feitoza Altoé, durante o Jantar Trentino, no dia 17 de agosto de 2019.

<sup>304</sup> CORNER, Dolores Martín Rodríguez. A cozinha do imigrante espanhol galego e andaluz em São Paulo: habitus – memória – identidade. In: ROMERO, Juan Manuel Valiente et al. (Org.). *Migraciones Iberoamericanas...* p. 133.

<sup>305</sup> CORNER, Dolores Martín Rodríguez. A cozinha do imigrante espanhol galego e andaluz em São Paulo: habitus – memória – identidade. In: ROMERO, Juan Manuel Valiente et al. (Org.). *Migraciones Iberoamericanas...* p. 133.

<sup>306</sup> CORNER, Dolores Martín Rodríguez. A cozinha do imigrante espanhol galego e andaluz em São Paulo: habitus – memória – identidade. In: ROMERO, Juan Manuel Valiente et al. (Org.). *Migraciones Iberoamericanas...* p. 133.

<sup>307</sup> BARTHOLAZZI, Rosane A. *Os italianos no noroeste fluminense...* p. 155.

Por não existir o cultivo da uva na região a jabuticaba foi a alternativa encontrada, pelo imigrante italiano, para a produção do vinho. Desta forma, transportava, para o Brasil, os hábitos e costumes reinventando o cotidiano vivido na terra de origem, graças a “arte de fazer pela qual o homem (re) apropria do espaço e do uso a seu jeito”<sup>308</sup>, ao mesmo tempo que reafirmava sua identidade<sup>309</sup>.

O prato principal do Jantar Trentino, polenta de milho branco ao molho de funghi e carneiro à moda da dinda, é um exemplo da recriação da identidade trentina que o evento propicia aos participantes. A polenta, alimento tradicionalmente consumido pelos habitantes da península itálica desde os tempos do império sendo preparada com molho e temperos desenvolvidos pelos descendentes trentinos residentes em Venda Nova, ilustra a recriação da identidade da região italiana no município. O prato representa parte do esforço dos descendentes em Venda Nova em preservar elementos da região do Trento, como a polenta, ao mesmo tempo em que possui elementos adicionados resultantes da dialética social vivida pelos imigrantes e seus descendentes trentinos na região de Venda Nova, como, por exemplo, o carneiro feito “à moda da dinda”.

Imagen 14: Prato principal do 2º Jantar Trentino: polenta de milho branco ao molho de funghi e carneiro à moda da dinda.



Fonte: Arquivo de Leandro Fidelis.

<sup>308</sup> CERTEAU, Michel de. *A Invenção do Cotidiano*. A arte de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

<sup>309</sup> BARTHOLAZZI, Rosane A. *Os italianos no noroeste fluminense...* p. 155.

Ao servir pratos que agregam elementos das configurações migratórias, o Jantar Trentino consolida a exposição da autora Dolores Martín Rodríguez Corner, que salienta:

A alimentação se torna assim uma exposição de todo um passado, das origens, porque ela comunica, identifica, é memória, podendo-se parodiar o dito popular: “diga-me o que comes que eu te direi quem és”. É uma manifestação cultural mais perceptível, pois a história da alimentação é a própria história do homem, além de fator de diferenciação cultural<sup>310</sup>.

Devido à caracterização e decoração do evento, com quadros de famílias trentinas pendurados nas paredes, trajes típicos utilizados pelos organizadores e a própria gastronomia do evento em geral, o 2º Jantar Trentino acaba por proporcionar aos participantes momentos de reflexões históricas sobre a imigração trentina. Sobre o jantar, o senhor Cilmar Cesconetto Franceschetto, reflete:

É se sentir relembrar um pouco nossos antepassados. É se sentir um pouco na Itália, né? É sentir um pouco dessa italianidade. Um modo de relembrar nossa história, de manter viva nossa história. Então, assim, são oportunidades únicas que a gente tem de estar presente, de estar participando disso aí ... a gastronomia italiana é muito diversificada, ela é uma das mais ricas do mundo, né? Então, realmente, quando tem uma festa italiana, a gente sabe que tem comida boa, tem música, tem alegria, tem essa característica<sup>311</sup>.

Acrescenta-se que, na ocasião de abertura do jantar, todos foram convidados a ficarem de pé para ser executado o “Inno Al Trentino”.

Tabela 7 - Hino ao Trentino

Inno Al Trentino	Hino ao Trentino
Si slancian nel cielo le guglie dentate, Discendono dolci le verdi vallate, Profumano paschi, biancheggiando olivi	Se lançam ao céu os obeliscos dentados descendem amenos os verdes vales, perfumam pastos, branquejam olivos,

<sup>310</sup> CORNER, Dolores Martin Rodriguez. Da Fome à Gastronomia: *Os Imigrantes Galegos e Andaluzes em São Paulo (1946-1960)*. 287 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011. p. 15.

<sup>311</sup> Depoimento de Cilmar Cesconetto Franceschetto, em entrevista concedida ao autor em 17 de agosto de 2019.

Esultan le messi, le viti sui clivi.  O puro bianco di cime nevose, Soave olezzo di vividi fior, Rossegianti su coste selvose! Dolce festa di vaghi color!	exultam os brotos, as videiras nos declives.  Oh puro branco de picos nevados, Suave aroma de vívidas flores, Agitadas sobre montes selvosos, doce festa de vagas cores!
Un popol tenace produce la terra, Che indomiti sensi nel cuore riserra. Italiaco cuore, italiaca mente; Italiaca lingua qui parla la gente.	Um povo tenaz produz a terra, Que bravas sensações no coração encerra, Itálico coração, itálica mente, Itálica língua aqui fala a gente.
O puro bianco...  Custode fedele di sante memorie, Che porti nel cuore sconfitte e vittorie. Impavido veglia al valico alpino, O gemma dell'Alpi, amato Trentino.	Oh puro branco...  Custódio fiel de santas memórias, Que levas no coração derrotas e vitórias Impávido vigia sobre o passo alpino, Oh gema dos Alpes, oh amado Trentino.
O puro bianco...	Oh puro branco...

Autores: Ernesta Bittanti Battisti e Guglielmo Bissoli.

Com essas atividades realizadas, pode-se dizer que o Circolo Trentino de Venda Nova também atua como um espaço da memória trentina em Venda Nova. Para essa reflexão, são importantes e necessários os debates sobre os conceitos de espaço e memória.

Maurice Halbwachs, que escreveu sobre a memória coletiva, afirma que “o espaço é uma realidade que dura”<sup>312</sup>, e diz que o nosso espaço é “aquele que ocupamos, por onde passamos, ao qual temos acesso e que fixa nossas construções e pensamentos do passado para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças”<sup>313</sup>. Dialogando com Halbwachs, Jörn Seemann relaciona os conceitos de espaço e de memória,

o espaço, portanto, deve ser compreendido não como categoria-estanque (“tudo é espaço”), mas através de categorias geográficas menos vagas e mais “sensíveis” como lugar, paisagem e território, que estão estreitamente ligadas à memória e também à identidade<sup>314</sup>.

<sup>312</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice/ Revista dos Tribunais, 1990. p.143

<sup>313</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva...* p. 143.

<sup>314</sup> SEEMANN, Jörn. O espaço da memória e a memória do espaço: Algumas reflexões sobre a visão espacial nas pesquisas sociais e históricas. *Revista da casa de geografia de Sobral*, Sobral, v. 4/5, p. 45-53, 202/2003. Disponível em: <http://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/77>. Acesso em: 19 de novembro de 2019. p. 45.

Ressalta-se que, através das visitas à associação e dos relatos aqui apresentados, podemos perceber que os integrantes do grupo possuem grande apetite histórico e memorial. Assim, ao reavivar as memórias do fluxo da imigração trentina e, por intermédio de suas reflexões, debates e ações, os indivíduos contribuem para que a associação seja, cada vez mais, um espaço de reflexão memorial da imigração e do período de assentamento dos imigrantes trentinos e seus descendentes em Venda Nova e região.

Quando o grupo realiza essas ações, a memória se materializa em história, para que, assim, resista às ações desgastantes do tempo. Para Pierre Nora,

os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, organizar celebrações, manter aniversários, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque estas operações não são naturais<sup>315</sup>.

Sobre os lugares de memória, Nora reforça que “o que os constitui é um jogo da memória e da história, uma interação dos dois fatores que leva a sua sobredeterminação recíproca”<sup>316</sup>.

A relação com outras associações que preservam a cultura dos imigrantes italianos também se faz presente no Circolo Trentino de Venda Nova. Os descendentes do trentino se organizam todo ano para mostrar sua cultura também durante a realização da Festa da Polenta, o maior evento de cultura e imigração italiana no Espírito Santo. No sábado de manhã da festa é promovido um desfile no centro da cidade, em percurso de 1,6 quilômetros, no qual participam famílias de descendentes de imigrantes e as associações de Venda Nova.

E o desfile, a gente conseguiu vender essa ideia, o quê que era o trentino, as cores, o emblema, quem são as famílias trentinas, o jantar, os jogos que a gente fez. A gente tentou fazer uns jogos: serra-pau, que é uma coisa bem alpina, arremesso de pizza. É o que chama a atenção a serração de tora. Todo evento trentino tem. Então tem essa coisa assim, a gente teve meio que dramatizar o quê que era a cultura trentina. Ainda tem muita coisa pra fazer assim. A gente tem muita ideia. Aqui tem boa vontade mesmo, que tem um pouquinho de amor por essas coisas, não

---

<sup>315</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história, a problemática dos lugares. *Proj. História...* p. 13.

<sup>316</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história, a problemática dos lugares. *Proj. História...* p. 22.

tem sócio, não tem cadastro, não existe esse tipo de arrecadação igual muitas outras associações arrecadam mensalmente<sup>317</sup>.

Imagens 15 e 16: representantes do Circolo Trentino durante o Desfile das Famílias da Festa da Polenta de 2019.



Fotografia feita pelo autor em 12 de outubro de 2019.



<sup>317</sup> Depoimento de Leandro Fidelis, em entrevista concedida ao autor em 31 de julho de 2019.

Fotografia feita pelo autor em 12 de outubro de 2019.

Neste caso, o associativismo propicia aos descendentes de imigrantes trentinos a reafirmação de sua identidade, ao mesmo tempo em que colabora para as reflexões memoriais da imigração trentina. No Circolo Trentino de Venda Nova, para além dos eventos, promovem-se discussões, encontros, trocas de informações, notícias sobre a região do Trento, bem como a reconstrução de atividades e manifestações culturais que levam o sujeito histórico a recriar sua identidade trentina enquanto estabelece relações sociais com a comunidade de Venda Nova do Imigrante e região.

### 3.5 - TREVISANI NEL MONDO

Nas culturas tradicionais, o passado é honrado e os símbolos valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um modo de integrar a monitoração da ação com a organização tempo-espacial da comunidade. Ela é uma maneira de lidar com o tempo e o espaço, que insere qualquer atividade ou experiência particular dentro da continuidade do passado, presente e futuro, sendo estes por sua vez estruturados por práticas sociais recorrentes<sup>318</sup>.

De acordo com seu site oficial, os Trevisani Nel Mondo estão distribuídos pelo globo nos continentes da África, Ásia, Europa e América em quase 150 seções<sup>319</sup>. Entre as pretensões da Trevisani, destaca-se, de acordo com o estatuto disposto no site oficial, reconhecer a “grande contribuição de nossos emigrantes para o desenvolvimento econômico e cultural em diferentes comunidades no exterior”<sup>320</sup> e propor, entre outras questões, a manutenção da conexão entre os trevisanos e suas famílias que se encontram ao redor do mundo. No Brasil, somam-se 18 seções, distribuídas entre as regiões sul e sudeste, sendo que uma delas está no município de Venda Nova do Imigrante. A associação Trevisani Nel Mondo de Venda Nova possui, atualmente, 8 funcionários e

---

<sup>318</sup> GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. São Paulo: UNESP, 1991, p. 38.

<sup>319</sup> <https://trevisaninelmondo.it/dove-siamo/>. Acesso em: 07 de setembro de 2019.

<sup>320</sup> <https://trevisaninelmondo.it/dove-siamo/>. Acesso em: 07 de setembro de 2019.

cerca de 130 sócios que contribuem com 30 reais anuais para a organização e realização das atividades da associação<sup>321</sup>.

O senhor Elói Falqueto, um dos membros fundadores da associação Trevisani Nel Mondo de Venda Nova no ano de 1984, relembra o início da associação no município destacando a viagem que se fez para a região do Vêneto, na Itália. Ele exalta as intenções de se estabelecer intercâmbio, resultante de um programa de divulgação da cultura vêneta fomentado pelos próprios habitantes daquela região italiana, para que se iniciasse a associação Trevisani Nel Mondo em vários locais do Brasil, inclusive, em Venda Nova. E opina sobre o objetivo da viagem:

Era o intercâmbio. Intercâmbio que eles lá da Itália, eu acho que, um pouco, reconhecimento, assim, um pouco até de gratidão com os imigrantes, né? Que foram pra lá levar e também, eu acho que um pouco de incentivar o turismo lá também. Porque, até então, eu acho que, aqui de Venda Nova, poucos ou talvez ninguém ainda teria viajado pra Itália... Aquilo foi, vamos dizer, o pontapé inicial<sup>322</sup>.

O relato do senhor Benjamim, também membro fundador da associação Trevisani Nel Mondo em Venda Nova, a seguir, mostra as dificuldades iniciais pelas quais passou a associação que, apesar de iniciada legalmente, ficou estagnada durante alguns anos, sem conseguir desenvolver atividades que fomentassem a preservação da cultura trevisana em Venda Nova.

Mas a associação não tinha como se desenvolver porque a gente já estava atarefado... o programa era o mesmo: manter a cultura, manter as tradições, e a gente já fazia isso tudo com o coral... com as famílias assim, então ficou estagnada muitos anos aí. Não tinha recurso e não tinha campo para se expandir porque era quase tudo ocupado. Era música, era teatro, já estava em outras associações, né? Havia pouca gente. Todo mundo tinha algum compromisso com alguma associação, entidade, coisa assim<sup>323</sup>.

O senhor Elói também ressalta a dificuldade e o período inicial sem atividades da associação: “é. Ficou (parado). Porque todo mundo achou assim. Primeiro porque, só

---

<sup>321</sup> Informações obtidas com o depoimento de Higino Falchetto, em entrevista concedida ao autor em 04 de agosto de 2019.

<sup>322</sup> Depoimento de José Elói Falqueto, em entrevista concedida ao autor em 08 de agosto de 2019.

<sup>323</sup> Depoimento de Benjamim Falchetto, em entrevista concedida ao autor em 30 de julho de 2019.

mesmo esse grupo é que demonstrou algum interesse de participar da associação. Até então, ninguém nem conhecia, então não tinha interesse por isso”<sup>324</sup>.

O senhor Elói relembra a proporção que a língua italiana tinha na região de Venda Nova durante a primeira metade do século XX.

Por exemplo, quando eu era criança, só se falava italiano. Minha mãe, inclusive, ela tinha até dificuldade de falar em português. E a gente só falava italiano. Mas depois, eu saí pra estudar fora e tal, aí então, fui deixando. A gente, em casa, falava (italiano) e, na igreja, que era o único lugar que a gente se reunia, porque, na época, Venda Nova não era nada, todo mundo falava italiano. Todo mundo falava italiano. Porque Venda Nova, na minha época, só tinha descendente de italiano, não tinha ninguém que não fosse descendente de italiano, né? Era uma comunidade pequena, mas todo mundo descendente de italiano<sup>325</sup>.

O senhor Elói reflete também sobre ações que são desenvolvidas pela associação, como apoio de membros do grupo para aulas de italiano no município de Venda Nova, “mesmo, por intermédio da associação e da Festa da Polenta, tem aulas de italiano pro pessoal mais jovem pra poder manter um pouco dessa cultura, dessa tradição, pra não perder, né? Porque se não, vai, com o tempo, passando”<sup>326</sup>.

Desse modo, a Associação Trevisani Nel Mondo assume papel de mantenedora dos costumes dos imigrantes italianos do Vêneto e Treviso em Venda Nova do Imigrante, ao promover e fomentar o ensino da língua italiana no município em parceria com a AFEPOL (Associação Festa da Polenta).

Depois de passadas as dificuldades iniciais e o período de inatividade da associação, a Trevisani Nel Mondo de Venda Nova se reestruturou e foi reorganizada anos depois. Nas palavras de Elói, “aí foi aumentando o interesse e o intercâmbio também. A partir daí é que começou a ter o intercâmbio, mais gente se interessando”<sup>327</sup>.

De acordo com a nova ata de fundação, a ASSOCIAZIONE TREVISANI NEL MONDO DI VENDA NOVA DO IMIGRANTE, é refundada em 05 de janeiro de 2009, tendo, segundo o artigo 2º de sua Ata de fundação, como seu principal objetivo

---

<sup>324</sup> Depoimento de José Elói Falqueto, em entrevista concedida ao autor em 08 de agosto de 2019.

<sup>325</sup> Depoimento de José Elói Falqueto, em entrevista concedida ao autor em 08 de agosto de 2019.

<sup>326</sup> Depoimento de José Elói Falqueto, em entrevista concedida ao autor em 08 de agosto de 2019.

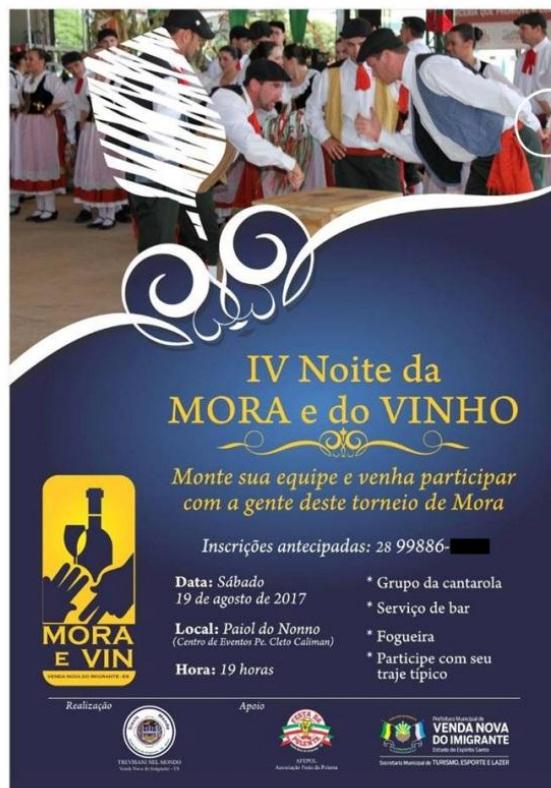
<sup>327</sup> Depoimento de José Elói Falqueto, em entrevista concedida ao autor em 08 de agosto de 2019.

“preservar e difundir os costumes e as tradições históricas e culturais do Vêneto, em especial a cultura trevisana, no âmbito municipal, estadual e nacional”<sup>328</sup>.

A senhora Denise, atual presidente da associação, reflete sobre seu objetivo, deixando bem claro que a realização das atividades acontece em articulação com outras associações.

Mas o objetivo mesmo é uma coisa que a gente já fazia até informalmente, a comunidade já fazia, mas é manter algumas coisas que, depois, com a criação da associação, foi melhor estruturada. Por exemplo: o desfile das famílias na festa da polenta, a própria tentativa da gente manter o jogo da moretina<sup>329</sup>, e a gente participa também das outras atividades que a própria AFEPOL desenvolve aqui. É o objetivo principal saber de onde nós viemos, quem somos e pra onde vamos a partir da nossa história, da nossa origem<sup>330</sup>.

Imagen 17: Cartaz de divulgação de Evento realizado pelo Trevisani Nel Mondo de Venda Nova do Imigrante.



<sup>328</sup> ASSOCIAZIONE TREVISANI NEL MONDO DI VENDA NOVA DO IMIGRANTE. AMENA-Casa da Cultura. *Ata da reunião realizada no dia 3 de julho de 2013*, p. 1.

<sup>329</sup> A moretina ou “jogo da mora” é um jogo de origem vêneta também preservado em comunidades de descendência italiana no Brasil, como em Venda Nova. Geralmente disputado entre dois adversários, consiste em adivinhar os números colocados pelos dedos dos participantes, batendo os dedos sobre a mesa. Exige raciocínio rápido, concentração e boa memória.

<sup>330</sup> Depoimento de Denise Zandonadi, em entrevista concedida ao autor em 04 de agosto de 2019.

Fonte: Arquivo de Marcos Tonole.

De acordo com o inciso “b” do artigo 2º da ata de fundação do ano de 2009, a associação deve “promover a difusão da cultura brasileira e da cultura e língua italiana, através de atividades sociais, cívicas, culturais e artísticas”<sup>331</sup>; e, de acordo com o inciso “c”, também deve “captar, gerar e apoiar eventos objetivando resgatar a cultura e as tradições trazidas pelos imigrantes italianos, em especial os de origem vêneta e trevisana”<sup>332</sup>. Para atingir esses objetivos, um dos eventos que a associação realiza em parceria com a comunidade e a igreja católica de Venda Nova é a missa em língua italiana.

Nós fazemos uma missa só na língua italiana todo ano, que os padres querem incentivar até a fazer mais de uma vez por ano. E era sempre à noite, no meio da semana, agora, esse ano, quiseram que a gente fizesse num domingo, na missa das nove. Porque essas são coisas que a gente tem que fazer, nós precisamos fazer, nós queremos fazer pra manter a cultura italiana, não como uma coisa de segregação, mas como uma coisa que faz parte da nossa história, e que a comunidade tem essa origem. Então, ela precisa saber de onde ela veio, as pessoas precisam saber de onde vieram e porque nós falamos cantado, falamos “porta”, “portêra”. E se fala italiano ainda aqui, se fala vêneto, quer dizer, não é o italiano “stander”, mas o dialeto que nós falávamos, que era dialeto, na verdade é uma língua, né, é a língua vêneta, que tem diferenças do italiano<sup>333</sup>.

A exposição acima da senhora Denise reflete as articulações que a associação promove com a sociedade e outros grupos, como AFEPOL e a igreja católica, buscando fornecer a toda a comunidade venda-novense a oportunidade de inserir-se cada vez mais nas configurações da cultura dos imigrantes e seus descendentes do Vêneto e Treviso. Sobre a missa em italiano, o senhor Higino Falchetto, presidente da Associazione Trevisani Nel Mondo em Venda Nova no ano de 2014, diz que “o objetivo é resgatar os valores familiares. Recebemos muitos elogios no ano passado. Quem não sabia italiano, adquiriu gosto, tentando ler e bastante atentos no modo de pronunciar as palavras”<sup>334</sup>.

<sup>331</sup> ASSOCIAZIONE TREVISANI NEL MONDO DI VENDA NOVA DO IMIGRANTE. AMENA-Casa da Cultura. *Ata da reunião realizada no dia 3 de julho de 2013*, p. 1.

<sup>332</sup> ASSOCIAZIONE TREVISANI NEL MONDO DI VENDA NOVA DO IMIGRANTE. AMENA-Casa da Cultura. *Ata da reunião realizada no dia 3 de julho de 2013*, p. 1.

<sup>333</sup> Depoimento de Denise Zandonadi, em entrevista concedida ao autor em 04 de agosto de 2019.

<sup>334</sup> FIDELIS, Leandro. Trevisanos comemoram 30 anos de associação com missa em italiano. **Radio FMZ**. 08 de maio de 2014. Disponível em: <http://radiofmz.com.br/site/conteudo.asp?codigo=9637>. Acesso em: 04 de setembro de 2019.

Dessa forma, a associação também desempenha o papel de difusora dos costumes e da cultura trevisana em Venda Nova.

Imagen 18: Missa em língua italiana promovida pela associação Trevisani Nel Mondo de Venda Nova do Imigrante.



Fonte: Radio Fmz.

No item “f” da ata de fundação da associação se encontra expresso “zelar pelo bom nome do Município de Venda Nova do Imigrante, bem com as tradições voluntárias aqui existentes”<sup>335</sup>, pois o voluntariado é sempre mencionado nas entrevistas como um potencializador para as ações desenvolvidas pela comunidade venda-novense, como aparece na entrevista de Denise:

A questão do voluntariado é essencial pra existência dessa comunidade. Essa comunidade não teria chegado ao que é, essa cidade, esse município, se não fosse pelo voluntariado. Isso é líquido e certo. Desde as primeiras famílias que chegaram aqui, que faziam tudo em comum; uma família matava um boi, e como era grande o boi pra essa família e não tinha geladeira e nem luz elétrica, ela dividia com os outros vizinhos. Quando o outro vizinho matava o boi, dividia com esse daqui. E assim era feito tudo em comum. Eles fizeram a igreja, depois fizeram a estrada de Castelo a Venda Nova, com enxadões mesmo. Foi assim mesmo. Então, sem esse voluntariado, esse trabalho voluntário pra comunidade, não teria como essa cidade ser o que é hoje. Não existiria dessa forma que é hoje. Isso foram eles (os imigrantes) que trouxeram. Essa forma de fazer aqui em comum do trabalho e desse trabalho comum. Então precisa de construir a igreja? Todo mundo vai no sábado

<sup>335</sup> ASSOCIAZIONE TREVISANI NEL MONDO DI VENDA NOVA DO IMIGRANTE. AMENA-Casa da Cultura. *Ata da reunião realizada no dia 3 de julho de 2013*, p. 1.

e constrói um pouquinho, porque sábado é um dia que eles podiam. Sábado ou domingo, enfim. Era feito assim mesmo.<sup>336</sup>.

A associação Trevisani de Venda Nova também atuou na participação e organização no desfile do Queijo Gigante na Festa da Polenta de Venda Nova do Imigrante, no dia 06 de outubro de 2013. De acordo com o artigo 4º da ata de fundação, a associação deve buscar a interação com outras entidades. Conforme se lê:

Artigo 4º – A ATMVNI - alcançará suas finalidades relacionadas no artigo anterior, desenvolvendo uma forma direta de atuação e/ou através dos seguintes procedimentos: a) Estímulo, apoio, manutenção, participação ou intercambio técnico cultural com instituições identificadas com as suas finalidades; b) Permanente integração e intercâmbio com entidades públicas ou privadas e com movimentos comunitários; c) Celebração de convênios com órgãos públicos e com entidades privadas, podendo, ainda, contratar a prestação de serviços técnicos com pessoas físicas e jurídicas.

Essa interação em eventos com outros grupos pode ser percebida através das ações como a missa em italiano já citada, mas também o desfile das famílias no sábado de manhã na Festa da Polenta, promovido pela Trevisani em parceria com a AFEPOL. O senhor Higino assim comenta sobre o início do desfile.

O Circolo Trentino já fazia um trabalho na Festa da Polenta que eram as brincadeiras de lançar pizza, de serrar toco... aí o pessoal da AFEPOL convidou também a Trevisani, mas pra fazer alguma coisa diferente, aí criou o desfile. Aí a Ivana disse assim “vamos fazer o desfile das famílias”. Aí, na época, deu oito famílias, pequeninim. Agora, tem quase trinta. Aí o desfile no sábado de manhã é um evento à parte que chama a atenção de todo mundo<sup>337</sup>.

---

<sup>336</sup> Depoimento de Denise Zandonadi, em entrevista concedida ao autor em 04 de agosto de 2019.

<sup>337</sup> Depoimento de Higino Falchetto, em entrevista concedida ao autor em 04 de agosto de 2019.

Imagen 19: Desfiles das famílias no sábado de manhã, como parte integrante da programação da Festa da Polenta de 2019. Desfile promovido pela Trevisani Nel Mondo em parceria com a AFEPOL. Na imagem, representantes da família Zandonadi.



Fotografia feita pelo autor em 12 de outubro de 2019.

A memória da imigração italiana em Venda Nova se reflete no desfile das famílias. Nesse evento, as famílias carregam objetos que relembram seus antepassados, como fotografias, quadros e distintivos familiares pelas ruas principais da cidade de Venda Nova do Imigrante. Muitas famílias também levam instrumentos de trabalho na roça que foram usados por seus ancestrais, como enxadas, moedores de milho e café. Durante o desfile, a senhora Bernadete Zorral que, juntamente com representantes de sua família, encenava cenas do trabalho na lavoura do café que os seus ascendentes realizavam durante o processo de assentamento no território venda-novense, assim comenta sobre o momento:

A nossa família, Zorral; hoje nós resolvemos homenagear os primeiros imigrantes que estiveram, que vieram para Venda Nova. Chegaram aqui, viram que a terra era fértil, então pensaram numa coisa melhor pro seu sustento e aí começaram com o plantio de café. Então a família Zorral com mais umas outras famílias são as pioneiras do nosso município... O que fez os nossos imigrantes, a nossa homenagem a eles que se estende até agora. Nós vamos levar isso pra muito mais longe<sup>338</sup>.

A Trevisani Nel Mondo de Venda Nova também deve atuar para a “promoção da ética, da paz, da cidadania, dos direitos humanos, da democracia e de outros valores universais<sup>339</sup> e, ciente do papel de construção da identidade dos descendentes vênetos que a associação representa para Venda Nova, Denise, atual presidente da associação, comenta:

É isso que a associação se propõe e isso que nós queremos dar continuidade porque, às vezes, você tem até de quem vem de fora, um certo preconceito dessas pessoas “porque aqui é uma comunidade de italiano”, “aqui é só italiano”, mas é a nossa história. A nossa cultura é assim, a nossa história é essa, e vai incorporando um pouquim do que vem de fora, mas, basicamente, quem fundou esse lugar, quem criou isso aqui, foram os italianos. Os portugueses deixaram tudo abandonado, os italianos vieram, compraram por uma bagatela e fizeram essa cidade. E essa é a nossa história<sup>340</sup>.

A imigração italiana e sua descendência, em consonância com as atividades praticadas pela associação Trevisani Nel Mondo de Venda Nova, também movimenta a economia do município na área de atração para o turismo. Ao falar das ações da Trevisani, Denise expõe:

Você gera riqueza pro município, porque você traz pessoas pra cá que vão gastar, que vão comprar, que vão se hospedar. Como na serenata italiana<sup>341</sup>, que a gente também ajuda de alguma maneira. Então, imagina quanto (de renda) que a gente gera aqui. Quantas pessoas vieram pra cá, pra Festa da Polenta, pros outros eventos, até isso aqui,

---

<sup>338</sup> NOVATEC FIBRA. **41ª Festa da Polenta - 12 de outubro.** Venda Nova do Imigrante. 12 out. 2019. Facebook: NovatecFibra. Disponível em: <https://www.facebook.com/novatecinternet/videos/772887593148946/>. Acesso em: 28 de outubro de 2019.

<sup>339</sup> ASSOCIAZIONE TREVISANI NEL MONDO DI VENDA NOVA DO IMIGRANTE. AMENA-Casa da Cultura. *Ata da reunião realizada no dia 3 de julho de 2013*, p. 1.

<sup>340</sup> Depoimento de Denise Zandonadi, em entrevista concedida ao autor em 04 de agosto de 2019.

<sup>341</sup> Evento que acontece no município desde o ano de 2004, sempre no mês de julho. As famílias e comunidade caminham pelas ruas da cidade cantando músicas que retratam o cotidiano dos imigrantes italianos.

óh (se referindo à missa das 10<sup>342</sup>), até com a nossa presença a gente ajuda de alguma maneira. Isso atrai gente pra cá todo domingo. Gente que gosta disso e não tem mais em outro lugar.<sup>343</sup>.

O ex-presidente da associação, o senhor Higino Falqueto, e hoje, membro do grupo, reflete sobre a importância de preservar a cultura dos descendentes vênetos no município e sua consequente valorização e reconhecimento por parte de grupos de fora do país. Ele se refere à relação que existe entre associações de Trevisani na Itália e em Venda Nova, ao expor que “a nossa cultura aqui, o nosso jeito aqui, até o dialeto aqui, eles já estão perdendo. Essas canções, esses folclóres, eles estão vindo aqui, no Brasil e em algumas partes do mundo pra recuperar pra voltar pra Itália, entendeu?”<sup>344</sup>.

A atual presidente, a senhora Denise, deixa bem claro que os eventos promovidos pelo grupo são abertos à toda comunidade

Às vezes, não sendo sócio, as pessoas participam das atividades. Então elas vão pra missa, elas vão pro desfile, elas participam aqui mesmo não sendo sócio, mas porque tem a mesma origem, então quer fazer parte dessa história. É aberto a toda comunidade<sup>345</sup>.

Percebe-se, nos integrantes da associação, um sentimento muito forte pela valorização da história e da memória, que fica exemplificado na fala do senhor Elói:

Eu costumo comparar o seguinte: a história, a memória do povo, é como a árvore, se ela não tiver raiz, ela não sobrevive. E pra isso daí (preservação da memória) eu tenho um interesse danado de procurar saber a origem dos meus antepassados, de onde eles vieram. Tem muitas pessoas que perguntam “Como é o nome do seu avô?” – “Ah, num sei.” – “De onde vieram?” “Num sei.”. Tem muita gente que não tem interesse nenhum<sup>346</sup>.

---

<sup>342</sup> Ressalta-se que essa entrevista aconteceu durante a “Missa das 10”, um encontro que ocorre às 10 horas da manhã de todos os domingos, na Casa da Cultura de Venda Nova, onde as pessoas se reúnem para beber vinho, entoar cantarolas italianas e debater assuntos da comunidade após a missa da Igreja Matriz. Nas palavras de Tarcísio Caliman, em entrevista concedida ao autor no dia 20 de julho de 2019, “a missa das 10 é um grande fórum de debate de Venda Nova. As pessoas mais preocupadas com Venda Nova, preocupadas verdadeiramente, tão lá”.

<sup>343</sup> Depoimento de Denise Zandonadi, em entrevista concedida ao autor em 04 de agosto de 2019.

<sup>344</sup> Depoimento de Higino Falchetto, em entrevista concedida ao autor em 04 de agosto de 2019.

<sup>345</sup> Depoimento de Denise Zandonadi, em entrevista concedida ao autor em 04 de agosto de 2019.

<sup>346</sup> Depoimento de José Elói Falqueto, em entrevista concedida ao autor em 08 de julho de 2019.

A identidade é a referência, é aquilo que se afirma ser. Nas palavras de Tadeu Tomaz Silva, “a identidade é simplesmente aquilo que se é: “sou brasileiro”, “sou negro”, “sou heterosexual”, “sou jovem”, “sou homem”<sup>347</sup>. Assim, a identidade recebe um valor positivo de afirmação perante à diferença do outro, em avaliação ao que não se é. Segundo esse autor, tanto a identidade quanto a diferença não são características do mundo natural, elas são criações humanas do seu mundo cultural e social e “é apenas por meio de atos de fala que instituímos a identidade e a diferença como tais”<sup>348</sup>. A identidade tem, no outro, na diferença, a sombra de sua existência; sem esses contrários ela não faria sentido. A identidade não é uma substância, dado ou fato natural que já vem pronto e embutido nos indivíduos. A identidade não é homogênea, acabada e transcendental. Nas palavras de Tadeu Tomaz “podemos dizer que a identidade é uma construção, um efeito, um processo de produção, uma relação, um ato performativo”<sup>349</sup>.

De acordo com as reflexões de Tadeu Tomaz e, em consenso com o que foi pesquisado até aqui, por manter e prover aos indivíduos da associação e aos sujeitos que interagem com o grupo os valores e costumes originais do Vêneto e Treviso, a Associazione Trevisani Nel Mondo di Venda Nova do Imigrante, aqui explorada, contribui para a preservação e reafirmação da identidade trevisana em Venda Nova. Assim, a associação também se torna um meio para estreitar as relações sociais entre os descendentes de imigrantes trevisanos na região.

### **3.6 - ESCOLA DRAMÁTICA E MUSICAL SANTA CECÍLIA.**

Os reflexos da imigração em Venda Nova não se fizeram presentes somente através do trabalho voluntário, mas também, da música. Foi em 1944 que descendentes de imigrantes italianos se uniram para formar o coral Santa Cecília. Nas palavras da Revista Folha Nova, é “sob o desafio de continuar a ser o porta voz musical de uma

---

<sup>347</sup> SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (organizador). *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 74.

<sup>348</sup> SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (organizador). *Identidade e diferença...* p. 77.

<sup>349</sup> SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (organizador). *Identidade e diferença...* p. 96.

história centenária (a do imigrante italiano)<sup>350</sup>, que o coral tem 75 anos de existência, completados em 2019.

O senhor Clementino Caliman, ao fazer a introdução do livro “*Coral Santa Cecília. A história cantada dos imigrantes*”, da autora Joanna Ferrari, assim descreve a relação dos descendentes de imigrantes italianos em Venda Nova com a música.

Era cantando que eles trabalhavam na lavoura, abriam estradas, celebravam as colheitas, os casamentos e sua fé católica. Foi cantando que os italianos passaram a seus descendentes os costumes do outro lado do oceano e preservaram suas tradições. E, por meio da música, Venda Nova do Imigrante, município fundado por famílias italianas, manteve vivos até hoje alguns costumes que já não existem mais nem mesmo na Itália<sup>351</sup>.

Segundo o senhor Idalberto Luiz Moro, presidente do Instituto Sindicades no ano de 2014, o coral Santa Cecília “é o retrato vivo da alegria que molda a personalidade capixaba e da luta para a construção tão recente do Espírito Santo, um recorte da história que nos faz entender como chegamos até aqui”<sup>352</sup>. Benjamim Falchetto, que está no coral desde sua fundação, relaciona a imigração italiana em Venda Nova com as raízes do coral Santa Cecília.

Mas mesmo antes disso (1944), os nossos velhos avós, eles trouxeram a música da Itália mesmo. Eles cantavam tanto músicas folclóricas, como músicas sacras da Igreja. A gente cantava os salmos às vésperas, assim, dia de domingo. Então, acho que Venda Nova pode ser chamada de “a terra da música”. (A música) sempre teve presente. Até no trabalho assim, dirriçando café, (meu pai) ficava cantando assim<sup>353</sup>.

Sobre o início de sua participação no coral, o senhor Benjamim reflete:

Me convidaram quando eu tinha uns 18 anos, aí fui acompanhando aqueles velhos, a gente cantava muitas coisas em gregoriano assim, os Salmos, e depois chegou a música polifônica, a música clássica. Aí nós formamos o Coral Santa Cecília. Maior número de coralistas era de ex-alunos de colégios, já tinham conhecimento de música e juntamos aí a turma, começamos a ensaiar e tá aí, aguentando até hoje. Desde o começo, fui um dos que iniciou. Saí algum tempo porque eu fui prefeito

<sup>350</sup> 70 ANOS de Coral. **Revista Folha Nova**. Venda Nova do Imigrante. Março. 2014. p. 4.

<sup>351</sup> FERRARI, Joanna. *Coral Santa Cecília. A história cantada dos imigrantes*. Instituto Sindicades, organizador; Grupo Prospectar, coordenador. Vitória: GSA. 2014, p. 13.

<sup>352</sup> FERRARI, Joanna. *Coral Santa Cecília. A história cantada dos imigrantes...* p. 11.

<sup>353</sup> Depoimento de Benjamim Falchetto, em entrevista concedida ao autor em 30 de julho de 2019.

em Conceição. Me desliguei um pouco, mas não de tudo. Eu sempre vinha à missa aqui, acompanhava aí. Mas a gente perdeu muitos ensaios assim, então, depois, tive que reaprender as músicas<sup>354</sup>.

Imagen 20: Senhor Emiliano Lorenção com acordeão e o Coral Santa Cecília durante noitada junina no ano de 1951.



Fonte: CALIMAN, Cleto. La Mèrica Che Avemo Fato: *a Família Caliman no Espírito Santo*. Vitória, 2002, p. 207.

Benjamim Falchetto também relata sobre o que representavam os ensaios do grupo:

Eram duas (vezes). Uma vez lá no Máximo Lorenção, o pai do Máximo ainda, lá na Tapera, e, de terça-feira, era no Fioravante Caliman. Tinha um ensaiozim lá também porque, em vez do grupo andar longe, fazia um grupinho lá, mesmo aqui em casa tinha um grupo daqui de bananeiras que fazia um ensaio prévio aí pra depois ensaiar todo mundo junto. (Íamos) A cavalo. Alguns tinham bicicleta. A maioria era a cavalo mesmo. Não tinha carro. Não tinha nada. Não tinha divertimento nenhum, então era um passatempo e, ao mesmo tempo, era útil pra aprender a música<sup>355</sup>.

<sup>354</sup> Depoimento de Benjamim Falchetto, em entrevista concedida ao autor em 30 de julho de 2019.

<sup>355</sup> Depoimento de Benjamim Falchetto, em entrevista concedida ao autor em 30 de julho de 2019.

Em relação aos ensaios e os motivos que levaram os integrantes a ensaiar, o senhor Romualdo Falqueto tem uma outra percepção, embora ambos, Benjamim e Romualdo, tenham vivido a mesma experiência.

Naquela época, você nota bem, nós não tínhamos nada pra fazer à noite, ninguém tinha nada. Eu entrei em 1960. O ensaio pra gente era uma diversão, você entende como? A gente saía de casa. Tinha um motivo pra sair de casa: encontrava pessoas à noite. Sempre à noite. A gente saía de Lavrinhas, lá do Pé-da-Serra, e vinha, às vezes tinha um trator que carregava todo mundo, às vezes não tinha, até a pé a gente ia. Até de bicicleta a maioria das vezes. Saia de lá e ia até no Antenor. Passava pelo Máximo, atravessava o rio e chegava lá. A maioria das vezes, o Davino Caliman, ele participava do coral, aí ele tinha um tratorzinho, pegava a carrocinha e ia embora “pa pa pa pa”. Era uma farra, né?<sup>356</sup>.

O senhor Romualdo Falqueto, integrante do coral, relembra dos fatos que mais o marcaram nos ensaios, fatos que são rememorados com alegria e feições sorridentes. Destarte, correlacionando os relatos sobre os ensaios do Coral Santa Cecília, percebe-se que as impressões individuais a cerca de um mesmo ocorrido sem variação temporal ou espacial se mostram de diferentes aparências, transparecendo as interpretações de cada indivíduo sobre os acontecimentos.

Tinha, sempre assim, dois períodos no ensaio, tinha o primeiro período, que você ensaiava e tal e aí parava, tomava um cafezinho e conversava um pouco, tinha uns dez ou quinze minutos aí de intervalo, isso daí era o bastante pra gente botar as fofocas em dia. Aí depois vinha o segundo tempo, né. Lá pelas nove, nove e meia, acabava e ia embora pra casa. Quinta-feira foi eleita o dia de ensaiar. Desde aquela vez, toda quinta-feira. Não adianta. Tem alguma coisa pra fazer? Não tem! Mas tem ensaio! Tem ensaio porque tem coisa pra fazer e nunca parou. Já tem já 60 anos que eu lembro que foi assim: quinta-feira: sagrado! É por isso que não acaba. Uma das coisas que ajudou o Coral a continuar até hoje foi essa constância aí. Tendo trabalho pra fazer ou não, lá a gente arranja<sup>357</sup>.

Sobre a questão da memória individual acerca de um fato coletivo, é válido afirmar que o “eu” está enraizado dentro de configurações mais amplas, especificamente, dentro de uma visão do acontecimento, a qual, apesar da particularidade da lembrança, passa a ter um ponto em comum com outras lembranças pois faz parte do acontecimento em comum. Dessa forma,

<sup>356</sup> Depoimento de Romualdo Falqueto, em entrevista concedida ao autor em 29 de julho de 2019.

<sup>357</sup> Depoimento de Romualdo Falqueto, em entrevista concedida ao autor em 29 de julho de 2019.

[...] o “eu” e sua duração situam-se no ponto de encontro de duas séries diferentes e por vezes divergentes: aquela que se atém aos aspectos vivos e materiais da lembrança, aquela que reconstrói aquilo que não é mais se não do passado. [...] a memória individual existe, mas ela está enraizada dentro dos quadros diversos que a simultaneidade ou a contingência reaproxima momentaneamente. A rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedades múltiplas dentro das quais estamos engajados. Nada escapa à trama sincrônica da existência social atual, e é da combinação desses diversos elementos que pode emergir esta forma que chamamos de lembrança, porque a traduzimos em uma linguagem<sup>358</sup>.

Essa questão é facilmente percebida nas entrevistas quando dois membros do coral comentam sobre o mesmo fato (os ensaios), cada um com suas lembranças específicas, porém, em concordância com pontos fundamentais. Nas palavras de Maurice Halbwachs, “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios”<sup>359</sup>.

Ainda conforme Halbwachs, por outro lado, a memória coletiva “envolve as memórias individuais, mas não se confunde com elas. Ela evolui segundo suas leis, e se algumas individuais penetram algumas vezes nela, mudam de figura assim que sejam recolocadas num conjunto que não é mais uma consciência pessoal”<sup>360</sup>. Como se percebe no caso da senhora Angélica Brioschi, cujo relato está transcrito abaixo, suas lembranças individuais sobre o início das atividades do Coral divergem de Benjamim e de Romualdo devido às suas experiências de infância, mas, ao mesmo tempo, fazem parte de uma memória coletiva, no caso, abarcada pelos ensaios na comunidade de Lavrinhas, que aparece em todos os relatos, como se observa:

Eu canto desde 12 anos, acho que eu tinha quando eu entrei no coral. Sempre cantei. Desde aquela vez, até hoje. Não era nem moça ainda, era criança... Começou foi lá na Lavrinha. O tio Vicente Falqueto, o tio Vicente Caliman, o tio José, eles que começaram, sabe? Então, eles cantavam lá em cima, que tinha um banco e as mulheres ficava aqui em baixo. Então eles cantava e as mulher respondia<sup>361</sup>.

---

<sup>358</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva...* p. 13-14.

<sup>359</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva...* p. 51.

<sup>360</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva...* p. 53.

<sup>361</sup> Depoimento de Angélica Brioschi, em entrevista concedida ao autor em 09 de agosto de 2019.

No caso de Dona Angélica, sua participação no coral se reflete nas próprias configurações da imigração italiana em Venda Nova. Uma vez que participou desde o início do coral em 1944, percebe-se que ela atua como um sujeito da associação que faz perpetuar a memória dos antepassados imigrantes no município, como afirma Pierre Nora, ao enaltecer o papel da memória para a história.

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suceptível de longas latências e repentinhas revitalizações<sup>362</sup>.

Apesar de propiciar momentos de descontração e encontros para os participantes do coral, haviam normas a serem cumpridas por todos para o bom andamento das atividades. Essas normas ficam expressas no Regulamento da Cantoria de 29 de janeiro de 1946:

I<sup>a</sup> – Frequentar todos os ensaios; e se por motivo de força maior não puder vir, deverá comunicar, por um terceiro, a causa de sua ausência ao chefe da cantoria.

II<sup>a</sup> – Deixar as brincadeiras e conversas de lado enquanto se ensaia.

III<sup>a</sup> – Obedecer ao chefe da cantoria, seja ele quem for.

IV<sup>a</sup> – Observar com perfeição a expressão, isto é o piano, o forte, etc.

V<sup>a</sup> – Força de vontade por parte de todos, nunca dizer: este canto não sai, este outro é difícil demais; lembremo-nos que nada é mais forte que a vontade e que aquele que quer mesmo pode tudo.

VI<sup>a</sup> – Fazer uso da voz para louvar a Deus e não para engrandecer-nos; lembremo-nos que a voz é um dom de Deus e devemos fazer bom uso dela.

Se fizermos esforços para cumprir estas regras garanto-vos que a cantoria prosperará sempre mais. Professor Vicente Tarchetti<sup>363</sup>.

Sobre as músicas que eram cantadas nos primeiros anos de coral:

Muito em latim, que era a língua oficial da Igreja. As missas eram celebradas em latim, então os cantos, muitos deles, eram em latim. Além das músicas religiosas, foi necessário a gente ampliar o repertório com músicas clássicas, até de compositores famosos como o “Va, pensiero” de Giuseppe Verdi, um arranjo à quatro vozes, tinha cantos de Beethoven, de Palestrina, vários autores clássicos<sup>364</sup>.

---

<sup>362</sup> NORA, Pierre. Entre memória e história, a problemática dos lugares. *Proj. História...* p. 3.

<sup>363</sup> FERRARI, Joanna. Coral Santa Cecília. *A história cantada dos imigrantes...* p. 28.

<sup>364</sup> Depoimento de Benjamim Falchetto, em entrevista concedida ao autor em 30 de julho de 2019.

Quanto ao conceito de memória, a história se utiliza das configurações da memória, revisitando-a a respeito das problemáticas que estão sendo propostas no tempo presente. Jacques Le Goff enfatiza que “o conceito de memória é crucial”<sup>365</sup>, por isso, é significativo que se entrecruze a história e a memória. Angela de Castro Gomes faz uma conexão entre a relação que a memória tem com a atividade de conhecimento do passado.

A memória é um trabalho. Como atividade, ela refaz o passado segundo os imperativos do presente de quem rememora, ressignificando as noções de tempo e espaço e selecionando o que vai e o que não vai ser “dito”, bem longe, naturalmente, de um cálculo apenas consciente e utilitário. Quem aceita fazer o trabalho da memória, o faz por alguma ordem de razões importantes, dentre as quais estão a busca de novos conhecimentos, a realização de encontros com outros e consigo mesmo, de forma a que os resultados sejam enriquecedores sob o ponto de vista individual e coletivo. A rememoração pode ser um difícil processo de negociação entre o individual e o social, pelo qual identidades estejam permanentemente sendo construídas e reconstruídas, garantindo-se uma certa coesão à personalidade e ao grupo, concomitantemente<sup>366</sup>.

Em sociedades mais tradicionais, onde o indivíduo é englobado pelo clã, tribo, etc., “a memória socialmente relevante é a da unidade ‘encompassadora’”<sup>367</sup>, porém, com a chegada das democracias e das liberdades individuais no ocidente moderno, a noção individualista sobressai. Nas palavras de Gilberto Velho,

a trajetória do indivíduo passa a ter um significado essencial como elemento não mais contido mas constituidor da sociedade. É a progressiva ascensão do indivíduo psicológico, que passa a ser a medida de todas as coisas<sup>368</sup>.

Assim sendo, é significativa a abordagem e exposição dos relatos dos membros do Coral Santa Cecília, como no caso do senhor Romualdo Falqueto, integrante do coral desde 1960, que descreve momentos iniciais de sua participação.

---

<sup>365</sup> LE GOFF, Jacques. “Memória”. In: \_\_\_\_\_. *História e Memória*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994, p. 366.

<sup>366</sup> GOMES, Angela de Castro. A guardiã da memória. Acervo. – *Revista do Arquivo Nacional*. Vol. 9, n. 1-2 ½. Rio de Janeiro, jan./dez. 1996. pp. 17-30. Disponível em: <http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/397/397>. p. 21. Acesso em: 21 de novembro de 2019.

<sup>367</sup> VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose...* p. 99.

<sup>368</sup> VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose...* p. 100.

O Coral tem hoje 75 anos de idade, no ano que eu nasci, nasceu o coral. Depois dos meus 16 anos, comecei a fazer parte do coral. Na época era o Emiliano Lorenção o líder, o cara que resolia as coisas. Ele viu em mim uma capacidade de mexer com isso, então ele me chamou pra ser regente. No dia que eu entrei, depois não saí mais. Fiquei ali como regente do coral. Entrei como cantor, mas como na época eu já tocava acordeom, depois aprendi a tocar violão. O harmônio era o órgão da época, né. Não existia essas coisas que tem hoje. Hoje está fácil demais. Hoje aí com dois, três mil contos você compra um aparelho que faz mil coisas. Naquela época, não<sup>369</sup>.

Sobre os tempos iniciais do coral e os instrumentos, Romualdo completa:

Era o harmônio que era tocado à pedal. Tinha um fole, que abria e fechava e ele soprava nas paletas e dava o som. Era o que tinha de melhor na época. Nós não tínhamos nem um piano. O piano era um instrumento um pouco diferente do harmônio, porque ele é mais alegre assim, e tal. Mas o pessoal tocava era no harmônio mesmo<sup>370</sup>.

Depois de oficializada em 1959, através de estatuto próprio e registro, a então associação Escola Dramática e Musical Santa Cecília passa a ter uma organização jurídica composta por presidente, secretários e tesoureiro. Segundo o autor David Lowenthal, “toda consciência do passado está fundada na memória. Através das lembranças recuperamos consciência de acontecimentos anteriores, distinguimos ontem de hoje, e confirmamos que já vivemos um passado”<sup>371</sup>, por isso, o senhor Romualdo Falqueto lembra de alguns momentos difíceis já passados no coral e os compara com o presente:

Nós já fomos em algumas apresentações que não tinha nem o que comer. É, não tinha. Chegava lá, aquela coisa e tal, não tinha. Não havia uma previsão. Hoje não acontece mais. As pessoas estão mais atentas a esse tipo de coisa. Mas era difícil, rapaz! Você chegava lá, não tinha. Muitas vezes, teve lugar que a gente foi que o presidente teve que enfiar a mão no bolso e pagar ali o almoço pro pessoal porque não tinha. Falta de costume de mexer com essas coisas. “Ah, comer pra quê?” As coisas mudaram muito<sup>372</sup>.

---

<sup>369</sup> Depoimento de Romualdo Falqueto, em entrevista concedida ao autor em 29 de julho de 2019.

<sup>370</sup> Depoimento de Romualdo Falqueto, em entrevista concedida ao autor em 29 de julho de 2019.

<sup>371</sup> LOWENTHAL, David. *Como conhecemos o passado...* p. 13.

<sup>372</sup> Depoimento de Romualdo Falqueto, em entrevista concedida ao autor em 29 de julho de 2019.

As dificuldades lembradas pelo senhor Romualdo são complementadas pelas dificuldades mencionadas pelo atual presidente do grupo, o senhor Tarcísio Caliman, que expõe que “a principal dificuldade hoje é você envolver a juventude pra estar assumindo as atividades. Não é fácil. Mas, enfim, vão tocando.”<sup>373</sup>.

Tem uns doze, treze anos que eu cheguei no coral, mas já é nova era. É tudo fácil. A gente, antigamente, não tinha condições, não tinha dinheiro pra fazer as coisas. Hoje nós temos condições de alugar um bom ônibus. Eu lembro de tempos atrás aí, às vezes, ia ônibus da prefeitura, ia ônibus... um monte de gente de idade, tudo difícil. Eu lembro disso. Mas, ultimamente... nós queremos ônibus leito, nós não vamos em qualquer ônibus não. São pessoas de idade. Se a gente vai levar o nome de Venda Nova, que é tão nobre, as pessoas veem Venda Nova como um bom local, desenvolvido e tal, por que não a gente sair à altura também, né? Então, essa é uma valorização<sup>374</sup>.

Sobre as dificuldades iniciais para os ensaios, dona Angélica comenta que “não é igual agora. A estrada tá asfaltada. Agora tem tudo, né? Quando a gente ensaiava, não tinha asfalto não, a estrada era barro”<sup>375</sup>.

Os participantes da Escola Dramática e Musical Santa Cecília começaram a expandir suas atividades para fora de Venda Nova já em 1946, quando foram se apresentar em São Paulo de Aracê, distante 16 quilômetros de Venda Nova. De acordo com o senhor Máximo Lorenção, assim foi o ocorrido:

“Não tinha nem estrada! Hoje é fácil, são 20 minutos de carro, mas, na época, demorou mais de quatro horas pra ir a cavalo. Chegando lá, não havia casas pra hospedar todo mundo e a prioridade foi para os mais velhos. Nós, que éramos mais jovens, fomos dormir num pátio, em cima de um monte de espiga de milho. Cobrimos as espigas com o *chenille* que usávamos nos cavalos e passamos a noite lá. Mas estava um frio! O jeito era tomar uma pinguinha para esquentar”, brincou Máximo Lorenção<sup>376</sup>.

Sobre esse mesmo episódio, Dona Angélica expõe a sua experiência:

Eu dormi em cima do café. Não tinha lugar pra ninguém. Cada um se virava do jeito que pôde. Um dormia no pátio de milho, outro dormia no

<sup>373</sup> Depoimento de Tarcísio Caliman, em entrevista concedida ao autor em 20 de julho de 2019.

<sup>374</sup> Depoimento de Tarcísio Caliman, em entrevista concedida ao autor em 20 de julho de 2019.

<sup>375</sup> Depoimento de Angélica Brioschi, em entrevista concedida ao autor em 09 de agosto de 2019.

<sup>376</sup> FERRARI, Joanna. Coral Santa Cecília. *A história cantada dos imigrantes...* p. 55.

paiol do café. Aham, em cima do café. Cheguei lá, do jeito que eu tava e me joguei no café e dormí. É, era bastante frio<sup>377</sup>.

Dona Angélica, que está presente no coral desde o início, em 1944, argumenta que “desde o começo, eu só fiquei 4 meses sem participar porque eu fiquei grávida. Então, não tinha condição. Mas eu não ia cantar na igreja, mas no ensaio... eu não perdia um ensaio”<sup>378</sup>.

Entre um relato e outro dos integrantes da associação, percebemos a transmissão de uma experiência coletiva, vivida pelos sujeitos na trajetória da história do grupo, recuperada e recriada por intermédio da memória dos informantes. O relato de Máximo Lorenção lembra as dificuldades dos antepassados na Itália, tal como Emilio Franzina descreve a situação das camas de camponeses vênetos do século XIX.

a cama mais comum é um saco cheio de folha de milho e, mais raramente, de palha; quem pode põe sobre ele um colchão de lã ou de pena; a cama (quando existe) consta quase sempre de algumas tábuas colocadas transversalmente sobre dois cavaletes de madeira<sup>379</sup>.

Enquanto a descrição das camas vênetas de Emilio Franzina é contada num contexto de miséria, subalimentação e exploração do trabalho no século XIX, os relatos de Máximo e Angélica, contados em tom de alegria e brincadeira, nos passam a ideia de mobilidade ascendente em Venda Nova.

Gilberto Velho afirma que “a complexidade e a heterogeneidade da sociedade moderno-contemporânea tem como uma de suas características principais, justamente, a existência e a percepção de diferentes visões de mundo e estilos de vida”<sup>380</sup>, por isso a importância de se apreciar os relatos individuais para compreensão histórica de nossa sociedade, como o caso da senhora Lourdes Altoé Falqueto, participante do coral, que reflete sobre a importância que o grupo tinha para Venda Nova durante boa parte da segunda metade do século XX. Naquele contexto, a imigração italiana era cantada, levando o nome de Venda Nova para fora da cidade e do estado:

<sup>377</sup> Depoimento de Angélica Brioschi, em entrevista concedida ao autor em 09 de agosto de 2019.

<sup>378</sup> Depoimento de Angélica Brioschi, em entrevista concedida ao autor em 09 de agosto de 2019.

<sup>379</sup> FRANZINA, Emilio. *A grande emigração...* p. 300.

<sup>380</sup> VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose...* p. 97.

Na verdade, o Coral Santa Cecília teve uma força muito grande na cultura de Venda Nova. Ah, eu acho. Porque agora tem a Festa da Polenta, tem a associação da polenta e tudo mais, mas antes, a referência era o coral<sup>381</sup>.

O coral era uma das atividades que proporcionava não só encontros entre os participantes, mas também, experiências que marcavam a vida dos cantores.

Eu lembro que, uma coisa interessante, quando tava fazendo esse asfalto aí (BR 262), o ministro Andreazza, passou aqui várias vezes e a gente ia lá cantar com ele e ele fazia questão “Óh, vou passar aí. Fala com o pessoal do coral!”. E a gente não tinha lugar pra resolver isso. Tinha o restaurante do Américo Comarela ali no posto... Então a gente recebia o homem ali, cantava pra ele e tal, o pessoal servia uns vinhos, os melhores vinhos fabricados aqui. Nem vinho de garrafão tinha aqui ainda. E ele era lá do sul, acostumado com essa coisa de vinho, mas aqui não tinha. Então servíamos os vinhos fabricados aqui mesmo. Ah! Ele gostava de tomar um vinho. Eu sei que nós fomos cantar lá na inauguração da estrada, no trevo, ali em Viana, no entroncamento com a (BR) 101 ali. Foi bom. Ah! Nossa mãe! Eu cumprimentei o ministro. Aí o pessoal ficou me gozando “vai ficar duas semanas sem lavar as mãos”. Na época, o Garrastazu, ele era vice-presidente, ele veio representando o presidente da época, que era o Costa e Silva, porque ele não pôde vir na inauguração, então ele mandou o Garrastazu. É, o pessoal da alta lá<sup>382</sup>.

O senhor Elói comenta sobre o “ofício das trevas” realizado pelo grupo e expõe um pouco da sua participação no coral.

Participei do coral. Foi muito bom. Inclusive, na nossa época, na semana santa tinha o ofício das trevas. O ofício das trevas são uma certa quantidade de salmos que são cantados tudo em latim à noite. Aí tem um candelabro com um monte de vela, aí cada salmo que canta vai lá e vai apagando uma vela. Eu fiquei no coral muito, aí depois, por conta da família, dos filhos e, na época, eu morava lá na Bananeiras, lá perto onde mora o seu Benjamim, aí por conta das dificuldades, aí eu parei porque não dava tempo. Porque tinha, além de domingo, tinha ensaio duas vezes por semana<sup>383</sup>.

---

<sup>381</sup> Depoimento de Lourdes Altoé Falqueto, em entrevista concedida ao autor em 29 de julho de 2019.

<sup>382</sup> Depoimento de Romualdo Falqueto, em entrevista concedida ao autor em 29 de julho de 2019.

<sup>383</sup> Depoimento de José Elói Falqueto, em entrevista concedida ao autor em 08 de agosto de 2019.

Imagen 21: Apresentação do Coral Santa Cecília no ano de 2011.



Fonte: <http://radiofmz.com.br/site/conteudo.asp?codigo=6636>. Acesso em: 04 de setembro de 2019.

Tarcísio Caliman comenta que o coral exerce um papel mediador entre os indivíduos que participam da associação e a sociedade em geral, agregando, para os integrantes significado e valor para sua existência: “É uma escola fantástica. O coral é um patrimônio de Venda Nova que se evolui com a história. Um coral já com bastante pessoas antigas, você vê: tem membro fundador que ainda participa do coral”<sup>384</sup>. A relação dos indivíduos não fica estreita apenas a cidade de Venda Nova, pois o grupo realiza apresentações em outros municípios e estados. Sobre as viagens que a associação realiza, o senhor Tarcísio comenta o seguinte:

É interessante que rende até um trocado pro coral também. A gente cobra, tem lugar que não dá pra cobrar. A parceria com a Afepol é muito forte. A Afepol que arca, às vezes, com os custos. Quando, vamos dizer, o local que a gente vai é interessante pra Venda Nova, é interessante pra Festa da Polenta, a Afepol assume os gastos de transporte, de compra de vinho, de insumos, enfim<sup>385</sup>.

No Coral Santa Cecília, a imigração pode ser percebida também na língua, através das músicas em latim, refletindo a influência do catolicismo e da língua italiana.

<sup>384</sup> Depoimento de Tarcísio Caliman, em entrevista concedida ao autor em 20 de julho de 2019.

<sup>385</sup> Depoimento de Tarcísio Caliman, em entrevista concedida ao autor em 20 de julho de 2019.

A influência da religião católica se fazia e faz presente entre os descendentes no coral, manifestada através do repertório de cantos, também em língua latim e italiana. João Fabio Berthonha comenta sobre a forte ligação entre a Igreja e os italianos, dizendo que “é inegável que boa parte da história, dos costumes, da arte, da arquitetura e da própria cultura italiana é inseparável da cultura católica e dos dois milênios de convivência entre a Igreja e o povo da península”<sup>386</sup>.

O coral nasceu dentro da Igreja. Acredito que ele ficou uns 25, perto de uns 30 anos, só fazendo coisa de Igreja, sabe, exclusivamente Igreja. Depois a gente começou também a mexer com outros tipos de música. Entrou o folclore italiano. O mesmo clássico italiano, né, que a gente tem muita facilidade de mexer com a língua por causa da descendência. Como nós somos descendentes de italianos, o italiano, pra nós, é muito mais fácil do que outra cultura. Então aí partimos pra esse lado aí. Hoje a realidade é outra, a gente quase não canta mais em casamentos. Toda semana tinha um casamento pra cantar. Depois entraram outro tipo de música, a música golpel, as pessoas começaram a gostar mais disso aí, e a gente ficou praticamente de lado. Hoje em dia, dificilmente se canta alguma coisa pra casamento. Os tempos mudam, né? E a gente tem que se adaptar<sup>387</sup>.

O senhor Benjamim Falchetto expõe a sua percepção entre imigração e as relações sociais que se davam em torno da Igreja Católica em Venda Nova.

Acho que o voluntariado que existe aqui hoje em Venda Nova nasceu junto com Venda Nova, porque havia essa união em torno da Igreja, que, quando não tinha padre, se juntava lá e rezava e cantava tudo pelas melodias próprias do dia, né, tudo em latim. E, depois, isso foi passando pra gerações novas, e o pessoal adotou mesmo aquele sistema dos nossos imigrantes<sup>388</sup>.

Por ser filho de imigrante, o senhor Benjamim reflete sobre o início da colonização de Venda Nova ainda no tempo dos imigrantes, quando o voluntariado se fez presente também na igreja e na música, atuando no sentido de suprir a ausência do padre para a celebração das missas.

---

<sup>386</sup> BERTONHA, J. F. *Os Italianos...* p. 247.

<sup>387</sup> Depoimento de Romualdo Falqueto, em entrevista concedida ao autor em 29 de julho de 2019.

<sup>388</sup> Depoimento de Benjamim Falchetto, em entrevista concedida ao autor em 30 de julho de 2019.

Imagen 22: Coral Santa Cecília se apresentando durante a realização da “Missa em Italiano”, evento promovido pela Trevisani Nel Mondo de Venda Nova no ano de 2019 na Igreja Matriz de Venda Nova do Imigrante.



Fonte: Arquivo privado de Edezio Peterle.

Registra-se também que a Escola Dramática e Musical Santa Cecília não limitava suas ações ao canto. Peças teatrais também marcaram a história da associação.

O grupo encenou cerca de 30 peças em Venda Nova e outras cidades capixabas e teve sua época áurea entre os anos de 1960 e 1970, quando começou a perder força com a concorrência da televisão. Mas o trabalho de artes dramáticas não se perdeu por completo e, de vez em quando, o Santa Cecília ainda ensaiava peças, como “O Auto da Compadecida”, encenada em 2010, e a Paixão de Cristo, que também foi apresentada recentemente<sup>389</sup>.

Em conformidade ao que foi aqui relatado, percebe-se que a construção da identidade dos entrevistados e citados durante as entrevistas está entrelaçada

<sup>389</sup> FERRARI, Joanna. Coral Santa Cecília. *A história cantada dos imigrantes...* p. 42.

diretamente à comunidade em que os sujeitos vivem, sendo a associação aqui estudada, a Escola Dramática e Musical Santa Cecília, uma das articuladoras dessa construção. Sustentando essa afirmativa, Norberto Bobbio reforça o caráter intermediador das associações.

A função mediadora das associações voluntárias, estabelecendo uma ligação concreta entre sociedade e indivíduo, dá aos membros uma série de satisfações psicológicas, que pode permitir a cada pessoa um maior conhecimento do papel que desempenha no âmbito da sociedade<sup>390</sup>.

Dessa forma, a Escola Dramática e Musical Santa Cecília se torna uma via de acesso para os sujeitos projetarem suas essências interiores, ao mesmo tempo em que fornece meios para interação social dos indivíduos que dela participam, contribuindo assim, para a formação de suas identidades.

---

<sup>390</sup> BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola & PASQUINO, Gianfranco (Editores). *Dicionário de Política*... p. 65.

## **Considerações Finais**

Para entendermos as raízes históricas dos imigrantes italianos que vieram a se inserir em Venda Nova, precisamos recorrer à bibliografia especializada no assunto. A literatura consultada se mostrou bem concordante quanto aos motivos geradores da grande imigração: as mudanças na Europa e as causas que fizeram milhões de imigrantes virem para o Brasil tiveram suas raízes na expansão dos ideais políticos e econômicos da Revolução Francesa e da Revolução Industrial. Na primeira etapa da pesquisa ficou evidente que a maioria dos imigrantes italianos que vieram para o Brasil saíram do norte da Itália, região que mais sofreu com as mudanças sociais, políticas e econômicas da segunda metade do século XIX. Também ficou perceptível que a imigração serviu para atender a demanda de mão-de-obra que reclamavam os grandes fazendeiros brasileiros, especialmente no Rio de Janeiro e São Paulo, onde o Estado brasileiro atuou de forma a atender essa demanda, facilitando e fomentando a imigração através da propaganda e pagamento de passagens, por exemplo.

Ao dirigirmos a atenção para a imigração no Espírito Santo, ficou destacado que o estado foi um local onde sobressaíram as colônias de imigração durante o século XIX com a finalidade de povoar o território, gerar receitas e estimular a economia, tendo o imigrante italiano se inserido nesse contexto a partir de 1874 com a chegada da expedição de Pedro Tabachi. No que diz respeito ao início da colonização da região de Venda Nova do Imigrante por imigrantes italianos, através das entrevistas realizadas, começam a surgir algumas questões não mencionadas na bibliografia utilizada para esta pesquisa, como por exemplo, a situação de italianos que, perante a difícil condição alimentar que passavam na Itália, tinham que saciar a fome com bois enterrados por fazendeiros, conforme demonstrou o relato do senhor Tarcísio Caliman, e, também, como no caso de imigrantes recém-chegados na região de Venda Nova que dispunham de pouco leite para complementar sua dieta, como expresso na declaração de Elói Falqueto.

Já os resultados do terceiro capítulo só foram atingidos graças às entrevistas de caráter qualitativo que, ao serem aplicadas seguindo a metodologia sugerida pelos autores consultados, facilitaram o despertar da memória das pessoas envolvidas nesse trabalho, permitindo conhecer a fundo muitos aspectos das associações e da história de

Venda Nova, contribuindo assim, para os estudos da história da imigração italiana no município e no Espírito Santo.

No caso da AFEPOL, ficou saliente a importância que a associação tem para o município. Por envolver cerca de 1.500 voluntários e por destinar a verba arrecadada para instituições de caridade, podemos perceber que a Festa da Polenta tem importantíssimo papel na construção da identidade do povo venda-novense e na manutenção e recriação da memória do imigrante italiano que se instalou em Venda Nova do Imigrante através de locais internos do evento, como por exemplo, a Casa da Nonna, ou fora do evento, como as camisas da festa utilizadas pelas pessoas durante todo o ano nas ruas da cidade de Venda Nova.

Com as visitas ao Circolo Trentino, a associação revelou-se como um local de reflexão memorial e de reconstrução da identidade do imigrante trentino. Com os eventos organizados, como o Jantar Trentino, o grupo promove reflexões sobre a inserção do imigrante trentino em solo capixaba, ao mesmo tempo em que projeta conexões dos descendentes de imigrantes trentinos com a sociedade de Venda Nova.

Já a Trevisani Nel Mondo mostrou-se como uma associação que preza pela preservação e manutenção da cultura e dos costumes da região do Treviso e do Vêneto. Durante as entrevistas, percebeu-se a vontade de guardar a identidade do imigrante perante a ação do tempo, fortalecendo suas características através de ações em parcerias com outros grupos como a AFEPOL e Igreja Católica. Realizando essas atividades, o grupo também colabora para o estreitamento de laços entre descendentes de imigrantes e comunidade em Venda Nova e região.

A Escola Dramática e Musical Santa Cecília distingue-se das outras associações, primeiro, por ser um grupo formado ainda na primeira metade do século XX e, de acordo com as entrevistas realizadas, ser um dos poucos locais de encontros das pessoas envolvidas na atividade de canto e dramatização ainda nas décadas de 1960, 70 e 80 em Venda Nova do Imigrante, se tornando, assim, um local onde os membros do grupo podem tecer suas identidades e relacionar-se com a sociedade, ao mesmo tempo em que fornecem aspectos da cultura do imigrante italiano para Venda Nova e região através da musicalidade.

De um modo geral, as associações aqui consultadas revelaram-se, principalmente através das entrevistas que foram realizadas, como importantes agentes de construção da identidade não só de seus participantes, mas também dos indivíduos que estão em contato direto com os grupos e da comunidade de Venda Nova do Imigrante e região, confirmando a hipótese elaborada no início dessa dissertação. Além de agentes da construção e da reconstrução da identidade do imigrante italiano em Venda Nova, as associações também mantêm e ressignificam a tradição italiana, tornando-se lugares de memória e, ao fazer isso, intensificam e potencializam o voluntariado, sendo esse fator importante aspecto da cultura e identidade do município de Venda Nova do Imigrante.

## **Referências bibliográficas:**

ASSOCIAZIONE TREVISANI NEL MONDO DI VENDA NOVA DO IMIGRANTE. **Ata da reunião** realizada em AMENA-Casa da Cultura. 3 de julho de 2013.

AZEVEDO, Eliane Marchetti Silva. Os imigrantes e as ressignificações identitárias: ambivalência da brasiliade. **Ponto e Vírgula**, n. 20, PUC: São Paulo, 2016. p. 6-22. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/pontoevirgula/article/view/31175>. Acesso em: 17 de setembro de 2019.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, LDA, 2009.

BARROS, José D' Assunção. **O projeto de pesquisa em História**: da escolha do tema ao quadro teórico. 8<sup>a</sup> ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

BARTHOLAZZI, Rosane A. **Os italianos no noroeste fluminense**: estratégias familiares e mobilidade social (1897-1950). Niterói: Tese de doutorado em História Social, Universidade Federal Fluminense, 2009.

BERTONHA, João Fábio. **Os Italianos**. São Paulo, SP: Contexto, 2005.

BIONDI, Luigi. **Imigração** [verbete]. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 2015. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/IMIGRA%C3%87%C3%83O.pdf>. Acesso em: 18 de junho de 2019.

BLANCO RODRÍGUEZ, Juan Andrés (ed.). **El asociacionismo en la emigración española a América**. Zamora: UNED Zamora/Junta de Castilla y León, 2008.

BOBBIO, Norberto, MATTEUCCI, Nicola & PASQUINO, Gianfranco (Editores). **Dicionário de Política**. 5<sup>a</sup>Edição. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.

BOM MEIHY, José Carlos Sebe. Definindo história oral e memória. **Cadernos CERU**, São Paulo, v. 5, n.2, p. 52-60, 1994.

BRASIL. **Decreto Lei n. 528, de 28 de junho de 1890**. Dispõe sobre o serviço da introdução e localização de imigrantes na Republica dos Estados Unidos do Brasil. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-528-28-junho-1890-506935-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso em: 12 de junho de 2019.

BRASIL. **Decreto Lei n. 7.683, de 6 de março de 1880**. Determina que a colônia Rio Novo passe ao regime comum as outras povoações do Império. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-7683-6-marco-1880-546873-publicacaooriginal-61437-pe.html>. Acesso em: 19 de julho de 2019.

BRASIL. **Lei n. 10.406**, 10 de janeiro de 2002. Institui o Código Civil. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 11 jan. 2002. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/2002/L10406compilada.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2002/L10406compilada.htm). Acesso em: 29 de agosto de 2019.

BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da historiografia.** São Paulo. Fundação Editora da UNESP, 1997.

BUSATTO, L. **Estudos sobre imigração italiana no Espírito Santo.** Estação Capixaba: Portal de Cultura Capixaba. 2002. Disponível em: <http://www.estacaocapixaba.com.br/2016/01/foto-guilherme-santos-neves-anos-1950.html>. Acesso em 10 de janeiro de 2019.

CALIMAN, Cleto. La Mèrica Che Avemo Fato: **a Família Caliman no Espírito Santo.** Vitória, [s.n.], 2002.

CALIMAN, Nara Falqueto. Tradição Italiana e Modernidade: a Organização da Festa da Polenta em Venda Nova do Imigrante. **RIGS - Revista Interdisciplinar de Gestão Social.** V. 1, n. 2, mai/ago. Salvador: UFBA, 2012. p. 115-137. Disponível em <https://portalseer.ufba.br/index.php/rigs/article/viewFile/10063/7198>. Acesso em 20 de abril de 2018.

CALIMAN, Nara Falqueto. **Uma Itália que não existe na Itália: Tradição e Modernidade em Venda Nova do Imigrante-ES.** 2009. Dissertação (Mestrado em Administração) - Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

CAMPOS, Gustavo Barreto. **Dois séculos de imigração no Brasil:** a construção da imagem e papel social dos estrangeiros pela imprensa entre 1808 e 2015. Tese (Doutorado). Escola de Comunicação – ECO, UFRJ. Rio de Janeiro, 2015.

CANEDERLI protagonisti a Venda Nova grazie ai Giovani del circolo trentino. **Revista Trentini Nel Mondo.** Trento. 5/2013.

CARMO, Maria Izabel Mazini do. Nelle vie della città. **Os italianos no Rio de Janeiro (1870-1920).** 2012. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de História. Niterói, 2012.

CARNOY, Martin. **Estado e Teoria Política.** Campinas, Papirus, 1986.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTIGLIONI, Aurélia H., FERREIRA EMMI, Marília. Análise Comparativa da Imigração Italiana dirigida para o Espírito Santo e para a Amazônia durante a segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX. **Revista Geográfica de América Central,** Número especial, II semestre, 2011. pp. 1-23. Disponível em: <http://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/2725/2605> . Acesso em: 12 de janeiro de 2019.

CENNI, Franco. **Italianos no Brasil.** 3. ed. 1 reimpressão. São Paulo-SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano.** A arte de fazer. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

CIRCOLI, Delegazioni e Federazioni/Coordinamenti di Circoli dell'Associazione Trentini nel Mondo. **Revista Trentini Nel Mondo**. Trento. 1/2016.

CIRCOLO TRENTO DI VENDA NOVA. **Ata da reunião** realizada na Câmara Municipal de Vereadores de Venda Nova do Imigrante. 9 de agosto de 1991.

COSTA, Luciana Osório. **A colônia do Rio Novo (1854/1880)**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), Programa de Pós-Graduação em História Econômica. Universidade de São Paulo, 1981.

COUTINHO, David Barreto. **Políticas imigratórias e as instituições burocráticas no governo Vargas 1930-1945**). 2015. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2015.

CORNER, Dolores Martín Rodríguez. A cozinha do imigrante espanhol galego e andaluz em São Paulo: habitus – memória – identidade. In: ROMERO, Juan Manuel Valiente et al. (Org.). **Migraciones Iberoamericanas: las migraciones España-Brasil**. Huelva; Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2013. p. 125 – 144.

CORNER, Dolores Martin Rodriguez. Da Fome à Gastronomia: **Os Imigrantes Galegos e Andaluzes em São Paulo (1946-1960)**. 287 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

DADALTO, Maria Cristina. O discurso da italianidade no ES: realidade ou mito construído? **Pensamento Plural**. Pelotas [03]: 147 – 166, julho/dezembro, 2008. DOI: <http://dx.doi.org/10.15210/pp.v0i3.3746>. Acesso em: 14 de novembro de 2019.

DIAS, Lucas Henrique. **Impactos do Nazismo na Juiz de Fora/MG**: perseguição contra imigrantes alemães no Estado Novo. Dissertação (Mestrado). Universidade Salgado de Oliveira, 2018.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisa qualitativas. **Educar em revista**. V. 20, n. 24, Curitiba: UFPR, jul./dez., 2004. pp. 213-225. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.357>. Acesso em: novembro de 2019.

ESPÍRITO SANTO (Estado). **Lei Estadual nº 10.973, de 14 de janeiro de 2019**. Consolida a legislação em vigor referente às semanas e aos dias/correlatos estaduais comemorativos de relevantes datas e de assuntos de interesse público, no âmbito do Estado. Palácio Anchieta, Vitória-ES, 14 de janeiro de 2019.

ESPÍRITO SANTO (Estado). **Lei Estadual nº 10.974, de 14 de janeiro de 2019**. Consolida a legislação em vigor referente à concessão de títulos em homenagem a municípios do Estado do Espírito Santo. Palácio Anchieta, Vitória-ES, 14 de janeiro de 2019.

ESPÍRITO SANTO (Estado). **Relatório** apresentado ao Sr. Coronel Manoel Ribeiro Coitinho Mascarenhas pelo presidente da Província do Espírito Santo, Sr. Luiz Eugênio Horta Barbosa, por ocasião de deixar a administração da Província do Espírito Santo em 28 de abril de 1874. Vitória: Typographia Espírito-Santense, 1874. Página: 27. Disponível em:

<https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Relatorios/LUIZ%20EUGENIO%20HORTA%20BARBOSA%20-%20Presidente%20da%20Prov%C3%ADncia.pdf>. Acesso em: 15 de janeiro de 2019.

FALCHETTO, B. **O Tesouro Escondido**. Venda Nova do Imigrante: Edição do autor [s. n.], 2017.

FERNANDEZ, Leandro Rodriguez Gonzalez. **Imigração portuguesa e hospitalidade: Casa de Portugal de São Paulo e seus eventos (1980-2010)**. 2016. 319 f. Tese (Doutorado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

FERRARI, Joanna. Coral Santa Cecília. **A história cantada dos imigrantes**. Instituto Sindicades (organizador); Grupo Prospectar (coordenador). Vitória: GSA. 2014.

FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **História oral e multidisciplinaridade**. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História oral, comemorações e ética. **Projeto História. Ética e História oral**. PUC, São Paulo, nº 15, p.157-164, abr. 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11227/8233>. Acesso em: 01 de setembro de 2019.

FIDELIS, Leandro. Trevisanos comemoram 30 anos de associação com missa em italiano. **Radio FMZ**. 08 de maio de 2014. Disponível em: <http://radiofmz.com.br/site/conteudo.asp?codigo=9637>. Acesso em: 04 de setembro de 2019.

FOLHA DA TERRA, **Edição especial para a 36ª Festa da Polenta**, Venda Nova do Imigrante-ES, 2014.

FRANCESCHETTO, Cilmar. **Imigrantes**. Espírito Santo: base de dados da imigração estrangeira no Espírito Santo nos séculos XIX e XX. Organizado por Agostino Lazzaro. — Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014.

FRANCESCHETTO, Cilmar. **Italianos**: base de dados da imigração italiana no Espírito Santo nos séculos XIX e XX. — Organizado por Agostino Lazzaro. — Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014. (Coleção Canaã, v. 20; Imigrantes Espírito Santo, v.1). Disponível em: <https://ape.es.gov.br/Media/ape/PDF/Livros/italianos.pdf>.

FRANZINA, Emilio. **A grande emigração**: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006.

FURLANETTO, Patrícia Gomes. **Associativismo como estratégia de inserção social**: as práticas sócio-culturais do mutualismo imigrante italiano em Ribeirão Preto (1895-1920). Tese (Doutorado em História Social), FFLCH, Universidade de São Paulo, 2007.

GENOVEZ, Patrícia Falco; SCALZER, Simone Zamprogno. A configuração urbana e identidade italiana em Santa Teresa/ES. **VIII Encontro Regional ANPUH-MG**. ANPUH. 2012, p. 2. Disponível em:  
[http://www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1340386975\\_ARQUIVO\\_SCALZER\\_A\\_configuracao\\_urbana.pdf](http://www.encontro2012.mg.anpuh.org/resources/anais/24/1340386975_ARQUIVO_SCALZER_A_configuracao_urbana.pdf). Acesso em: 06 de agosto de 2019.

GIDDENS, Anthony. **As Consequências da Modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GIRÃO, Filipo Carpi. **A Italianidade como potencialidade sociopolítica na Festa da Polenta em Venda Nova do Imigrante (1979-2014)**. 2015. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

GOMES, Angela de Castro. A guardiã da memória. **Acervo**. – Revista do Arquivo Nacional. Vol. 9, n. 1-2. Rio de Janeiro, jan./dez. 1996. pp. 17-30. Disponível em: <http://revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/397/397>

GONÇALVES, Paulo Cesar. **Mercadores de Braços**. Riqueza e Acumulação na Organização da Emigração Europeia para o Novo Mundo. 2008. Tese (doutorado em História Econômica). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo – SP, 2008.

GROSSELLI, Renzo M. **Colônias imperiais na terra do café**: camponeses trentinos (vênitos e lombardos) nas florestas brasileiras, Espírito Santo, 1874-1900. (Coleção Canaã, v.6). Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice/Revista dos Tribunais, 1990.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª ed. Rio de Janeiro. DP&A, 2011.

HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. O mito do imigrante no imaginário da cultura. **MÉTIS: história & cultura** – v. 4, n. 8, p. 233-244, jul./dez. 2005. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1225/848>. Acesso em: 23 de janeiro de 2020.

HOBSBAWM, Eric. **A Era das Revoluções (1798-1848)**. 35º ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2015.

HOBSBAWM, Eric. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HOBSBAWM, Eric. **Nações e Nacionalismos desde 1870**. Paz e Terra, 2008.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LAZZARO, Agostino; FRANCESCHETTO, Cilmar Cesconetto; COUTINHO, Gleici Avancini; **Lembranças camponesas**. A tradição oral dos descendentes de italianos em Venda Nova do Imigrante. Vitória: [s.n.], 1992.

LE GOFF, Jacques. “Memória”. In: \_\_\_\_\_. *História e Memória*. Campinas: Ed. UNICAMP, 1994.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. **Projeto História: Trabalhos da Memória**. São Paulo: PUC, n. 17, 1989.

MAILER, Valéria Contrucci de Oliveira. **O alemão em Blumenau: uma questão de identidade e cidadania**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina. Área de Ensino/Aprendizagem de Segunda Língua e Língua Estrangeira. 2003.

MARTINS, José de Souza. **O Cativeiro da Terra**. São Paulo. Hucitec, 1986.

MATOS, M. Izilda S. de. Alimentando o coração: Memória e Tradição das mulheres imigrantes portuguesas - São Paulo (1900- 1950). In: SOUSA, Fernando de; MENEZES, Lená Medeiro de; MATOS, M. Izilda S. de (Orgs.). **Portugal e as migrações da Europa do Sul para a América do Sul**. Porto: CEPESE, 2014.

MEDEIROS, Simone. **Resistência e Rebeldia nas Fazendas de Café de São Carlos – 1888 a 1914**. Dissertação (Mestrado) Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Centro de Educação e Ciências Humanas, 2004.

NORA, Pierre. Entre memória e história, a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo (10), dez. 1993, p. 7-28. Disponível em:  
<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101/8763>. Acesso em: 28 de agosto de 2019.

OS 40 ANOS e os presidentes da Festa da Polenta. **Folha da Polenta**. Venda Nova do Imigrante. Outubro de 2018.

PAULA, Sérgio Peres de. **Fazenda do Centro**: imigração e colonização italiana no sul do Espírito Santo. Vitória, ES: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo; Castelo: Instituto Frei Manuel Simón, 2013.

PEREIRA, Syrléa Marques. **Entre histórias, fotografias e objetos**: imigração italiana e memórias de mulheres. 2008. Tese (doutorado) – Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal Fluminense, UFF, Niterói, RJ, 2008.

PETRI, Kátia Cristina. **“Mandem vir seus parentes”: a Sociedade Promotora de Imigração em São Paulo (1886 – 1896)**. Dissertação (Mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC – SP. 2010.

POLLAK, Michael. Memória e identidade Social. **Revista Estudos Históricos**. v. 5. Rio de Janeiro: 1992. p. 200-212. Disponível em:  
<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080> Acesso em: 17 de novembro de 2019.

PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Tradução Maria Therezinha Janine Ribeiro. **Projeto História**. PUC: São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11233/8240> Acesso em: 07 de novembro de 2019.

QUASE 115 anos de imigração do plantio à colheita: os rituais perpetuam a cultura de Venda Nova (editorial). **Caderno Especial Festa da Polenta**. Venda Nova do Imigrante-ES, [s.n.], 2005.

RIBEIRO, Diones Augusto. **Busca à Primeira Grandeza**: o Espírito Santo e o governo Moniz Freire (1892 a 1896). Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais. 2008.

ROCHA, Gilda. **Imigração estrangeira no Espírito Santo, 1847-1896**. Vitória: [s.n.], 1984.

RÖLKE, Helmar. **Raízes da Imigração alemã**: História e cultura alemã no Espírito Santo. Vitória: Ed. Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016.

SALETTTO, Nara. Transição para o trabalho livre e pequena propriedade no Espírito Santo. Vitória: Edufes, 1996. Apud RIBEIRO, Diones Augusto. **Busca à Primeira Grandeza**: o Espírito Santo e o governo Moniz Freire (1892 a 1896). Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais. 2008.

SARMIENTO, Érica. Associativismo espanhol/galego no Rio de Janeiro: conflitos, visibilidade e lideranças étnicas. In: SOUSA, Fernando de. Et. al. (coord.). **Portugal e as migrações da Europa do sul para a América do Sul**. Porto: CEPESE, 2014. pp. 560-575. Disponível em: <https://www.cepese.pt/portal/pt/publicacoes/obras/portugal-e-as-migracoes-da-europa-do-sul-para-a-americado-sul/associativismo-espanhol-galego-no-rio-de-janeiro-conflitos-visibilidade-e-liderancas-etnicas>. Acesso em: 04 de novembro de 2019.

SEEMANN, Jörn. O espaço da memória e a memória do espaço: Algumas reflexões sobre a visão espacial nas pesquisas sociais e históricas. **Revista da casa de geografia de Sobral**, Sobral, v. 4/5, p. 45-53, 202/2003. Disponível em: <http://rcgs.uvanet.br/index.php/RCGS/article/view/77>. Acesso em: 19 de novembro de 2019.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu. (organizador). **Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.

TRENTO, Angelo. **Do outro lado do Atlântico**: um século de imigração italiana no Brasil. São Paulo: Nobel: Istituto Italiano di Cultura di San Paolo: Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1988.

TRUZZI, Oswaldo. Redes em processos migratórios. **Tempo Social: revista de sociologia da USP**. V: 20, n: 1. São Paulo: 2008., p. 199-218. Disponível em:

<http://www.revistas.usp.br/ts/article/view/12567/14344>. Acesso em: 11 de janeiro de 2019.

VENDA NOVA DO IMIGRANTE. **Lei Municipal Nº 1.087**, de 12 de agosto de 2013, que declara o voluntariado como patrimônio histórico e cultural da cidade de Venda Nova do Imigrante, e institui o dia municipal do voluntariado. <http://www3.camaravni.es.gov.br/Arquivo/Documents/legislacao/html/L10872013.html>. Acesso em: 12 de novembro de 2019.

VENTURIM, Camila Dalvi. **Memória e cultura italiana: Ensaio sobre a Festa da Polenta em Venda Nova do Imigrante-ES**. Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal Fluminense – UFF, Departamento de Ciências Sociais. 2016.

VELHO, Gilberto. **Projeto e metamorfose**: antropologia das sociedades complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

ZANDONADI, Máximo. **Venda Nova, um capítulo da Imigração Italiana**. São Paulo, [s.n.], 1980.

ZANDONADI, Máximo. **Venda Nova do Imigrante**. 100 anos da colonização italiana no Sul do Espírito Santo. Belo Horizonte, [s. n.], 1992.

70 ANOS de Coral. **Revista Folha Nova**. Venda Nova do Imigrante. Março. 2014.

## **ANEXO 1**

Roteiro Base Geral de Entrevista para o Capítulo 3:  
(esse roteiro não foi, necessariamente, seguido à risca durante as entrevistas).

1 – Apresentação.

2 – O (A) senhor (a) é uma pessoa que sempre participou muito da vida política e das associações aqui em Venda Nova. Poderia contar um pouco da sua trajetória de vida no município e/ou na região?

3 – Durante sua participação na associação, percebemos que tal fato ocorreu (diante de prévio conhecimento da história da associação, cita-se um acontecimento marcante para a associação, como uma viagem realizada pelo grupo, por exemplo). Qual a importância desse acontecimento para a história da associação?

4 – Na sua opinião, qual a relevância da associação para Venda Nova do Imigrante?

5 – Sabemos que os imigrantes italianos vieram para o Brasil para trabalhar e conseguir o seu sustento. Que características dos imigrantes e dos seus antepassados você vê refletidas na associação?

6 – Qual a relação da associação com a imigração italiana em Venda Nova?

7 – Quais atividades atuais são desenvolvidas pela associação?

8 – A associação tem atas, documentos e outros escritos? Poderiavê-los?

9 – Considerações finais.

10 – Agradecimentos.

## **ANEXO 2**

### **ASSOCIAZIONE TREVISANI NEL MONDO DI VENDA NOVA DO IMIGRANTE/ES**

Histórico

FUNDAÇÃO EM 12 de maio de 1984. (primeira constituição)

PRESIDENTE DE HONRA: Camilo Cola

PRESIDENTE SIGNATÁRIO: Máximo Zandonadi

VICE-PRESIDENTE: Deolindo Perim

SECRETÁRIO: Benjamim Falchetto

TESOREIRO: José Eloi Falqueto

#### **SÓCIOS FUNDADORES**

Deolindo Perim

Vicente Perim

Domingos Carnielli

Antenor Lorenzon

Nicolau Falchetto

Benjamim Falchetto

Clementino Caliman

José Eloi Falqueto

Gabriel Falqueto

Hayde Feitosa Perim

Leandro Feitosa

Gerson Camata

Máximo Zandonadi

Brigida Bernabé Feitosa

Camillo Cola

Orlando Caliman

Pe. Cleto Caliman

Luiz Carlos Feitosa Perim

José Rubens Zandonadi

José Fernando Destefani

Tereza Falchetto Lorençao

Olímpio Perim

Antônio Brioschi

Máximo Lorenzon

Vitorio Pagotto

Cesário Altoé

#### **CONVIDADOS À REUNIÃO DE FUNDAÇÃO**

Stanislao Vecchiato – presidente da ATM di São Paulo (la prima seção no Brasil)

Danilo Coltran – presidente da Assoc. Vicentini nel Mondo di São Paulo

Walter Feltrin – presidente del Comitato Veneto in Brasile

Giuseppe Ugo – primeiro presidente dell'ATM in Brasile

Padre Cleto Caliman

Orlando Caliman – Secretário de Estado do ES representando Gerson Camatta

#### **PRESIDENTES DA ATM/VNI**

1984 – MÁXIMO ZANDONADI (até 1997)

1997 – ROMUALDO FALQUETO (até 2009)

Presidente = Romualdo Falqueto

Vice = Benjamim Falqueto

Secretário = Lenir Altoé

Tesoureiro = Eliane Gomes Zandonadi

Conselho Deliberativo = Deoclésio Perim, Antenor Lorenção, Clementino Caliman,

Gabriel Falqueto, Félix Falqueto

Suplentes: Renildo Antônio Zandonadi e Antônio Carnielli

1998 – PRESIDENTE : Romualdo Falqueto

VICE-PRESIDENTE: Benjamim Falqueto

SECRETÁRIA: Lenir Altoé

1999 – PRESIDENTE: Romualdo Falqueto

VICE-PRESIDENTE: Benjamim Falqueto

SECRETÁRIA: Lenir Altoé

2000 – PRESIDENTE: Romualdo Falqueto

VICE-PRESIDENTE: Benjamim Falqueto

SECRETÁRIA: Lenir Altoé

12 DE AGOSTO DE 2000 – CHEGADA DO STANDARTE DA ATM/VNI POR D.  
NOÉ TAMAI

2009/10 – (5 DE JANEIRO CONSTITUIÇÃO JURÍDICA) – TARCÍSIO FALQUETO

Presidente – Tarcísio Falqueto

Vice – Dinorá de Fátima Bonfim Falqueto

Conselho Fiscal: Denio Roger Falchetto Giubbini, Ivana Casagrande Scabelo e Higino  
Falchetto Jr.

Suplentes: Benjamim Falchetto, Romualdo Falchetto, Clementino Caliman

2011/12 – IVANA CASAGRANDE SCABELO

2013 – IVANA CASAGRANDE SCABELO (ANO DE SEU FALECIMENTO)

2014 – HIGINO FALCHETTO JUNIOR (CUMPRIMENTO DO MANDATO DE  
IVANA)

2015/16 – HIGINO FALCHETTO JUNIOR

2017/18 – HIGINO FALCHETTO JUNIOR

2019/20 – DENISE ZANDONADI

## FONTES

1 – Arquivos das Associações:

ASSOCIAZIONE TREVISANI NEL MONDO DI VENDA NOVA DO IMIGRANTE.  
AMENA-Casa da Cultura. **Ata da reunião realizada no dia 3 de julho de 2013.**

CIRCOLO TRENTINO DI VENDA NOVA. Câmara Municipal de Vereadores de  
Venda Nova do Imigrante. **Ata da reunião realizada no dia 9 de agosto de 1991.**

Histórico Da Associazione Trevisani Nel Mondo Di Venda Nova Do Imigrante/ES.

2 – Depoimento Oral:

ALTOÉ, Gláucia Maria Feitoza. Venda Nova do Imigrante/ES – 2019.

ALTOÉ, Tiago. Venda Nova do Imigrante/ES – 2019.

BRIOSCHI, Angélica. Venda Nova do Imigrante/ES – 2019.

CALIMAN, Tarcísio. Venda Nova do Imigrante/ES – 2019.

FALCHETTO, Benjamim. Venda Nova do Imigrante/ES – 2019.

FALQUETO, José Elói. Venda Nova do Imigrante/ES – 2019.

FALQUETO, Lourdes Altoé. Venda Nova do Imigrante/ES – 2019.

FALQUETO, Romualdo. Venda Nova do Imigrante/ES – 2019.

FEITOZA, Cristina Brunelli Zardo. Venda Nova do Imigrante/ES – 2019.

FIDELIS, Leandro. Venda Nova do Imigrante/ES – 2019.

FRANCESCHETTO, Cilmar Cesconetto. Venda Nova do Imigrante/ES – 2019.

JUNIOR, Higino Falchetto. Venda Nova do Imigrante/ES – 2019.

ZANDONADI, Denise. Venda Nova do Imigrante/ES – 2019.

3 – Outras fontes:

VENDA NOVA DO IMIGRANTE. Câmara Municipal. **Projeto de Lei Nº 037/2013.** Declara o voluntariado como patrimônio histórico e cultural da cidade de Venda Nova do Imigrante, e institui o dia municipal do voluntariado. Texto original.

Folha com repasses dos últimos anos realizada pela AFEPOL (1995 – 2014).

Folha de apresentação do 2º Jantar Trentino realizado pelo Circolo Trentino.

4 – Sites consultados:

<https://trevisaninelmondo.it/>

<http://radiofmz.com.br>

<http://trentininelmondo.it>

<http://www.festadapolenta.com.br>

<http://www.castelo.es.gov.br/>

<http://familiaventurim.com.br/>

<http://vendanova.es.gov.br/>

<http://antigo.es.gov.br/EspiritoSanto/>

[https://ape.es.gov.br/Not%C3%ADcia/arquivo-publico-lanca-livro-sobre-imigracao-italiana-em-anchieta.](https://ape.es.gov.br/Not%C3%ADcia/arquivo-publico-lanca-livro-sobre-imigracao-italiana-em-anchieta)

<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2015/05/italianos-lemboram-dificuldades-de-migrantes-que-viaram-ao-brasil.html>